

Universidade Federal de Santa Catarina– UFSC
Centro de Ciências da Educação – CED
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSC
Linha Educação e Comunicação

Heloísa da Silva Karam

Histórias de infância e o que nos ensinam sobre modos de (re)viver
e de sentir um ambiente

Dissertação submetida ao
Programa de Pós Graduação em
Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção
do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Karam, Heloísa da Silva
Histórias de infância e o que nos ensinam sobre modos de
(re)viver e sentir um ambiente / Heloísa da Silva Karam ;
orientador, Leandro Belinaso Guimarães - Florianópolis,
SC, 2013.
183 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Narrativa. 3. Educação ambiental. 4.
Estudos culturais. 5. Governador Celso Ramos. I.
Guimarães, Leandro Belinaso . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
Titulo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“HISTÓRIAS DE INFÂNCIA E O QUE NOS ENSINAM SOBRE MODOS DE (RE)
VIVER E SENTIR UM AMBIENTE”**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/11/2013

Dr. Leandro Belinaso Guimarães (CED/UFSC-Orientador)

Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos (UFSM-Examinador)

Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Marise Basso Amaral (UFF-Suplente)

HELOISA DA SILVA KARAM

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/NOVEMBRO/2013

Luciane Maria Schindwein
Prof. Luciane Maria Schindwein
Coordenadora do PPGE/CED/UFSC
Portaria nº 1548/GR/2013

Agradecimentos...

Aos amigos do Tecendo, pelos trabalhos, histórias e sorrisos compartilhados.

Gilka, Valdo e Cristina, pela leitura compreensiva na qualificação, pelas palavras e trabalhos inspiradores.

Mãe, Pai, Bel, Neto, Lola e Victor, cada um ao seu modo, foram presentes e importantes para a concretização deste desafio.

Minha companheira **Luna**, por seu olhar tranquilo, pela terapia diária, por me fazer levantar todos os dias para caminhar.

Neila, Karam, Fran e Lê, a essa família linda por todo apoio e pelas prazerosas e sensíveis conversas.

Ao meu gentil amigo e orientador **Lê**, pela acolhida, amizade, confiança, liberdade... Pela humildade de me ajudar tanto e mesmo assim deixar tudo tão meu...

À minha amiga Jane, pelos tantos momentos em que compartilhamos dúvidas, receios, emoções e aprendizados!

*Às amigas **Mari e Maria Isabel**, pelas constantes conversas.
Vocês duas, de diferentes modos, trouxeram paz à minha alma.*

...Aos meus **amigos**, por compreenderem nossa ausência...

*Aos meus avós, pelo amor e carinho que me
ofereceram... Obrigada pela alegria presente nessas
lembranças.*

**Aos amigos vizinhos: Nina, Rico, Juan e
Ingrid**, pela alegria que trouxeram às nossas vidas.

**Aos meus sinceros amigos de Governador Celso Ramos, em
especial aos queridos co-autores deste trabalho: Alix,
Careca, Nete, Santana, Maninha, Vava e Benta. Serei
sempre grata pelos grandes ensinamentos!**

*Ao meu amor Marcell,
pela compreensão, pelas inúmeras
leituras, pelo apoio às minhas decisões e por
manter o seu abraço e o nosso lar o melhor
lugar para se estar...*

... a todo esse ambiente que me faz...

OBRIGADA!

Quem tenta ajudar uma borboleta a sair
do casulo a mata.
Quem tenta ajudar um broto a sair da
semente o destrói.
Há certas coisas que não podem ser
ajudadas.
Tem que acontecer
de dentro para fora.

Rubem Alves

RESUMO

Inspirada pelos estudos culturais em seu encontro com a educação, esta pesquisa propõe pensar sobre os modos como os sujeitos sentem, vivem, aprendem-ensinam sobre um ambiente. Neste caso, a proposta volta-se para um grupo de cinco pessoas que têm suas histórias de infância intensamente ligadas à cidade litorânea de Santa Catarina: Governador Celso Ramos. Com o intuito de provocar as contações, os personagens foram incitados a falar sobre objetos que disparam lembranças. Logo, estes artefatos assumiram o papel de protagonistas em suas histórias. Eles ganharam vida em relatos, borraram alguns delineamentos do que seria um objeto e possibilitaram intensas narrativas sobre acontecimentos afetivos. Através de autores como Bosi, Portelli, Benjamin, Brandão e Barcelos, a pesquisa opera conceitos de memória, narrativa e suas correlações com a educação ambiental. Aqui o contar e o ouvir mostram-se como possibilidades de se produzir outras formas de (re)pensar o presente e inventar desejos de futuro. Dentro do campo teórico dos estudos culturais, a pesquisa traz autores como Canclini, Hall, Willians, Ferrazo e Reigota, que me levaram a entender os narradores como referências da pesquisa, por trazerem das margens modos de pensar e ensinar-aprender sobre um lugar. Por fim, esse olhar nos possibilita criar, por entre as belas narrativas que enredam esta pesquisa, um ambiente contado com suas multiplicidades culturais, que se dá com/no e através do cotidiano. Neste movimento, as histórias contadas nos levam a construir uma noção de ambiente como algo permeável e poroso, constituído de seres – pessoas, outros animais, objetos, lágrimas, restos, rastros – afetos, emoções e tudo aquilo que parece possível de se contar e encontrar.

Palavras-chave: Memória, Narrativa, Ambiente, Estudos Culturais, Educação Ambiental, Governador Celso Ramos.

ABSTRACT

Inspired by cultural studies in their encounter with education, this research suggests reflection about the ways the subjects feel, live, learn and teach about an environment. In this case, the proposal is turned to a group of five people who have their childhood stories intensely linked to a coastal city of Santa Catarina: Governador Celso Ramos. With the intent to trigger the story-telling, the characters were encouraged to talk about objects that bring back memories. Soon, these artifacts assumed the role of protagonists in their stories. They acquired life in reports, some blurred outlines of what would be an object and enabled intense narratives about emotional events. Through authors like Bosi, Portelli, Benjamin, Brandão and Barcelos, the search operates concepts of memory, narrative, and their correlation to environmental education. Here the telling and listening are shown as possibilities of yielding other forms of (re) thinking the present and inventing desires for the future. Within the theoretical field of cultural studies, the research brings authors as Canclini, Hall, Williams, Ferrazo and Reigota, which led me to see the narrators as research references, by bringing from the margins ways of thinking, as well as teaching and learning about a place. Finally, this view allows us to create, through the beautiful narratives that permeate this research, an environment told with its cultural multiplicities that occur with/ in and through the everyday routine. In this movement, the stories lead us to construct a notion of environment as something permeable and porous, consisting of beings – people, other animals, objects, tears, remains, traces – affections, emotions and everything which seems possible to tell and find.

Keywords: Memory, Narrative, Environment, Cultural Studies, Environmental Education, Governador Celso Ramos.

SUMÁRIO

Ao começar, uma pergunta: existe início?.....	17
CAPÍTULO 1 – Os fios que encontro e as linhas que escolho: cores, texturas e espessuras	27
CAPÍTULO 2 – Como colher retalhos? Uma metodologia que se cria.....	39
CAPÍTULO 3 – “Contar para guardar” Os personagens e algumas cenas	51
Entrevista 1– Santana.....	51
Entrevista 2– Alix	60
Entrevista 3– Cristiana.....	69
Entrevista 4– Anilton e Nete.....	78
Entrevista 5– Orivaldo e Benta.....	91
CAPÍTULO 4 – Passeio por lembranças: objetos, pessoas, cheiros e lágrimas.....	105
CAPÍTULO 5 – Nas estantes: objetos, brincadeiras e aquilo que disparam	133
CAPÍTULO 6 – Últimas linhas.....	165
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXO 1 – Roteiro.....	175
ANEXO 2 – Termos de Autorização.....	177

Venho descobrindo "eus" que me habitam...

É algo tão inesperado que em alguns momentos me assusto com suas vozes...

Inacreditável eu ter convivido com tantas opiniões diferentes por 28 anos e só ser apresentada a elas agora!

Um desses "eus" meus diz que é hora de começar a escrever minha história. Esse é o "eu objetivo", não aceita certas curvas, prefere linhas retas, sem momentos para repensar.

Repensar é bobagem para ele.

Mas há muitos outros, que já gritam por aqui: "Que bom!" E tenho muito que os agradecer. Sem eles muitas descobertas não se dariam... Acho que tenho dado mais espaço a eles...

Dentre estes habita um "eu artista". Não o vejo, mas o sinto mais feliz a cada dia. Foi um prazer conhecê-lo.

Um dia, quem sabe, dedicarei dias inteiros a ele. Por hora são só alguns momentos, curtos, porque esse novo ainda me dá medo! É o novo, que, por si só, já provoca esse sentimento.

Por que estou te contando isso? Para que entendas que a pesquisa pode mais do que comumente se propõe.

Ela pode ir além. Mexer profundamente com o escritor/autor. Isso já se deu, se dá, enfim.

Mas quero mais...

Você está convidado a repensar, reescrever sua história. Contá-la!

Está preparado(a)?

Não?

Que bom! Então, surpreenda-se com seus pensamentos!

Ao começar, uma pergunta: existe início?

Não é à toa que esta questão mereceu tanto tempo de formulação. Há algum tempo falar sobre o início poderia parecer simples para mim. Mas algo mudou. Algumas referências, algumas ideias que passei a encarar me fizeram ver que nossas referências são construídas histórica e culturalmente, tal como pude ler em Stuart Hall (2007). Questões estas que converso contigo ao longo do trabalho. Mas me cabe agora somente apresentar que não pretendo trazer um olhar ingênuo. Ao menos não pretendo. E entendo que há histórias que se deram antes das minhas, outras tantas, que estão associadas diretamente, ou indiretamente, às que eu venho contar nessa introdução. Sou feita de histórias. E mais do que isso: minhas histórias são feitas de histórias. O bom desse modo de se encarar é que nos sentimos ainda mais atravessados pelo mundo. Permeada de tantos questionamentos em algum momento questionei: que histórias não estariam sendo contadas sobre um lugar? Sobre um *espaçotempo*¹?

Eu poderia começar explicando de forma sucinta e precisa onde surgiram as questões que me movem nesta pesquisa. No entanto, faltaria algo, ou muito. Porque falar do começo, do início, não é uma tarefa simples para quem se envolve e se vê encharcada de experiências que apontam para indícios de inícios distantes no tempo.

Meu início pode vir de longe. Ele pode partir do momento que “surgiu” meu interesse pelo tema da dissertação, por exemplo. Mas também pode ser de um tempo anterior, quando “surgiu” meu interesse pela biologia. No entanto, a vontade de cursar esta área também se baseava em outras histórias, ainda mais antigas. Então viajo para tempos distantes e busco na minha memória outros inícios. Com o tempo passo a entender que este não pode ser estabelecido, delimitado...

Mesmo estando ciente de que muitos pontos estarão sempre ausentes e ainda reconhecendo os limites e as nebulosidades que os relatos de memória envolvem (ponto que tratarei com cuidado mais adiante) me propus a vagar por esse caminho sinuoso e trazer minhas lembranças, meu percurso, meus tantos inícios e justificativas. Numa proposta de escrever a partir, com e por entre tudo o que me tocou.

Assim, chego às experiências da minha infância...

¹ Grafo desta forma de acordo com Nilda Alves (2000), que vê tais questões como inseparáveis, intrincadas uma com a outra.

Eu te poupo, parte da minha vida que se restringia aos meus choros constantes e aos cuidados de meus pais. Mas não muito distante destes dias, já começa essa história: quando entro na escola aos 3 anos de idade. Realmente lembro muito pouco deste ano e dos dois outros que o seguiram, mas me recordo de uma professora desta época, que através de meus pais, sei que se chamava Regina. Ela sentou-se um dia comigo e com meus colegas de turma no parque da escola e disse que a grande e bela árvore de pontos brancos que cobria o lugar era um pé de algodão.

“– Algodão?”

Realmente era muito bonita... No final daquele ano nem pude dar um abraço nesta querida professora, pois antes do fim das aulas já estava a caminho de Santa Catarina (SC). Uma viagem até curta, para quem dorme durante todo o tempo, mas longa também porque separava o meu mundo de prédios, estradas e passeios de carro, de um outro mundo, desejado intensamente por uma criança.

Assim passei alguns importantes anos da minha infância. Nesse vai e vem entre São Paulo e as praias de SC, mais especificamente nas praias do Município de Governador Celso Ramos². Nessa época eu já sabia que era junto dos meus avós e do mar que eu amava ficar. Quando penso em momentos intensos de felicidade são essas as lembranças de minha infância que mais me recorrem aos olhos: eu me vejo correndo, ou caminhando sobre as rochas do costão. Havia uma pedra preferida, entre plantas e líquens, onde colocava minhas bonecas e brincava de casinha. Ali tinha o barulho do mar, o cheiro das algas, a vida percorrendo aos meus pés. Até conchas viravam telefone para bonecas. Era um mundo de brincadeiras de sereias, histórias com siris e baiacus. São lembranças de um tempo, de um espaço que insisto em manter e lembrar de tempos em tempos, como um estímulo, um reforço aos meus dias, e descanso para meus sonhos. Revejo, repenso sobre a intensidade daqueles momentos, como amava aquele lugar, como gostava de estar lá e como o queria bem.

Lembro-me que o tempo voava entre pescarias com meu avô, banhos de mar, mergulhos de novas pedras, descobertas de diferentes animais, caminhos e fendas. Foi lá que vi pela primeira vez um

² A cidade de Governador Celso Ramos está localizada a 41km da capital Florianópolis, possui em torno de 13.000 habitantes e tem como base de sua economia a pesca artesanal e industrial e, em menor escala, o turismo. Com colonização de base açoriana, sua história foi marcada pela agricultura e posteriormente pela pesca da baleia. Fontes: www.ibge.gov.br; www.governadorcelso Ramos.sc.gov.br

escorpião (e nunca me esqueço), comi fruta do pé, conheci jabuticaba, siri, ostra, marisco, polvo e muitas outras vidas. Aprendi, depois de muito tempo sentindo medo, a respeitar os costumes de minha avó, com suas benzeduras, seus palavreados e sua adoração pelo Divino Espírito Santo.

Eu amava tudo, respeitava muito e confiava, como se fizesse parte de mim. Na praia onde passava meus melhores dias - Praia do Antenor - eu conhecia cada canto, cada pedra. Sabia onde podia ver baiacus, onde as pessoas costumavam pegar ostras e mariscos. Lembro até de pensar nas marés e me preocupar com perigos que elas traziam para a volta dos passeios. Mas aos poucos minhas escolhas me distanciaram daquele mundo. Eram outros interesses e a agitação da minha juventude não cabia mais naquele pacato lugar. Muitas coisas aconteceram desde então, é claro.

Foi ainda quando adolescente que resolvi ser bióloga. A ideia era conhecer e cuidar de golfinhos ou macacos (os mamíferos de preferência), mas acabei parando no laboratório de Crustáceos da Universidade Federal de Santa Catarina. E foi um sonho! Viajar em alto mar, trabalhar na praia, fazer coletas de barco... Estava tudo muito bem, mas o que me fez mudar foi algo ainda mais forte...

Gostaria de continuar, mas a história é muito longa, e tenho muito que contar. Mas para começo de conversa só queria mostrar que alguns fatos da minha infância, em determinado momento, foram sendo vistos por mim como caminhos que me levaram até onde cheguei. A lembrança da árvore no jardim me parece ser um exemplo de como eu poderia ter passado despercebida por um local, mas o observei, o senti, e o amei. Este caso, assim como a vivência em Governador Celso Ramos, são fatos que pareciam soltos, mas poderiam ser encaixados.

Em determinado momento fiz algumas ligações entre as minhas experiências e minhas opções de vida subsequentes. Passei a pensar que meus aprendizados e vivências estavam me direcionando para optar por caminhos, às vezes muito próximos dos que já seguia, e às vezes, bem distantes. Mas de qualquer forma pareciam sequências de fatos que se configuravam aos meus olhos e eu os unia, dando um sentido aparente a quase tudo.

Foi assim que escrevi o meu projeto para o mestrado. Com este pensamento, unindo os pontos como se pudesse formar uma linha do tempo: Isso, depois disso, que, por consequência, levou-me a isso, e assim por diante. No entanto, já nos primeiros meses de iniciação desta pesquisa e a partir do estudo sobre os assuntos que abordo, pude observar que havia muito mais possibilidades, e que cada fato,

aparentemente pontual, tinha mil possibilidades, setas que se direcionam em diferentes ângulos. A partir de então eu praticamente travei, porque as informações soltaram-se...

Talvez isso fosse necessário, porque não eram só meus sentidos que estavam envolvidos, isto refletia também na maneira de me relacionar com os questionamentos da minha pesquisa. O que a tornou ainda mais inquietante, porque ela fala de sentimentos, escolhas, valores, e toda subjetividade que estes temas envolvem. As coisas já não me pareciam assim tão simples: escolhas como resultado de vivências... Havia outras questões em jogo.

Foi então que percebi a importância da delicadeza do olhar e o quanto ele precisava permanecer comigo, na minha pesquisa e na minha escrita. Enfim, a intenção seria não cair numa pesquisa taxativa, que procura algumas respostas e acaba direcionando – mesmo inconscientemente – as perguntas para encontrar algo já determinado.

Assim como a delicadeza, percebi neste momento que eu precisava também ter cuidado com as palavras, com as escolhas de forma geral. Além da tranqüilidade para ouvir e saber silenciar, sem analisar ou julgar com convicção, cheia de certezas. Pontos estes que conversaremos mais tarde.

Mas voltando à minha história... Queria te contar que foi em uma expedição científica a uma Ilha Oceânica Brasileira³, entre tantos momentos, *silêncios*⁴, situações de reflexão, que pude perceber um desejo muito íntimo de me inserir em práticas de educação ambiental. Eu queria, de alguma forma, trazer às outras pessoas a beleza da vida, a importância de nos reaproximarmos uns dos outros e da natureza.

Logo em seguida passei a desenvolver minhas primeiras atividades de educação ambiental em um Projeto de Extensão do Grupo PET⁵, do qual fazia parte como graduanda de Ciências Biológicas da

³ A expedição científica, realizada em maio de 2005, teve como destino o Arquipélago de São Pedro e São Paulo – um conjunto de ilhas originadas a partir de cadeias de montanhas submersas, portanto sem ligação com o continente. Este arquipélago está localizado à 1010 km do litoral do Rio Grande do Norte e possui uma estação científica, mantida através do revezamento de pesquisadores, num programa controlado pela Marinha Brasileira, chamado PROARQUIPÉLAGO.

⁴ No sentido de Preve (2010) “Silêncio não justifica ausência. Vazio não quer dizer nada. [...] O silêncio, o vazio são reservas inesgotáveis de possibilidades.” (p. 72)

⁵ Programa de Ensino Tutorial (PET) – o qual realizava em 2005 um projeto de extensão em educação ambiental na Escola da Serrinha, comunidade vizinha da Universidade Federal de Santa Catarina.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Algo que com o tempo tornou-se uma necessidade minha, pessoal, e acabou virando o meu trabalho. A princípio a Educação ambiental era vista por mim de forma bem pragmática. No meu ponto de vista algo tinha que ser feito e a forma de alcançar isso era através da informação. Nesse sentido, eu entendia que os maus hábitos eram consequência pura da falta de conhecimento.

Mas nada como os dias, as noites e importantes autores nos dando apoio depois de atividades inquietantes... Questionar minha prática sempre foi, e é, algo constante na minha vida. E nesse momento foi uma saída para buscar algo que tivesse mais de mim. Eu sabia que poderia contribuir mais, mas ainda não tinha entendido que minha vivência poderia ser uma chave. Guimarães (2010) nos fala dessa necessária produção de práticas que é tão singular, e deve surgir do educador.

Praticar educação ambiental não deixa de ser o mesmo que contar algumas histórias, quicã cinematográficas, sobre um mundo, uma cidade, um lugar, um ambiente. Contudo, não deixa de ser, também, criar mundos, disparar a imaginação de *realidades* outras, deixar-se adentrar as inventividades tecidas a partir do nosso trabalho educativo. (GUIMARÃES, 2010, p. 80)

Realmente o encontro com a liberdade de criação e a valorização dos sujeitos, aluno(a), professor(a) foi instigante para mim. Percebi que contar minhas histórias e deixar que outros contem as suas poderia ser uma forma de promover educação ambiental. Mas não imaginava quantos fios sairiam dessa primeira costura. Foram muitas descobertas. A cada nova leitura outras potencialidades desse modo de pesquisar foram surgindo. Mas isso descobri depois, e por isso aprofundo mais tarde.

O que fica neste momento é a descoberta de um campo de possibilidades que exige destreza, criatividade, vontade de fazer diferente. Seria uma proposta de educação ambiental mais envolvente porque, tal como indica Reigota (2002), esta “não têm a pretensão de dar respostas prontas, acabadas e definitivas, mas sim instigar questionamento sobre as nossas relações com a alteridade, com a natureza, com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com o nosso eventual porvir” (p. 140).

Essas referências mais tarde me deram estímulo e coragem para criar também, a partir das minhas vivências, outras formas de fazer educação ambiental. Isso através das leituras e discussões do “Grupo TECENDO - Educação Ambiental e Estudos Culturais” – do qual passei a fazer parte desde o início de 2010 – conduzida pelas mãos de colegas e pesquisadores do grupo.

Com o tempo fui reconhecendo minhas características e tendências e, a medida em que pude compreender mais minhas habilidades, fui me aproximando ainda mais da prática educativa. Segundo Sampaio (2010) – educadora ambiental que me identifico no seu encontro com a área – “O educador ambiental (ou aspirante a educador ambiental) constrói seu percurso próprio, a partir do repertório profissional, de seus interesses teóricos e de seus ideais utópicos” (p.84). Percebo que essa minha construção como educadora teve grande força devido ao meu repertório de experiências. Que, apesar de ainda jovem, já tinha suas potências. Ali estariam minha infância, minha formação, minha vivência como educadora encarando grupos de crianças, idosos, adolescentes, enfim, a convivência com tantas pessoas interessantes.

Mas meu ponto alto foi quando fui chamada para desenvolver um trabalho de educação ambiental justamente na cidade de Governador Celso Ramos (GCR) em 2008. Sim, eu estava mais uma vez naquele lugar. Mas agora trabalhando para cuidá-lo.

Não houve até então vivência profissional que tenha me tocado, permitido, provocado algo tão significativo quanto trabalhar com educação ambiental naquele lugar. Seria propriamente a experiência no sentido de Larrosa (2002) como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21).

Trabalhei como Coordenadora do Projeto “Conhecer para Preservar”, mantido pela Prefeitura de Governador Celso Ramos, mas fui além, mergulhei nas suas histórias, aderi a outros costumes, mudei até meu jeito de falar. E o mais interessante: mudei meu olhar sobre cada um daqueles moradores.

Talvez por tudo que vivi, ao retornar àquele lugar algumas imagens guardadas em minha mente tiveram de ser reformuladas, refeitas para tentar compreender a complexidade daquela cultura. Antes eu pensava que seus moradores não gostavam de lá pelo fato de possuírem hábitos negligentes com o ambiente, provocando a degradação dos rios, das matas, do mar, das praças, das casas.

Eu percebia que alguns hábitos comuns na comunidade, como: jogar cascas de camarão na praia, queimar o lixo, jogar o óleo dos barcos e todo o tipo de dejetos no mar, eram estranhezas e revoltas que

eu guardava comigo. No entanto, com o tempo pude reavaliar essas impressões e abrindo-me para explorar este lugar, descobri que havia muito mais do que uma cidade de infância lá: havia histórias, costumes, crenças, informações que tornavam a vida e as ações de cada cidadão de GCR também reflexo de um contexto geral. Não moravam lá pessoas ditas comumente como mal informadas. Viviam sujeitos com histórias ricas, vidas e relações com o mar ainda muito mais intensas que as minhas. Eu pensava: quem eu poderia ser dentro daquelas vidas e que significado eu e minhas ações teriam dentro daquele lugar?

A convivência me ensinou muito, os relatos das pessoas disseminaram em minha mente novas formas de ver, pensar e viver costumes... Que trabalho acrescentaria algo para eles? De que forma poderia alcançá-los? Era necessário mergulhar naquele mundo, tentar compreendê-lo para ressignificar diferentes formas de agir, a fim de alcançar meu ideal, trazer mais qualidade de vida àquelas pessoas e cuidado para com o lugar.

Como resultado, adquirimos um belo e rico projeto, construído através do contato direto com as professoras da rede municipal, o qual foi desenvolvido na comunidade *gancheira*⁶. Atuando neste projeto pude encontrar pessoas que atuavam de maneira modificadora. Eles são agentes, que de diferentes modos provocam o repensar sobre a comunidade, defendem os espaços, promovem a cultura com respeito pelas pessoas e pela vida de forma geral... E diante de todo esse contexto tu te perguntas, o que eles viveram? Por que e como se dão essas suas relações com o lugar? Que histórias eles tem para contar? Mais do que isso, pensar nas experiências de pessoas de uma comunidade rica, cheia de tramas, e com ingenuidade e simplicidade de uma vida em contato com a natureza poderia, a meu ver, proporcionar ainda mais.

Entendo que é nesse cerne que este trabalho se concentrou. Uma busca para encontrar nas histórias de sujeitos algumas experiências que os tocaram. Observar na infância destes amigos e personagens algo do local que os constitui, os transformou ou os transforma agora. *Pensar sobre essas imagens/cenas que vivem e contam sobre um modo de habitar e se relacionar com um lugar. Esta é, acredito, minha questão de pesquisa.*

⁶ Forma como chamamos os moradores de Governador Celso Ramos. Essa designação se deriva do anterior nome dado à cidade, em sua emancipação em 1963, “Ganchos”, e que foi substituído pelo atual em 1967. As histórias que justificam essa anterior denominação são muitas, algumas o relacionam ao formato de suas baías. Mas outras versões referem-se a uma visita do Capitão Gancho à região.

Por conseqüência, decidi então encarar outras formas de contar o lugar, enredado de fios íntimos, de costumes, desapropriados ou apropriados de resquícios de suas culturas.

Com meu entranhamento nesta área passei a reconhecer a força que o contar atua nos sujeitos participantes: um repensar/reformular importante na educação ambiental. E que possivelmente também se dará nos leitores que aqui encontrarem seu espaço.

Com um punhado de perguntas nas mãos, nos olhos, nos ouvidos e dentro de mim vaguei atenta por essas histórias. Tinha a função de selecioná-las, costurá-las, criando enredamentos, formas de encarar e analisar essas contações, relacionando-as à formação destes sujeitos. Mas queria também descosturar fios, questionar as ligações já tão fixas.

A partir das possíveis tramas que criei com estas histórias, meu intuito foi, por fim, pensar em modos de promover educação ambiental, baseada em experiências, tocado pela sensibilidade destas pessoas. Entendendo a complexidade desta ideia como algo curvo, solto e sem delineamento.

Por partir da perspectiva de que meus interesses são fruto do que vivi, reconheço a subjetividade que isso implica. Por isso compreendo que todos esses momentos contados por mim têm o meu olhar de pesquisadora, que segundo Juremir Machado da Silva (2011, p. 15) “seleciona e constrói o que vê”. Portanto estas costuras seriam minhas, singulares por este motivo, mas colocadas para que cada um possa desenhá-las de outras formas.

A partir dessas idéias percebi que a forma como eu vinha estruturando e desenhando o meu trabalho tinha semelhanças com a confecção de uma colcha de retalhos. Foi uma alegria encontrar essa semelhança, porque a colcha de retalhos, ou de fuxicos é uma imagem que atravessa aquele lugar. Por muito tempo foi uma forma encontrada para manter as crianças aquecidas no inverno. Fazia-se as mantas coloridas, tendo cada retalho uma grande história, porque já teria feito parte de uma roupa, uma toalha ou uma cortina. Depois, comecei a fazer um exercício de analogia entre esta produção manual e minha pesquisa, o que me serviu muito bem: pequenas histórias, fatos, relatos, pequenas respostas, ou seriam possibilidades que cada retalho nos oferece? E assim os tecemos, talvez escolhendo (e nisso me interessei muito) com um olhar atento àquilo que parece ter ligação: lembranças, histórias, imagens, objetos – da mesma forma como uma costureira seleciona seus recortes e cores. Estes retalhos estariam ligados por fios, linhas de pensamentos, correntes de ideias, os quais serão descobertos e selecionados também no caminho, na arte do fazer.

No entanto aquilo que a princípio me parecia tornar-se uma obra prima, cheia de grandes objetivos, metas, num lindo discurso, que resultaria num belíssimo trabalho, desdobrou-se e ganhou outras potências. E fico satisfeita com essa mudança! Pois antes entendia que tinha que ser assim, como não? “Meu trabalho será lindo...” Mas ele é feito de retalhos e isso justifica tudo. Não encaixará como belo, dentro destes padrões estéticos que tanto estamos mergulhados: colchas de retalhos de um mesmo tecido e cores combinando. Mas poderá se tornar uma colcha daquelas que tu a princípio não admiras tanto, talvez até desdenhes. Mas quando olhas de perto, conheces suas vidas, lês seus pontos e mergulhas na história dos tecidos, vês uma riqueza incomparável. Sim, algo único, singular. Não como um mérito de quem as teceu, mas devido a intensidade dos tecidos, das linhas, dos fios utilizados.

Ao final preciso te dizer que esta pesquisa foi pensada, e aqui escrita, como um ensaio de uma descoberta. Como pesquisadora, fui me descobrindo como autora, e me aventurando mais a criar, pensar, escolher a partir das minhas vivências e dos meus encontros. E por isso abracei a vontade de trazê-los para dentro deste texto. Deixei visíveis os caminhos percorridos por entender a importância desse processo.

Primeiramente apresento – no Capítulo 1 – alguns trabalhos estudados, os quais estão relacionados com meus temas de pesquisa: trabalhos com narrativas, com educação ambiental, memória, entre outros. Por isso chamo de “Os fios que encontro” e “As linhas que escolho”.

No capítulo 2 apresento o modo como decidi me aproximar dos sujeitos e por consequência, “dos retalhos”. Neste ponto algumas histórias e casos me ajudaram a explicar essas decisões, salientando também as dúvidas constantes, as angústias e os receios que se mantiveram durante a pesquisa e acredito que nunca se extinguirão.

No capítulo 3 primeiramente apresento aqueles que ouvi através de suas falas, respeitando os seus tempos e contextualizando aqueles encontros através dos diários de campo.

Já no capítulo seguinte conto sobre estes passeios pelos mundos de outras pessoas. O que senti e o que me contaram. São os retalhos em si e o que eles, as pessoas e suas vidas promoveram em mim. Neste momento, início e esboço uma seleção de retalhos, que delicadamente escolho para costurar uma colcha de restos. Uma tarefa complexa, mas inadiável, que aconteceu durante a construção da pesquisa. Penso que criamos colchas o tempo todo, tentando dar forma ao caos, buscando respostas a tantas perguntas, no entanto outras questões surgem...

No capítulo 5 trago algumas histórias que pareceram saltar das narrativas. Este é o texto em que a escrita cresce por trazer as narrativas diretamente como fontes de referência, possibilitando ao leitor(a) espaços vagos. Através dos objetos e brincadeiras apresentados outras noções surgem e extravasam sensações, ampliando ainda mais esta colcha de retalhos.

Por fim, trago no capítulo 6 algumas linhas que evidenciam os interesses presentes durante a produção deste trabalho, apresento algumas notas que ressaltam os pontos de conflito, as angústias presentes e os questionamentos que ficam como possibilidades para seguir...

Ufa! Olhos atentos. Sentidos aguçados... Vamos lá?

CAPÍTULO 1 – Os fios que encontro e as linhas que escolho: cores, texturas e espessuras

Mais uma página do mesmo livro
Mais uma parte da mesma história
(...)

A gente vive a história, vive a gente
Vive a história, vive a gente.

Sou pássaro no pé do vento
Que vai voando a esmo em plena
primavera
Cantando eu vivo em movimento
E sem ser mais do mesmo
Ainda sou quem era.

Maria Gadu
Edu Krieger

Esses são versos de uma música que me faz lembrar do percurso que atravessei desde quando passei a me envolver com este projeto. Posso dizer que muito mudou, desde as próprias ideias iniciais da pesquisa até meu olhar para cada imagem, que antes parecia tão fixo. As vontades e tudo que se refere a mim, ao lugar e às pessoas movimentaram-se, o que era de se esperar, mas talvez eu não estivesse preparada. O interessante é que com esse deslocamento, algumas questões trabalhadas na pesquisa encontraram ligações com exemplos meus. São fatos que não só exemplificam, mas dão vida às minhas falas. Algo que não é tão facilmente explicado, mas que vou clareando ao longo do texto.

Um exemplo disso seria a minha intenção de continuar procurando bases, ligações com minhas memórias. E mesmo em movimento eu continuo a relacionar outros fatos às minhas lembranças, recontando-as. O que me faz pensar que ainda sou quem era, porque ligo o novo ao que já aconteceu, o tempo todo. Não como um desafio que me proponho conscientemente ou uma necessidade. Mas como um arranjo que simplesmente acontece, como gavinhas buscando bases para se enrolar, mas que continuam crescendo, indo, voltando, sempre apoiadas em algo, nem sempre fixo.

E neste contexto fui identificando que alguns autores poderiam me ajudar a justificar o meu trabalho e outros estariam me impulsionando a pensar algo a mais. Eu sabia que neste, assim como em outros trabalhos de pesquisa, eu deveria caminhar pelos conceitos já ditos e pelas situações já criadas, adentrando num mundo de informações e experiências sobre os temas que abordo: memória, narrativas, cultura, ou trabalhos sobre o próprio município de GCR, por exemplo. Mas a minha inspiração para a autoria vinha das relações que eu criava com outras referências que surgiam. As quais não vislumbrava como justificativa do trabalho. Eram elas poesias, filmes, músicas, imagens, intervenções artísticas ou “simples” fatos ou falas do meu cotidiano. No meu caso, sinto esses acontecimentos como linhas de fugas, que me ajudam a pensar essa pesquisa de maneira mais inventiva. E estas linhas, por serem disparadoras no cotidiano da pesquisa, precisavam – ao meu ver – vir à tona, entrando aqui como referências de estudo.

Dessa forma sigo numa proposta em que aquilo que me toca tem espaço, mesmo que seja distante dos modos convencionais de escrita acadêmica.

Esses encontros, essas paixões que ocorreram, eu resolvi chamar de linhas ou fios. Entendo que foram elas que me ajudaram a costurar tantas histórias. Eu diria que as linhas estão todas por aí, emaranhadas, soltas, perdidas, escondidas... E dentre a imensidão encontrei algumas que me fortalecem e outras que me fizeram sonhar mais ou pensar diferente. Imagino que outras tantas ainda permaneceram encobertas...

Algo que se instaurou foi a intenção de promover um trabalho inspirado nos estudos culturais, atravessado de leituras que abrem um vasto campo de possibilidades de olhar as narrativas e o local em movimento, cheio de articulações. Dessa forma, olhar para os modos de viver dos cidadãos de GCR e suas histórias não os fecham à cultura de base açoriana, aos relatos antigos e à vida e economia da pesca exclusivamente. Portanto, procurei pensar em possibilidades de abrir para outros olhares e esforçando-me a pensar nas relações com o ambiente, livres de estereótipos e das imagens prontas, acabadas. Quis encarar estas facetas, encontrar relações, mas também multiplicar os olhares sobre este ambiente.

O reconhecimento desta noção se deu quando revi um Documentário do Município de Governador Celso Ramos (“Ganchos - Entre mares e montanhas”, 2009) com o intuito de fazer um trabalho do seminário “Estudos Culturais e Educação”. Eu já havia assistido este audiovisual inúmeras vezes quando trabalhava em Ganchos. Ele foi

desenvolvido pela produtora Tatiana Kviatkoski, financiado pela Prefeitura e estava sempre presente nos eventos do município. Por isso muitos moradores já o viram e alguns assistiram tantas vezes quanto eu. A verdade é que sempre gostei de vê-lo, talvez por me remeter muito ao jeito de falar dos meus avós, mas gostava também de observar o que ele provocava nas pessoas.

No entanto, instigada pelas leituras dos estudos culturais, daquela vez minha visita ao audiovisual gerou outros olhares - até então ainda não experimentados. É claro que meu contato com este artefato, de forma bem programada, talvez tenha me direcionado, estimulando outras formas de entendê-lo, mas não posso negar que havia muito mais o que pensar sobre ele.

Algo simples, mas interessante, que percebi é que ali estavam muitos saberes, outros, tão importantes e necessários de serem ditos quanto os chamados científicos. São saberes não institucionalizados, assim como aqueles que os estudos culturais tratam. Canclini (2006), por exemplo, reconhece que “quase todos os conhecimentos, inclusive os das ciências físicas, astronômicas ou econômicas, são relatos sobre o real, sobre o mundo. Isto permite conviver com o fato de que coexistem muitas narrativas que pretendem ser científicas” (p. 08). O que me faz pensar no porquê destas falas não fazerem parte do contexto escolar, e no porquê destes conhecimentos de vida serem, algumas vezes, marginalizados dentro da educação e principalmente, dentro da educação ambiental.

Neste ponto Ferrazo (2003; 2004) contribui para que possamos pensar numa pesquisa que não só traz o cotidiano dos sujeitos entrevistados, como também se dá através dele. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa, intitulada “no cotidiano”, busca abarcar a complexidade com que a vida se manifesta. Abrindo-se, por exemplo, para que os sujeitos cotidianos atuem “não só como sujeitos da pesquisa, mas também como nossos autores autoras, reconhecidos em seus discursos” (FERRAÇO, 2003, p.168). Algo que, a meu ver, tinha espaço no filme, pois aqueles sujeitos contavam a história do lugar através de suas histórias.

Neste momento passei a reconhecer como este trabalho parte do “simples” olhar sobre alguns modos de viver em Governador Celso Ramos. “Talvez isto seria uma forma de encarar sua cultura?” – Eu me perguntava. E sobre este conceito, Raymond Williams (1969) há tempos afirma que muitas vezes as pessoas são incapazes de reconhecer “outras formas de atividade qualificada inteligente e criadora” (p. 318) e que esse desprezo por essas formas seriam “limitações do observador e não

limitações das atividades em si mesmas.” (p. 318). Nesse caso, meu interesse se abriu para justamente trazer esses modos de viver o lugar lá na infância, sem as limitações e direcionamentos frequentes ao se pensar este lugar. Mas me pergunto: posso afirmar que este trabalho encara a cultura de um lugar? Ou seriam muitas culturas e alcanço só facetas de algumas?

Isto poderia ser observado em algumas imagens, falas, ângulos, que aparentemente eram marcados no documentário, como: os ranchos, os engenhos ou alguns objetos. O que nos leva a questionar se este parte de uma maneira de entender a comunidade, como sendo reflexo exclusivo da cultura de base açoriana. Talvez porque no modo de contar sobre um lugar, havia algo para se autoafirmar, presente em traços da cultura que eram insistentemente “lembrados” pelos moradores.

Pode-se a partir de então pensar o quanto os rearranjos das tradições com a modernidade parecem ser omitidos. Mas eles não estão presentes? Para esta questão Canclini (2006) nos ensina a considerar as “intersecções entre as culturas”. Segundo ele “teríamos que analisar em que medida há fusões, há tradições que permanecem, antagonismos que coexistem com a atração do pré-estabelecido” (p. 10), reafirmando a necessidade de negociações, tão presentes nos estudos culturais, que estabelecem uma abertura à análise de diferentes atravessamentos.

Com esta mesma intenção Martín-Barbero (2010, p. 135) reafirma que “se funden las memorias de pueblos antiguos con las utopías de pueblos modernos”, pensando também sobre a hibridação, não como algo absoluto, mas algo possível, presente em diferentes intensidades, e que deve ser considerado.

Em uma das falas do documentário a “personagem”, Dona Princesa diz: “Saudade? Só do meu marido [...]” E aqui abre-se espaço para refletir o “novo” na cidade: as mudanças entram em pauta. O que aconteceu por lá, por aqui? Que outras relações se dão a ponto do antigo não ser lembrado com tanta nostalgia?

Fiquei um tempo pensando se daria conta de tantas noções que se abriam... Certamente que não, é claro. Mas as linhas sempre pareciam esforçar-se para se unir. Continuo, então, a pensar sobre estas questões, mas logo já volto a outras relações que faço com o filme. Antes queria te apresentar outro trabalho...

No belíssimo livro autobiográfico do Senhor Alix Pedro Soares – “Uma luz no meu Caminho” (2010) – uma mensagem me chama atenção. Ele diz: “Uma sociedade pode perder seu norte, seu objetivo, sua razão de ser se não ouvir a experiência dos mais velhos e aliá-la à força dos jovens” (p. 145).

No alto de seus 93 anos, este senhor nos presenteia com a generosidade de compartilhar sua vida, seus valores, suas opiniões, seus sentimentos tão íntimos. Eu diria que foi um encontro: ler este livro; deparar-me com tantos pontos em comum com minha história; meus gostos e os dele; mas principalmente, foi um prazer aprender com este querido senhor, ex-morador e apaixonado pelo município onde nasceu e cresceu, Governador Celso Ramos.

Esta sua frase que citei, a meu ver, traz aquilo que Martín-Barbero (2010) vinha dizendo sobre fundir, e eu acrescentaria (con)fundir, as memórias dos povos antigos com os povos modernos. Através de sua sabedoria de vida, este senhor nos faz pensar nas memórias que atravessam as gerações. E, portanto, esta frase tem também grande proximidade com uma passagem do livro “Memória sertão” de Carlos Brandão (1998), na qual o autor pensando sobre os escritos de Walter Benjamin diz que este “obriga a consciência de história a reverter de uma maneira radical o eixo de sua direção, e submeter o imaginário sobre o futuro ao compromisso do presente para com o passado, submetendo, por consequência, o projeto à lembrança” (p. 28).

Questiono então se seria possível passar por essas falas, que se enroscam, sem dialogar com elas... Ambas trazem uma noção que considero muito importante para este trabalho: o revigorar de algumas histórias de infância destes sujeitos da pesquisa como algo indispensável no processo de *planejamento do futuro*. E sendo que esse “olhar para frente” é uma das preocupações da educação ambiental (assim como a educação de forma geral) algo que estes campos têm a intenção de repensar.

Evidente que queremos uma conscientização e valorização de atividades que contribuam com a qualidade da formação dos sujeitos. No entanto, muitas vezes não fica visível a importância de dar espaço ao passado para esta construção.

Passo, portanto, a reconhecer que o passado não se encontra estéril, morto e só presente em “outro mundo”, distante deste. Ao contrário, somos produzidos por ele:

O revisitar do passado pode, em muitos casos, mudar nossa idéia/ação neste presente. O passado, ao contrário do que muitos pensam, não é algo sem vida, muito menos esgotado em uma escala temporal, mecanicamente estabelecida. Se o presente é um devir, uma construção, não

podemos imaginá-lo deslocado do passado.
(BARCELOS, 2007a, p. 72)

Neste ponto me chama atenção o quanto nossas histórias em determinado momento precisam do passado para continuarem a ser construídas. Busca-se respostas no passado e tantas vezes espera-se contribuir para que as lutas de nossos antecedentes mantenham-se e não percam valor. E isso parece inclusive ter ligação com as pessoas que buscam incansavelmente, em determinado momento de suas vidas, suas origens, suas famílias esquecidas ou distantes, para então seguir suas caminhadas...

O diálogo com Walter Benjamin através de Brandão (1998) também me leva a pensar em outros pontos de ligação de nossas histórias com a educação ambiental. Brandão afirma que o fato de nos perdermos de nosso passado alimenta ainda mais a ideia de progresso. Segundo ele, seria como se o “imaginário de futuro” perdesse suas bases, sendo guiado por “si próprio como critério central de todos os projetos de construção do porvir” (BRANDÃO, 1998, p. 29).

Neste sentido penso no quanto a ideia de progresso muitas vezes precisa se desvincular do passado para então ganhar força. Quantas histórias são omitidas quando a intenção é modificar um lugar sem respeito pelos seus rastros? Lembro-me de uma vez que sentada com minha avó na beirinha do mar da Praia do Tinguá (GCR) eu a ouvi contar um pouco de sua vida ali, quando morava sozinha com os filhos na única casa da praia.

Naquele dia ela me falou que no canto esquerdo da praia, havia uma cachoeira onde ela lavava as roupas de todos eles. Lembro de ver seus olhos “marejarem” e acredito que tenha sido devido as dificuldades daquele tempo... talvez. Ao olhar para o canto esquerdo minha avó só comentou que aquelas árvores não estavam lá naquela época. Hoje sei que não estavam, pois todo o costão daquela praia foi tomado pelo plantio de *Pinus elliottii*⁷. A paisagem tinha mudado. Até então aquela imagem exótica não agredia meus olhos, no entanto, ao saber que a minha vida também estava interligada àquele local, o sentimento já havia se deslocado.

⁷ Espécie de pinheiro exótico que impede a presença de outras plantas ao redor e devido seu rápido crescimento e intensa absorção de água provoca o ressecamento dos rios.

O que ficou junto de mim seria justamente aquilo que, como afirma Brandão (1998), seria a idéia de “co-responsabilidade solidária pelo destino das gerações passadas” (p. 32). Não que o interesse seria em manter leituras e imagens fixas do passado. Ao contrário, para este autor, fazemos automaticamente uma atualização dessas expectativas do passado, como algo que “incorpora a experiência culturalmente deixada como tradição ao nosso tempo de desejo e de trabalho da inovação” (p. 30).

Assim como já falei, estas são linhas minhas que se desestruturam e depois novamente se enrolam... Percebi que não era o olhar da minha avó querendo um ambiente preservado, mas era o meu olhar de bióloga associado às lembranças dela, legitimado por um possível laço familiar e histórico ao lugar, que desejava isso.

Para Brandão (1998), essas duas ideias: tradição e inovação fundem-se e juntas caminham em direção à construção do futuro. A ideia é trazer nesta dissertação “histórias do passado”, não como reflexo único do presente, mas como fragmentos, nuances de algo que precisa vir à tona para a construção do futuro que queremos.

Dentro da proposta desta pesquisa descobri que ouvir e trazer para outro campo as histórias destes sujeitos tem um sentido muito mais profundo do que inicialmente me parecia. Primeiro porque ao “coletar” histórias de infância, mais do que revigorar e dar vida aos fatos, faz-se histórias silenciadas serem ouvidas, “visualizadas”. E depois porque estas histórias estariam produzindo efeitos, afetos: naqueles que ouvem, nos que contam e nos que escrevem.

Contando com essa noção o trabalho ganhou vida e passou a fazer muito mais sentido como prática de educação ambiental, devido ao fato desta educação ambiental que me encontro ter um formato justamente voltado para “ouvir e refletir sobre as diferentes vozes e silêncios, venham eles de onde vierem”, como afirma Barcelos (2007b, p. 81). Cabe ao educador se propor a ouvir, buscar respostas, abrir possibilidades e não se resumir a tempos e respostas prontas, as quais pouco nos ajudam e já estamos saturados.

Até porque uma noção importante seria perceber as diversas e legítimas maneiras de algumas pessoas de Governador Celso Ramos se relacionarem com o local, observando como estas interpretam questões ambientais ou de que maneira isto às afeta, por exemplo. Como afirma Barcelos (2007a) cada pessoa possui uma forma de entender uma questão ambiental, a qual “nem sempre é equivalente para diferentes cidadãos(ãs), mesmo que estejam convivendo com realidade

semelhante” (p. 156). E estas relações devem ser ponderadas e respeitadas.

Entendemos - e aqui me refiro ao grupo de pesquisa que me encontro - que a educação ambiental atravessa um momento em que diferentes práticas precisam surgir, criadas a partir das ricas e singulares experiências de cada indivíduo. Barcelos (2007b) fala que os “mapas” que estão por aí e aqueles “que até então nos foram confiáveis perderam sua capacidade de nos orientar” (p. 66). Concordo com esta afirmação, por também entender que para navegar necessitamos de outras referências, construindo nossos próprios mapas. “Tantos mapas quanto forem as viagens a serem iniciadas” (p. 69).

Voltando ao documentário que citei anteriormente, ele ainda pode me ajudar a trazer outras linhas que utilizo. Uma delas seria apenas admitir a subjetividade de se relacionar com as narrativas dos cidadãos de Governador Celso Ramos, as quais estão presentes em praticamente todo o documentário, e se cruzam a este trabalho.

No filme, cortadas por imagens do município, as narrativas trazem à tona memórias de vida dos entrevistados. São contações que falam de tempos e espaços diferentes, mas movimentam histórias, costurando recordações do passado à acontecimentos posteriores. Uma concepção importante, que também atravessa este trabalho e que fica bem compreensível através das palavras de Ecléa Bosi (1994):

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (p. 55)

Além de encarar a memória como um rearranjo, um processo de construção presente na narrativa, outro ponto que já resalto de antemão – salientando o retorno a ele mais adiante – é sobre o excesso de informações presentes no cotidiano. Utilizando-me das palavras de Denilson Lopes (2012), resalto o quanto as histórias associadas à interpretações nos calam, nos imobilizam. Se não imobilizam nossos corpos por nos fazer agir incansavelmente, imobilizam nossas mentes:

Numa sociedade de excessos de informação, imagens e discursos, não é suficiente falar, [...] porque, em meio à abundância de mercadorias, o problema não seja falar, mas ser ouvido, lido, compreendido mais do que visto ou mencionado. (p. 23)

E nesta ideia de Lopes percebo que se revigora a energia desta proposta. Renovando o compromisso de não submeter este trabalho a um incansável conjunto de informações, a ponto de torná-lo contraditório. Além disso, acabaria perdendo algo que me fascina: a tentativa de tornar o próprio “material” um dispositivo, um artefato que fizesse disparar também outros olhares. Portanto, fica a exigência de manter interrupções, espaços, silêncios, que fazem proliferar outras questões.

Dentro deste contexto, que tanto preza a subjetividade das falas, tornou-se inviável fugir das intensidades presentes nas minhas escolhas. E neste texto as apresento através das minhas lembranças de infância, presentes e não há interesse algum em omiti-las.

Neste ponto saliento que outras sensações foram descobertas quando a escrita e a preocupação com a arte, a poesia – forma de trazer os fatos sem tantas interpretações – fizeram-se necessárias. Descobri sensações e me envolvi ainda mais profundamente com a pesquisa. A emoção, a imaginação, a criação tomaram conta de cada ideia.

Queria só pontuar que quando li um artigo de Vera Colucci (2006), algo que eu não havia percebido se desvelou. Segundo esta autora o que nos inquieta “está na história singular desse sujeito, nas marcas psíquicas que requerem elaboração” (p. 393). E este sujeito que ela fala é o pesquisador/escritor/autor. E o que se entende como objeto de estudo pode ser entendido como algo que precisa ser trabalhado, analisado, questionado e revelado a este sujeito. Essa relação foi muito forte para mim porque efetivamente eu precisava rever e conhecer minhas histórias, encontrar minhas afetividades, meus prazeres, o que evidentemente, podes perceber, está acontecendo...

Ao ler Elizabeth Ellsworth (2001), quando a autora fala da ausência do prazer, da emoção, do suspense nas práticas escolares, encontrei algo novo que rapidamente utilizei para recontar minhas experiências escolares e tive, portanto, a sensação de encontrar algo que faltava em mim antes. Senti com clareza como a arte e a delicadeza ausentaram-se durante e minha formação. Mais uma vez, busco e encontro em minhas recordações imagens que me ajudam a pensar sobre

isso. Ao recordar senti falta de que meus professores, lá no Ensino Fundamental, tivessem valorizado a poesia, a música, a dança que eu guardava em mim. Por que meus últimos poemas foram produzidos quando eu tinha dez anos? O que aconteceu durante todo esse tempo? Por que a leveza se perdeu ao longo da minha infância, adolescência. Mesmo com receio de dizer a verdade, afirmo que até poucos meses atrás eu considerava imaturo escrever um poema e teria medo de ser constrangida caso alguém o lesse. Que pena.

E agora, como se me sentisse aberta e inteira nesse trabalho, faço questão de colocar aqui muito de mim.

Assumo, portanto, os riscos de me relacionar tão profundamente com a pesquisa. Reconheço que este envolvimento permite que grandes decepções ocorram, que as dificuldades sejam doloridas demais e as críticas talvez me consumam. Mas essa foi uma escolha que fiz no momento em que resolvi estudar algo tão íntimo, algo tão fundamentalmente relacionado com meus valores, com meus lugares favoritos. Eu me sinto, por vezes, como se levasse um amigo a um refúgio, um lugar secreto e esperasse ansiosamente ver sua expressão em seus olhos: O que achas disso? Sim, pode ser decepcionante, mas por que não provocar isso a alguém? Não tenho dúvidas de que tudo o que aqui está faz parte de mim, e é impossível evitar essa confusão. Principalmente quando se propõe uma pesquisa em um campo que promove tantos movimentos internos, tantos espaços para se repensar. Repenso o tempo todo, quando leio, quando observo, quando escrevo. E agora até quando ouço simples conversas cotidianas. Tu podes não acreditar, mas quando nos envolvemos verdadeiramente com algo muito querido, todos parecem querer falar sobre algo que se relaciona com seu amor. Mas só parece porque na verdade quem quer relacionar o tempo todo sou eu. Em cada assunto, cada música, é minha mente ali pensando nessa paixão.

Por favor, não penses que esse “discurso” serve aqui para as críticas sejam amenizadas, não. Não é isso. Mas ele entra no trabalho para mostrar o caráter afetivo, subjetivo, autobiográfico que se incorpora a cada linha. Alguém também poderia me questionar se isto se trata mesmo de uma dissertação de mestrado, um resultado de uma pesquisa. Falo isso porque eu mesma já me perguntei. Mas entendo hoje que no processo de compreensão e encontro com a pesquisa - dessa forma tão delicada - cada experiência, cada relação com o que já foi dito, e todos os momentos de aprendizado com os sujeitos da pesquisa, com os grandes pensadores é uma valiosa promoção da educação.

Portanto algumas escolhas já se deram e outras tantas vão acontecendo na fluidez de seu desenvolvimento. Por esse motivo escolhi este poema de Valdo Barcelos (2007c, p. 35) para fechar este capítulo. Uma forma que encontrei de trazer nuances dessa sensação que tenho ao me tornar – por um tempo – pesquisadora/escritora/poeta.

Poeta

Carpinteiro de palavras,
catador de letras,
balaio de sonhos.

Vivedor de silêncios,
bruxo das horas,
tecelão de agoras.

Fazedor de segredos,
contador de mentiras,
coveiro de verdades,
carpinteiro de almas,
alambique de saudades,
carpinteiro de almas,
coleccionador de madrugadas.

Entendo que a essa altura seja desnecessário explicar todas as relações que faço com este poema. Ser “catador de letras”, “carpinteiro de palavras” é muito do que todos nós pesquisadores, educadores fazemos o tempo todo... Talvez as passagens que me toquem mais agora sejam: “fazedor de sonhos” e “alambique de saudades”. Mas, por ser uma linha que considero importante, queria salientar: “coveiro de verdades”. Algo muito forte no meu modo de encarar a pesquisa. Isso porque admito essa minha vontade de fugir das verdades já estabelecidas. Talvez porque venho percebendo o quanto elas nos limitam o pensar, imaginar, criar. Sinto que se eu as “enterrasse”, ao menos por um tempo, talvez me sentisse mais poeta, menos cientista, mais escritora, mais à vontade...

CAPÍTULO 2 – Como colher retalhos? – Uma metodologia que se cria

As lembranças são como uma colcha de retalhos: cuidadosamente costuradas por mãos calejadas de esperança, fios de saudade, agulha feita de sonhos que não se cumpriram e os retalhos... Ah!!..Os retalhos são aqueles pedacinhos da vida memoráveis que dão gosto de costurar assim, montando um desenho totalmente novo de futuro!⁸

Primeiro pensei. Criando os retalhos, ou os juntando? A verdade é que os retalhos não são meus. São feitos que apenas pude encontrar, e depois os juntei, desenhando como poderiam se unir... e assim por diante. Entendo que eles foram criados, tecidos e entregues por aqueles que tive a felicidade de conhecer mais. Não são *meus* tecidos, mas de alguma forma eles têm um pouco de mim, por serem criados para mim e comigo. E essa minha participação na produção deste tecido relaciono à imagem de uma avó, que escolhe os retalhos que usará para a cama do neto, os quais provavelmente serão diferentes dos escolhidos para formar a manta que cobrirá a cama da neta. De fato escolhemos nossas falas, muitas vezes de acordo com a pessoa para quem direcionamos a conversa. E nesse ponto, o endereçado acaba também atuando com sua escuta, seus gestos, suas discordâncias... Portanto, interfiro na produção discursiva dos sujeitos, mesmo sem uma intenção deliberada. Ao final percebo que são *nossos retalhos*, os quais tive o prazer e responsabilidade de costurá-los.

E quem me entregará estes panos? Poucos? Muitos? De onde eles são? O que fazem? Todas essas perguntas me fiz em algum momento. Mas preciso te dizer que uma das minhas primeiras escolhas foi a de enfatizar a caminhada, esse passar e descobrir. Por isso a fala de Silva (2011) foi tão importante dentro desse processo. Ele diz: “O método não é o caminho, mas a caminhada, ou seja, a narrativa do “como”, a descrição do que foi feito para tornar descoberto o encoberto” (p. 37). E dentro dessa perspectiva, ao reconhecer a importância das descobertas e dos detalhes nesse processo, entendi que para desvendar e para trabalhar

⁸ Texto encontrado no blog: <http://borboletasdeinfito.blogspot.com>

com algumas memórias de infância de atores sociais de Governador Celso Ramos, eu precisava dar espaço, tempo e atenção ao cotidiano da pesquisa.

Criei o hábito de escrever em diários as sutilezas das descobertas. Nesses *espaçostempos* reconheci e enfatizei a importância dos momentos para repensar e por isso o modo como penso e planejo esses passos deve seguir como uma proposta também singular e cuidadosa.

Percebo que esta forma de encarar as histórias, o “material” de pesquisa, foi se formando em mim ao longo das leituras que fiz no Grupo Tecendo. Talvez tenhamos nos reconhecido com metodologias e referenciais teóricos que nos aproximam. Assim as questões que estudamos estão em diversos lugares e planos, mas possuem em comum um olhar inquieto que busca entender os processos com mais liberdade, abrindo a diversas possibilidades que existem, mas comumente silenciadas.

Com o intuito de promover e falar da experiência, esta proposta foi produzida pensando na qualidade de cada relato, instituindo a delicadeza, o cuidado e o demorar-se em todas as etapas, com cada detalhe, de cada lembrança.

Guimarães (2003) comenta sobre diminuir a velocidade e estar mais atento: “Considero ser importante menos velocidade para estar, um pouco pelo menos, atento aos motivos, aos modos e aos paradoxos que nos têm levado a entender a natureza, o meio ambiente e a educação ambiental de determinadas formas” (p. 10). Neste sentido, acredito que a pesquisa qualitativa oportunizou melhores e mais delicadas articulações entre as narrativas e toda a vida que as envolve. Portanto, escolhi conhecer melhor, poucos. O que entendo que significa muito: muitas lembranças e vidas envolvidas.

Outra escolha que parecia tão lógica seria a de buscar histórias antigas. Falo isso porque em todos os lugares que expliquei a minha proposta de ouvir lembranças de infância de pessoas da comunidade *gancheira*, reconheci um interesse destes no passado mais distante. De fato são tempos que nos envolvem por sua comum simplicidade. Tudo torna-se possível para o antigo: a magia, o encanto de cada história se revela na ausência de alguns pudores, sem tantas informações técnicas que envolvem nossa sociedade contemporânea. Contudo, resolvi valorizar também as experiências deste tal “sujeito moderno”. O que um jovem/adulto tem para contar sobre sua infância? Por este motivo, conto com o privilégio de ouvir diferentes gerações, com suas culturas, pensamentos e influências diversas. O que se mantém? Que relações

com o ambiente perdemos ao longo das gerações? Essas são questões que consigo vagar, de certa forma, no desenrolar desta pesquisa...

Considerarei também que os entrevistados não precisariam efetivamente se encontrar ainda residindo no município, desde que algumas histórias de infância fossem marcadas pelo lugar. A verdade é que a princípio, no projeto que escrevi para a seleção, os sujeitos da minha pesquisa já estavam bem estabelecidos e sua escolha se devia ao fato destas pessoas serem *reconhecidamente atuantes em suas comunidades, quando o assunto fosse relacionado a questões socioambientais. Seriam pessoas que estivessem ligadas a população.*

No entanto, como já afirmei, com o tempo pensei que talvez os rostos lembrados por mim fariam parte da rede de pessoas que me relaciono. A partir deste questionamento tive a sensação incômoda de que alguém poderia ser esquecido, ignorado pela pesquisa e que talvez não merecesse essa situação diante de seu trabalho na comunidade.

Hoje percebo a minha inocência em pensar que uma pesquisa estaria livre dessa condição. No entanto, naquele momento, a solução que encontrei seria fazer sondagens com pessoas de lá, moradoras de diferentes bairros. Assim, eu explicava o meu projeto e perguntava a elas o nome de algumas pessoas que elas consideravam interessantes para a pesquisa.

Dessa forma uma significativa lista surgiu. Alguns nomes apareceram muitas vezes, e me questioneei sobre a presença repetitiva destes. Respostas diferentes surgiram, como: presença constante em atividades da comunidade, pessoas relacionadas a religiões, ou pessoas próximas àquelas que me relaciono, pessoas ligadas a partidos políticos. No entanto, alguns nomes que eu considerava importantes não foram lembrados. E justamente alguns destes representavam muito nesta minha caminhada, pois foram significativos durante meu tempo de educadora ambiental na comunidade.

Acho que algo interessante aconteceu aqui. Eu pude então pensar no porquê de serem ou não lembrados. E entendi que eu dizia estar interessada em sujeitos *atuantes em questões socioambientais*, mas na verdade os exemplos que eu tinha – aqueles que me provocaram a repensar meus modos de me relacionar com os outros – não poderiam ser “encaixados neste perfil”. Passei a repensar estes julgamentos e tive que refazer meus caminhos e rever algumas noções...

Foi em uma conversa com meu orientador que acabei me deparando com essas dúvidas. Naquele dia, ao lhe contar sobre uma amiga que me pareceu interessante para ser entrevistada, mas que não se

encaixava dentro daquela noção que eu havia estabelecido, ele me perguntou: “Por que não?”

“Por que não?” “Porque...”

Percebi que o meu equívoco não estava nessa denominação, mas na identificação destes sujeitos. A minha visão precisava ser ampliada... Algo que eu tinha aprendido com as pessoas de Governador Celso Ramos, mas mais uma vez eu repetia esses referenciais...

Passsei a pensar, então, que não necessariamente uma pessoa que movimenta, promove ações na cidade é alguém que tem uma ação muito forte no outro. Como mensurar o quanto cada sujeito atravessa o outro? A forma como somos provocados por alguém é muito relativa... E já adiante que estas questões, que desestruturaram de certa forma as minhas escolhas, logo serão retomadas através das próprias entrevistas. Justamente por considerar que seja algo que deve ser repensado neste trabalho com ainda mais cuidado: *O que, ou quem, nos atravessa significativamente?* Um lugar? Um filme? Uma música? Uma pessoa? Que pessoa?

Portanto, acabei buscando pessoas que no seu cotidiano desenvolvem atitudes - sutis de convivência ou não - que potencializam novos olhares. Seriam sujeitos capazes de promover algo, criar sensações, trazer algo para nossas vidas mesmo sem intenção, de forma singela... Tu vais te deparar logo com eles e entenderás melhor minhas razões... Mas resumindo a questão, optei por alguns sujeitos ainda mais esquecidos e silenciados como educadores, mas também preocupados com o futuro dos seus vizinhos, amigos, familiares, reconhecendo que esta atenção pode se dar de diferentes formas...

Mas ainda muitas outras dúvidas surgiram para que eu pudesse chegar a estas pessoas. A princípio eu tinha o interesse em trazer desenvolver conversar com pessoas de diferente localidades do município. O que com o tempo foi revisto por mim, pois meu interesse nessas narrativas estava na singularidade de suas emoções, portanto as diferenças aconteceriam por estarmos tratando de indivíduos e suas semelhanças e diferenças, algo independente às suas comunidades.

Portanto a escolha pelos entrevistados esteve principalmente relacionada à intensidade com que estas pessoas me atravessaram. Sem buscar representantes de cada localidade, por exemplo. O interesse estava na singularidade de suas histórias, algo independente à localização de suas casas. São seus encontros comigo e com o ambiente o que me direcionava. Dessa forma, escrevo mais adiante algumas razões para a escolha de cada um dos sujeitos/personagens desta história.

Analiso também nesta pesquisa a necessidade de estar atenta aos detalhes, principalmente por se tratar de fatos tão singelos, mas expressivos na vida dessas pessoas. Assumo que a forma como compreendo este trabalho me trouxe certa tensão a princípio, por pensar nas maneiras de lidar com as lembranças de cada indivíduo. Eu pensava: como estimular esses relatos? Como chegar às lembranças com o mínimo de direcionamentos e interferências?

Como já afirmei, com o tempo entendi que ao tratar-se de contação de histórias, as narrativas estariam sempre escapando dos conhecidos rearranjos entre o passado e os acontecimentos do tempo presente. E este fato traria por si só a riqueza destas falas, pois há muito mais envolvido em cada lembrança.

Não posso negar que a escolha do modo como me encontrar com as histórias dessas pessoas entrevistadas me trouxe alívio. A todo o momento a forma como imaginava entrevistar estes sujeitos me trazia angústia, pois eu não queria que meu trabalho anterior na comunidade indicasse o que eu queria ouvir. As influências claramente estavam presentes e nem posso imaginar agora uma forma de suas histórias serem criadas sem a minha interferência de algum modo. Não acredito nessa possibilidade. Entendo que ao contar suas lembranças cada sujeito buscará o que de mais significativo vier à sua mente, e aqui entrarão fatos talvez aparentemente esquecidos, outros lembrados e contados cotidianamente. Mas haverá algo novo, algo que tenha o *tocado* no seu dia anterior, ou que se construiu naquele momento, a partir da minha fala.

Em meio a conversas com meu orientador sobre o assunto e com o amadurecimento destas questões, identifiquei que o uso de artefatos da infância destas pessoas seria uma alternativa fascinante. A ideia seria *solicitar aos sujeitos entrevistados para que apresentassem algum objeto que os remeta àquele momento de suas vidas, por entender que estes podem funcionar como veículos disparadores de emoções, lembranças e reconstruções.*

A partir de então sinto que me envolvi por esse modo de alcançar as histórias dos entrevistados. Não só por me sentir mais leve, retirando um pouco do peso que carregava. Mas também porque ao chamar os objetos dos sujeitos à cena abre-se espaço para uma conversa a partir deles, que pode possibilitar aos sujeitos mais segurança, por exemplo.

Outro ponto que me ressalta aos olhos seria a presença da generosidade, beleza e sutileza no ato de mostrar de si não só através de lembranças, mas também através de seus objetos íntimos. Maciel (2004) com a influência da obra de Arthur Bispo do Rosário (1911-1989) [um

material produzido com quase mil peças e chamado pelo autor de “registros de minha passagem sobre a terra”, atualmente exposta no Museu Bispo do Rosário, na Colônia Juliano Moreira no Rio] traz duas questões importantes sobre a forma como lidamos com a memória das coisas e que aqui cabem para pensar sobre o uso de artefatos como pedaços de memória ou disparadores de memórias. Em um ponto a autora fala do quanto a classificação das coisas, utilizando-se de taxonomias diversas enclausuram os objetos, tirando deles sua história, “de maneira que seu contexto seja abolido em favor da lógica sincrônica da coleção” (MACIEL, 2004, p. 19). Assim os objetos “tendem a se tornar fins em si mesmos.” Diferente do que ocorre quando é sem classificação, em que a abertura se dá amplamente.

E num segundo ponto, a autora reflete que os objetos ao serem subjetivizados, nesse caso pelo artista, adquirem outros valores, “ganham uma linguagem”, passam a ter “um lugar e uma história” (MACIEL, 2004, p. 19). E neste sentido, o que propus neste trabalho seria conhecer também objetos que foram instituídos do poder de significar momentos, fatos, e que agora refletem estes contextos, pois foram identificados para tal fim dentro da história destas pessoas.

Muitos destes objetos provavelmente ganharam outros contornos a medida que as histórias destes personagens se remodelam e se movimentam, amplificam-se com o tempo. As histórias não param evidentemente, e assim, por mais que aparentemente fixos em uma estante, um baú, ou uma caixa, os olhos de quem vê não são mais os mesmos, as mãos que os tocam já não sentem a textura da mesma forma e as lembranças que esses sentidos e outros tantos trazem se tecem com outras lembranças, mais intensas, ou não, não importa o quanto, mas estas se tecem.

Mas enfim, como foram esses encontros? Como “colhi os retalhos”, coletei histórias?

Posso iniciar afirmando que a ideia de “coleta” foi sendo revigorada. Porque coletar, no sentido de “reunir, colher” é insuficiente para expressar tamanho enredamento que esta ação envolve. Pude, por exemplo, entender que a escolha pelo método de estudo biográfico traz em sua “sombra” um conjunto de outras escolhas. Quais são elas? Elas só são reconhecidas quando a palavra entrevista vai aparecendo em muitos estudos.

Othon Moacyr Garcia (2010) quando aplica a diferença entre conversa e entrevista como método de pesquisa afirma que a conversa é talvez “o meio mais assíduo de aprendizado de palavras e, ipso facto, de ideias” (p. 340). No entanto, Garcia (2010) nos fala que quando existe

um propósito imediato, o qual a conversa avulsa, desordenada, não é capaz de nos propiciar precisamos, portanto, “criar uma situação que as canalize para nosso objetivo”, “dirigindo a conversa” (p. 340). Neste caso há a caracterização de uma entrevista, por mais que ela tenha um tom suave, coloquial, fugindo da ideia de interrogatório.

Esse reconhecimento de que esta pesquisa esboça entrevistas com pessoas da comunidade de Governador Celso Ramos já ilumina algumas questões, antes obscuras, que ganham espaço, e que operam na entrevista.

Leonor Arfuch (2010) apresenta algumas tantas possibilidades metodológicas de se fazer uma pesquisa sobre os *espaços biográficos*. E dentre elas a entrevista estaria como uma forma peculiar que “parece concentrar as funções, tonalidades e valores – biográficos – reconhecíveis” (p. 151). Para Arfuch (2010), este método “poderá se tornar indiscutivelmente biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho” (p. 151). Portanto, apresenta a potencialidade de lidar com a diversidade e ainda tem ainda o “poder de brindar um “retrato fiel” (p. 152), a medida que é oferecido à interação, ao encontro, ao olhar de cada um.

O que fica fortemente apresentado por Arfuch (2010) seriam as questões sociais presentes na entrevista, pois habitualmente as palavras autorizadas estariam ligadas à manutenção e à lógica do mercado. Para esta autora, as entrevistas são normalmente realizadas com as pessoas que publicamente possuem status e que a partir desta prática apresentam parte de seu mundo privado - o que implicaria na visibilidade da modelização de condutas.

Dessa forma este trabalho estaria fugindo desta lógica e ao sair dessas concepções, chamando pessoas que não ocupam listas de celebridades, nem de estudiosos, artistas, políticos e escritores públicos, ele se propõe a ouvir e criar um contexto de entrevista com as minorias. E neste caso vale salientar que seria *minorias*, como traz Arfuch (2010) através de Derrida: minorias como os que fogem do comum.

Contudo, os sujeitos que fogem do comum são pessoas que chamaram atenção por buscar outros finais para as histórias, histórias de seus familiares, amigos, compadres da comunidade, situações vivenciadas no ambiente de Governador Celso Ramos.

A princípio eu acreditava que as entrevistas me garantiriam certa liberdade para desenvolver uma conversa sem amarras, já que a metodologia escolhida seria uma entrevista semi-estruturada. No entanto logo compreendi que este mecanismo também cria situações fixas. Mesmo quando se propõe uma ideia de abertura e suavidade, alguns

engessamentos estão presentes e delimitam o próprio trabalho. Um exemplo disso seria, segundo Arfuch (2010), a possibilidade de interrogação, que mesmo com uma variedade de graus e entonações, é fixamente permitida somente ao entrevistador. Segundo esta pesquisadora, a “não reversibilidade das posições enunciativas” (p. 161), associada a manutenção do tema e os procedimentos dentro da entrevista a tornam “um gênero altamente ritualizado, embora seja construída sobre os valores da fluidez e da espontaneidade” (ARFUCH, 2010, p. 161).

Há uma tentativa constante em fazer essas setas correrem no sentido oposto. Deixar espaço para questionamentos que viriam do outro lado. Responder a eles. Deixar que os temas extravasem para além da caixa de assuntos planejados. No entanto, percebo que ao contrário do que possa parecer, a pesquisa, sob estas observações a cerca das entrevistas, ganha respaldo. Porque não há notas ou percepções camufladas. Há um reconhecimento da presença de ritos que acompanham este método empregado. Mesmo desenvolvendo conversas longas reconheço que não há fala sem intencionalidade.

Em todo o caso não vejo porque pensar que este reconhecimento “das prisões” que gerem as “coletas de retalhos” diminuem a potencialidade este estudo. Até porque, quantos trabalhos envolvem as entrevistas, mas não reconhecem suas marcas? Eu, ao menos, queria encará-las.

Enfim, sob uma condição implícita de não saber ao certo onde as entrevistas me levariam, segui caminhando com minhas ferramentas à mão (ou nas costas) disposta a me aventurar nesta jornada. Naquele momento identifiquei algumas pessoas que me ajudariam. Tu quereres conhecê-las?

Eu te peço que atentes para cada uma delas desde já, porque são elas que me apresentam algumas trilhas e caminhos, sem ao menos reconhecerem tais ideias. Quando ainda apenas tinha seus nomes e parte de suas histórias, prevalecia em mim um sentimento de que tudo estava por acontecer. Carreguei comigo, então, a inquietação, a indagação, a abertura para aprender com estas pessoas. E até mesmo a insegurança e o medo de ir além daquilo que me cabiam, foram dosadores importantes nestes momentos.

Em alguns filmes produzidos pelo diretor Eduardo Coutinho a entrevista entra como método para se chegar às boas histórias. Em “Santo Forte” (1999), por exemplo, ele optou por conversar com os sujeitos sem conhecer praticamente nada de suas histórias. Neste método utilizado por Coutinho, ele só se aproxima da pessoa que será

entrevistada no momento da gravação, o que evitaria “que as pessoas se refiram a algum contato anterior, esqueçam partes da história ou a resumam, pois já contaram antes” (SCARELI, 2012). Esta estratégia traz consigo uma impulsão para que seja bem contada. A princípio me vi seduzida por essa possibilidade.

Já no trabalho de Ecléa Bosí (1994) a pesquisadora conversa com idosos e busca suas lembranças com a delicadeza de quem se abre para ouvir “qualquer coisa”. E senti que essa liberdade e sensibilidade que ela instaura conjuga melhor com a proposta desta pesquisa. Cria-se um ambiente, um espaço-tempo para vagar por lembranças. E para que a entrevistadora e o(a) entrevistado(a) possam estar juntos nessa construção ela propõe a aproximação.

A partir desta referência entendi que a relação estabelecida com os contadores precisava ser fortalecida. No entanto, o tempo escasso de uma dissertação de mestrado dificultava essa maior aproximação. Portanto, mesmo realizando um encontro com cada entrevistado, assumi essa tentativa de aproximação nestes momentos.

Na primeira entrevista, os fatos se desenrolaram favorecendo que esta proposta fosse seguida. O fato é que tive a oportunidade de casualmente conversar com a Maria Santana em uma visita a Secretaria Municipal de Educação de GCR em 2012. Naquele momento não poderia prever que ela se tornaria futuramente uma entrevistada.

Nessa primeira oportunidade, minha amiga me contou passagens de sua vida que me tocaram. Foi a partir dela que pude repensar sobre aqueles que seriam os sujeitos da pesquisa – o que já tratei anteriormente. Por esse motivo houve uma facilidade da conversa fluir no dia entrevista. E talvez isso se deva ao fato de já haver uma relação de confiança instaurada.

O segundo sujeito escolhido para a pesquisa é alguém que apesar de termos uma relação de parentesco, trocamos durante nossas vidas poucas palavras, até o dia da entrevista. Sr. Alix, esse senhor de 93 anos é o irmão mais velho da minha avó, o qual além de ter vivido toda sua infância, adolescência e boa parte da vida adulta em Governador Celso Ramos, possui uma lucidez invejável. A bela história de sua vida foi publicada em 2010. Uma autobiografia riquíssima que povoa meus pensamentos. Sinto-me muito ligada a essas histórias: seu gosto pelo mar, seus ideais e também muitos dos sentimentos da minha infância também são compartilhados por ele.

Em seguida sigo juntando retalhos ou pistas. A parada seguinte foi na casa de uma pessoa que me chama atenção pelo seu amor pela educação: Cristiana. Esta dedicada professora trabalhou no projeto de

educação ambiental por anos em Governador Celso Ramos e é da comunidade do Calheiros. Preocupada com as pessoas, mas também muito com a mudança na paisagem do lugar, a boa contadora de histórias conseguia sempre pensar em uma forma de trazer alguns acentos sobre as questões ambientais para alunos do maternal. Para descrever o que esta colega faz com seus alunos me lembro da fala de outra professora – Paula Brugger – que um dia respondeu a minha pergunta: “Paula, como vou saber como agir e levar aos meus alunos estas ideias e essa minha vontade de mudar as coisas, tirá-las de seu fluxo?” E Paula me respondeu dizendo que o mais importante tinha acontecido, eu havia promovido uma mudança dentro de mim. E isso estaria comigo para onde eu fosse. Confirmo que é exatamente isso que sinto ao lembrar do trabalho belíssimo realizado por esta professora. Ela promoveu uma mudança dentro dela de uma forma, que suas “simples” atividades com os alunos sempre tem um algo a mais...

A quarta pessoa que também me despertou interesse foi o professor Anilton, popularmente chamado de Careca. Alguém disposto a aprender com os alunos, disposto a ajudar a promover algo diferente a estes. Lembro-me do dia que percebi que suas atitudes em uma das escolas que trabalhava eram tão sutis e desprovidas de interesse que pareciam invisíveis. “Alguém cuidou de molhar essas plantas.” “Alguém cercou a horta para que a bola não destruísse o trabalho das crianças.” Descobri um dia que era o professor de educação física...

Ah! E mais alguém precisava participar dessa entrevista. A ausência desse homem poderia não ser sentida por ti, leitor ou leitora, mas faria falta a mim. Alguém que com toda sua simplicidade está presente, assim como sempre fez questão de participar de reuniões, audiências e conversas que envolviam o futuro da comunidade. Um homem que inúmeras vezes abriu os portões de sua chácara para explicar às crianças das escolas do município como se faz uma horta, ou como ele alimenta os porcos, como era o município no seu tempo de criança. Seu Vava, como é popularmente conhecido na cidade, é um grande homem, atencioso, humilde e sagaz. Alguém que, para minha felicidade, também me presenteou com alguns mapas, pistas e me apresentou alguns de seus gastos retalhos.

Portanto, cada história teve um jeito de ser, sendo impossível manter padrões de como alcançá-los, justamente por entender e valorizar as diferenças que trazem, tanto em suas histórias, quanto nas suas relações comigo ou com o ambiente.

Desses momentos em diante, a partir das anotações registradas durante todo o processo, associadas às imagens dos objetos lembrados

pelos sujeitos, e às entrevistas propriamente ditas – gravadas em áudio e transcritas integralmente – eu me debruçarei sobre cada produção, cada relato, observando suas relações com os aspectos histórico-culturais do lugar, e tantas outras interações.

Em seguida me propus a repensar sobre as atividades que realmente moveram estas “crianças crescidas”, identificando possibilidades, observando os contextos que potencialmente promoveram a construção destes indivíduos.

Ao longo de todo esse processo, surgem e disparam construções, imagens, histórias que nos levam a experimentar outras formas de fazer educação ambiental, pensando nos espaços, nos silêncios. Mostrando-se estas em consonância com as lembranças e experiências ditas significativas para estes adultos ex-crianças.

Dentro deste contexto me lembro da frase que a colega Janice Zanco termina sua dissertação: “Por que não reinventar, transformar, experimentar possibilidades outras da educação ambiental?” (ZANCO, 2011, p. 93). E a partir dela segui este trabalho, realmente provocada a pensar e experimentar, reconhecendo exatamente aquilo que Ferraço (2004) afirma: “é preciso fazer para saber como fazer pesquisa no cotidiano”. E assim me tranquilizo... Vamos aprendendo...

CAPÍTULO 3 – “Contar para guardar” – as personagens e algumas cenas

Guardar

“Guardar uma coisa não é escondê-la ou
trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la
por admirá-la,
Isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer
vigília por ela, isto é,
velar por ela, isto é, estar acordado por
ela, isto é,
estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o vôo de um
pássaro
Do que um pássaro sem vôos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se
publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que
guarda:
Guarde o que quer que guarda um
poema:

Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.”

Antônio Cícero (1996)

Quando convidados, eles aceitaram. Cada um a sua maneira, todos estiveram dispostos a me ajudar nesta empreitada. Entrei em suas casas, sentei na sala, na cozinha, na varanda ou no banco de uma loja. Lá estávamos nós: eu disposta a ouvir e eles a me contar. E nessa cena parece que o tempo pára. Algo mágico acontece entre nós. Há uma entrega às histórias, uma conversa fluida que nos envolve. E dizer que o

mundo lá fora continua, as pessoas dentro de suas loucuras do fazer, enquanto estamos em outro tempo, perdidos em meio a conversas que contam tanto de nós mesmos.

Nas falas estavam inúmeras narrativas, histórias que estes sujeitos quiseram contar e guardar – neste mesmo sentido que Antônio Cícero propõe – guardar como iluminar algo, ou ser iluminado pelo que é contado/mostrado/exaltado.

Como conversamos muito, cada uma das entrevistas teve em torno de duas horas de duração. Portanto, por serem muito longas e até muito íntimas, elas precisaram ser recortadas. Ofereço aqui os trechos que a conversa circula por entre as questões que considero importantes para discutir nesse trabalho.

Neste momento trago os primeiros instantes de cada entrevista. Nos quais os sujeitos apresentam sua infância para mim. Esta foi a maneira que decidi apresentá-los na pesquisa: através de suas próprias falas. Assim, serão eles que se apresentarão, cada qual a seu modo. E eu somente ousei acrescentar em breves notas informações que julguei necessárias. Desse modo cada entrevistado entra na pesquisa na mesma ordem que também os encontrei, recebendo a singularidade que merecem. E mais tarde passaremos por suas lembranças, supostamente desvinculadas dos sujeitos, unidas como parte de uma só história.

Esse modo de operar com as entrevistas foi uma decisão difícil devido a minha constante preocupação em manter a individualidade de cada entrevistado. Mas também havia um desejo de entender as maneiras como suas histórias se cruzam, trazendo à tona questões comuns. E considero que esse modo escolhido proporciona essas noções, tanto da singularidade deles, quanto de suas proximidades. Portanto, primeiro apresento os entrevistados e em seguida percorro por entre suas falas – Capítulo 4.

É evidente que também enfrento perdas com a quebra destas conversas, mas acredito que essa construção tem como vantagem a ligação deles, assim como as colchas que seus retalhos compõem.

Para acompanhar estes primeiros momentos de cada entrevista trago alguns relatos presentes no diário de campo. São anotações que fiz naquele tempo sobre as sensações e emoções que presenciei e vivi antes, durante e depois desses encontros. Acredito que esses trechos do diário ajudam a construir “cenas” que tenham um pouco da atmosfera que envolvia aqueles momentos. Até porque entendo que visitando esses espaços será possível compreender melhor as noções e as expressões ditas nas conversas.

Outro ponto que considero importante ser ressaltado neste pré-anúncio das entrevistas é a clara liberdade que eles tiveram para se abrir para mim e meu gravador. Algo que vai ficando mais evidente ao longo de cada entrevista e que me incentivou a pensar nos motivos que teriam os levado a agir de modo tão disponível e franco. E acredito que pude encontrar algumas possíveis respostas...

Primeiramente entendi que a minha relação com essas pessoas, em alguns casos, muito próximas a mim, foi fundamental para que eles tivessem essa abertura. Depois percebi também que a “vontade de ajudar” era uma das qualidades que tinham me levado a selecionar esses nomes. Digamos que esse era um ponto que estava, mesmo que camuflado, nos argumentos que eu tinha para escolher as pessoas que eu considerava significativas na comunidade. Já era deles essa disposição em contribuir com o trabalho.

No entanto, outra questão me pareceu ter grande valor para que essas trocas acontecessem: acredito que através de uma conversa solta, buscando agir sem preconceitos, nem julgamentos, abri caminhos para que os mesmos trouxessem o que tivessem vontade.

Sinto que fui educada, em minha breve trajetória pela História Oral, por pesquisadores que tinham essa proposta de abertura para ouvir. O que me parece ter sido de grande valia quando revejo os “resultados” que obtive. Um desses autores amorosos que prazerosamente li é Alessandro Portelli (1997). O nome do artigo que trago aqui é “Tentando aprender um pouquinho”, um título que já nos ajuda a entender o modo que ele se aproxima das histórias de vida.

Através deste autor pude me encontrar com um estilo de conversa, no qual é a simplicidade o que nos une. Minhas conversas são muito simples. Contudo estão permeadas de valores e concepções que alinhavam minhas particularidades a um método de trabalho. Portelli (1997), fala, por exemplo, que no campo da história oral é comum encontrar manuais que aconselham os pesquisadores a se manterem distantes, neutros, para não interferirem nos depoimentos. No entanto ele já dá uma sugestão diferente: “mostre-se aberto, fale sobre você, responda as perguntas (se as fizerem...)” (p. 22). Assim como o próprio autor, também reconheço que não revelaria minhas histórias a uma pessoa que assumisse uma postura neutra e impessoal.

“A arte essencial do historiador é a arte de ouvir” (PORTELLI, 1997, p. 22) e entendo que ouvir não seja apenas dar seus ouvidos ao outro e deixá-lo falar o quanto quiser, sem troca. Acredito que é a energia que emana em uma conversa em que tu sentes as reações do

ouvinte, esperas e recebes a reação de uma ação, por exemplo, que provocam as lembranças a se soltarem e se reconstruírem.

Portanto, compreendo agora que as belas histórias que lerás daqui para frente se devem a uma feliz escolha de convidar justamente aquelas pessoas, mas devem-se também ao modo como nossas conversas foram generosas com as lembranças, deixando que viessem como quisessem. Por isso percebo que por alguns momentos, meus colegas contadores saíram e se esqueceram deste mundo cheio de objetivos, métodos e justificativas. Eles foram comigo, dando asas a um mundo inventivo, que era produzido no poder do instante...

E por fim te revelo que tomei a decisão de utilizar os reais nomes dos entrevistados. Mantê-los verídicos para mim é uma forma de respeitá-los com suas verdades, dando não só voz, mas também nome a eles. Isso por entender que as “informações” que estes trouxeram são riquezas de suas vidas e só os valorizam, pois estão sendo lembrados e apresentados com carinho e respeito⁹. Além de também entender que ao assinarem o Termo de autorização do uso de imagem e voz (Anexo 2) estes estão cientes do trabalho que se desenvolverá com suas histórias, sendo então correto da minha parte reconhecê-los como portadores de suas memórias.

O mesmo cuidado que tive com as pessoas, também ofereci àquelas falas. Por isso apurei e transcrevi as entrevistas valorizando a manutenção das características das conversas. Assumo que havia um interesse meu em buscar e manter a originalidade do que foi dito. E essa noção foi repensada após uma conversa com meu orientador. Contudo, percebo agora que se tratava de certa ingenuidade da minha parte não admitir as tantas nuances e pequenas criações que a própria transcrição nos obriga. Com o tempo, portanto, pude me sentir mais encorajada em fazer pequenos acertos na pontuação e nas palavras. Ainda assim, talvez haja em ti certo estranhamento, pois em alguns momentos não há ideias retas e objetivas, como numa frase formulada para a escrita. Para tanto, nos caberá buscar essa transposição, procurando nas palavras digitadas um clima de conversa, solto; encontrando nas vírgulas tempos de cada fala; e nas reticências tempos diferentes, que podem ser interpretados como silêncios ou fugas do pensamento.

⁹ Essa postura foi um acolhimento das palavras que recebi no momento da qualificação, principalmente através da fala das professoras Cristiana Tramonte e Gilka Girardello, que mostraram a importância de valorizar os contadores através de seu reconhecimento, dentro de seus nomes verídicos.

Neste meu processo de encontro com a pesquisa, foi interessante me reconhecer como entrevistadora. Percebo que assim como nas falas dos entrevistados, as minhas também trazem essas noções do momentâneo: às vezes sem palavras, por vezes falando demais, em momentos não conjugando os verbos nos tempos corretos, ou ainda pecando na repetição de expressões... Algo que gerou em mim, durante a transcrição, um cansaço enorme por ter de assumir minhas falhas.

Contudo, procurei manter estas “dificuldades”, respeitar esses tempos e adotar estas questões - que a princípio aparecem como sujeiras - mas que podem me ajudar a entender mais todo esse contexto, sendo revistas e repensadas na medida em que forem aparecendo nos trechos apresentados.

Enfim, vamos às entrevistas?

Entrevista 1- Santana

Um dia estranho. Foi assim que o entregador descreveu o dia de hoje, quando veio trazer a água nesta manhã. Comecei o dia um pouco do avesso, o cansaço de hoje é um tanto maior que o de costume, demorei muito para dormir na noite passada. Foi a preocupação com essa entrevista que me tirou o sono. É sempre assim, parece que o tempo perde um pouco seu ritmo quando divide espaço com a ansiedade e o nervosismo.

No caminho, ao passar pela Baía de São Miguel e me deparar com aquela costumeira bela paisagem, pensei no quanto minha entrevistada é uma pessoa especial para mim. Muito querida, ela é alguém que eu tenho certeza de que me receberá com todo o carinho, procurando ser o mais gentil possível. Ela é uma daquelas pessoas raras que a gente quer guardar, manter por perto para toda vida. E este guardar seria mesmo no sentido que traz Antônio Cicero, o qual usa este verbo não como algo que deve ser trancado, mas guardar através do ato de mostrá-lo, apresentá-lo, revelá-lo, para que seja guardado. E é assim que eu me sinto hoje quando pretendo trazer junto com a Santi¹⁰

¹⁰ Santi é o apelido carinhoso que dei a minha amiga Maria Santana Flores. Ela tem 37 anos, é técnica em enfermagem, mas trabalha atualmente como

as suas histórias, para guardá-las, com todo o valor que elas merecem...

Combinamos ontem o encontro para as nove horas da manhã e acabei mandando uma mensagem hoje cedo avisando que chegaria as nove e quinze (exatamente na hora que estacionei o carro do outro lado da rua, quando minha amiga foi até a porta de sua casa avisar para que estacionasse dentro de seu terreno). A resposta desta mensagem ela escreveu com o carinhoso costumeiro: "Bom dia. Tranquilo. aguardo você. Beijos"

Eu pretendia começar a "entrevista" às nove e meia. Seria o tempo necessário para conversar um pouco e montar o material.

Confesso que rezei, pedindo ajuda para meus protetores para que tudo ocorresse bem e que a minha postura não atrapalhasse a pesquisa. Apesar de saber da naturalidade da conversa, era o meu posicionamento neste diálogo que mais me preocupava. Por esse motivo, para me sentir mais segura, na expectativa de ficar mais confortável na posição de entrevistadora, montei um roteiro¹¹ com a intenção de usá-lo apenas como suporte. A intenção era que a entrevistada não saísse muito fora daquilo que me proponho. Junto com este roteiro levei um termo de autorização para que a Santi possa assiná-lo, permitindo o uso de sua voz, imagem e suas falas.¹²

Tal como já contei no capítulo 2 – Como colher retalhos? – foi a partir das histórias contadas por esta colega (minha primeira entrevistada) que esta pesquisa se deslocou. Senti que por este motivo havia um peso e uma preocupação mais acentuados neste encontro. Talvez desnecessários, eu sei. Mas a verdade é que a sua relação com o trabalho já era muito intensa, apesar dela não ter noção disso.

vendedora. Na época em que nos conhecemos, e também quando a entrevistei, ela estava trabalhando como secretária e assistente da Secretária Municipal de Educação de Governador Celso Ramos.

¹¹ O roteiro está presente no Anexo 1.

¹² Trecho extraído do diário de campo – dia 16 de maio de 2012.

No ar havia uma angústia, uma ansiedade, um medo de que não desse certo. Medo de provocar alterações no trabalho a ponto de que eu não conseguisse mais segui-lo, contê-lo dentro de uma pesquisa. Confesso que existia uma vontade de ser pouco influente na fala dela, mas ao mesmo tempo a vontade era de aproximá-la do trabalho e aconchegá-la dentro de uma proposta para que ela se sentisse à vontade. São esses sentimentos que tive, guardei e tentei diluir ao longo do percurso até a casa dela.

Pensando no quanto seria importante guardar comigo os olhares, os gestos, as falas, os sentidos que ela demonstrar... e que assim seja!

Ao mesmo tempo, neste caminho, abro a janela para sentir o cheiro, aquela sensação boa se instaura: adoro esse lugar!

Posso tentar detalhar aqueles momentos, mas sempre farei pouco. A casa de madeira aconchegante me trouxe um amontoado de sensações, que associadas as que eu já trazia transformavam-se num daqueles momentos que dificilmente se esquece.

O que me surpreendeu?

Talvez possa afirmar que algo ficou no ar por todo o tempo. Estava no meu "discurso" e nas vozes que soavam a partir do momento que conheci sua mãe. Ela em si, sua conversa e a vontade dela de participar do que estávamos montando me mostrou algo diferente e foi uma das coisas que mais me instigou durante todo o tempo. Entrei pensando em mil coisas, pensando naquele lugar, imaginei as histórias que ela teria para me contar e quando sai só conseguia pensar nas fugas. O quanto percorri outros caminhos, mesmo disposta a me abrir, eu havia me mantido dentro dos meus referenciais de ambiente, de experiência, de lugar durante praticamente todo o tempo.

A acolhida

Inevitável que as pessoas se sintam intimidadas com alguém que entra na sua casa lhe fazendo perguntas e batendo fotos. Mas não foi assim que senti essas duas mulheres... Elas estavam bem, fazendo de tudo para que eu também me sentisse a

vontade. Ofereceram-me refrigerante, água e tomei café com torta de ricota. Estava tudo tão bom e tão agradável, que mesmo depois de conversar sobre tudo o que eu tinha direito (e sobre o que eu não tinha direito também) e tirar tantas fotos, acabei ficando para o almoço.

Durante o tempo da entrevista vinha aquele cheirinho de feijão da cozinha, que ficava junto da sala, com só uma porta (que estava aberta) separando esses ambientes. Por essa porta a sua mãe também participava das conversas, acrescentando quando sentia necessidade de aumentar um pouco a história, ou corrigir algo.

Senti como se as duas fizessem parte da entrevista. Apesar de somente uma delas ter falado sobre sua infância.¹³

Conversamos sobre muitas coisas antes de iniciar a entrevista. Falamos sobre as orquídeas que ela e sua mãe haviam recebido no dia das mulheres e que estavam sobre a mesa... Dialogamos sobre a gravação que se iniciava e, para me ajudar a começar a conversa, eu preenchi a folha do roteiro. Logo em seguida expliquei a ela o objetivo do trabalho e falamos sobre o envolvimento dela nele:

Eu: Tu lembra como é que é o trabalho, né, Santi? Que na verdade o que eu to fazendo é uma pesquisa pra falar um pouco das histórias daqui, da região. E daí... quando a gente conversou lá na secretaria... Eu não sei se tu sabes, mas acabou que a tua conversa, a gente conversando aquele dia, mudou bastante, sabe, a ideia do trabalho...

Santana: É mesmo?

Eu: Ahã. Porque eu saí de lá e, logo em seguida, eu tive uma conversa com o Leandro, que é meu orientador, né. E a gente conversou bastante e eu comecei a perceber que eu tava me concentrando em pessoas para fazer o trabalho e de repente essas pessoas – claro que iam ajudar bastante – mas eu achava que de repente eu podia estar omitindo histórias bem legais, sabe? De algumas pessoas que... que também tem um trabalho legal na comunidade, que também tem interesse em ajudar o próximo. Não necessariamente porque a pessoa movimenta muito a cidade ela tem uma ação muito forte no outro. Às vezes uma pessoa que está ali... ajudando... fazendo, ela tem uma atuação

¹³ Trecho extraído do diário de campo – dia 16 de maio de 2012.

muito forte no outro... Isso é muito relativo, né? Consegues entender o que eu to querendo dizer?

S.: Com certeza.

Eu: Então é muito relativo assim. Daí foi o que a gente começou a conversar e eu contei que tinhas me contado algumas coisas já, de histórias da tua infância. Daí ele falou: “ – Mas Helô, tu não achas que tens que conversar com ela?” [...]

S.: Ai que bom que eu possa te ajudar de alguma forma...

A tensão de minha amiga permaneceu e achei que, para iniciar, o jeito seria focar no objeto:

Eu - Tinhas me falado que tinhas um objeto que te remetia muito a infância...

Santana: Ah, eu vou pegar pra ti ver.

Eu: Ah, pega para mim...

[Silêncio]¹⁴

Eu: Ai que coisa mais linda!! Ela tá envernizada?

S.: A mãe envernizou agora, ela era em palhinha normal.

Eu: Ah, ela era? Que trabalho lindo, né?

S.: E tem muitos anos, né, Helô.

Eu: E era da tua bisa?

S.: Era da minha Bisa. E quando ela faleceu foram passando as coisas dela. E como ela gostava muito de mim me deram essa cadeirinha que era uma coisa que ela cuidava há anos. Isso aí... Meu Deus! Ela morreu com 89, né mãe? E isso aí já existia há anos. Há quantos anos existe essa cadeirinha?

Eu: Imagina...

S.: Ai tinha uma bonequinha. Só que na época eu tinha uma prima que era bebê e veio pra cá e quebrou a bonequinha. Daí eu boto isso aqui, que é parecido com meu cachorrinho.

[Risos]

Eu: Então tem um super valor sentimental. Mas tu lembra disso, quanto tu eras criança? Dessa cadeirinha?

S.: Sim... Com certeza, Meu Deus!

Mãe: Ela não saía do lado da vó.

S.: É porque eu vivia na casa da minha avó. E aí assim... Eu cuidava dela. Meu Deus... Com a bonequinha que era dela, que a vó tinha dado junto. Imagina ela tem tanto valor quanto o que a bonequinha tinha.

¹⁴ Entre colchetes estão algumas intervenções que julguei necessárias no momento da transcrição, as quais se perderiam com a escrita.

Eu: E como era essa bonequinha?

S.: Ah. Era uma bonequinha normal. Na verdade não tinha nem cabelo. Era carequinha, como se fosse aqueles bebezinhos de plástico, só que bem “piquinininha”. Do tamanho mesmo, proporcional a cadeira.

[...]

Eu: E ela tinha roupinha e tudo?

S.: Tinha.

Eu: E tu brincava com a bonequinha, tudo?

S.: Sim. Uma coisinha minúscula, assim. Mas criança né?

Eu: Sim. Imagina...

S.: E quando a minha vó... quando a minha bisa começou a adoecer ela ficava mais na casa da minha avó. Mas até então, enquanto ela conseguia andar a gente ia para a casinha dela... Que era... nossa bem, bem simplesinha. Aquelas casinhas que não tinha nem janela de vidro. Era... de madeira mesmo. Era a janelinha de madeira que dividia, assim... as duas peças.

Eu: É mesmo?

Mãe: Daí abria a janela e era a porta de casa. Daí saía para a rua e abria a porta também. Era duas folhas.

Eu: Ah sei!

Mãe: Ai quando chegava de manhã abre uma...

S.: E ficava como se fosse uma janela, assim...

Eu: Que legal.

S.: Nossa! Isso aqui [a cadeirinha] marcou muito, bastante...

Resolvi colocar este primeiro momento da entrevista quase que integralmente devido aos detalhes e às relações que ele apresenta, trazendo uma noção de quem são essas duas mulheres que me receberam.

Antes de continuar queria apenas salientar a quantidade de imagens e lembranças que o objeto escolhido por ela trouxe para a cena. Esse é um ponto interessante e que será retomado no capítulo seguinte - um espaço cuidadosamente preparado para pensarmos sobre as tantas riquezas que os objetos trouxeram a essa pesquisa. Uma delas já está aqui: *os objetos fazem lembranças dispararem* e a partir deles, principalmente neste caso da Santi, podemos alcançar belas histórias de vida de relações muito afetivas e íntimas dela e de sua criança.

Além disso, o objeto escolhido por ela tem um valor agregado devido seu “tempo de vida”: “ – Há quantos anos?”. Assim lhe é atribuído um valor de antiguidade. Um objeto que vem sendo cuidado, tem uma história, além de claramente possuir um valor sentimental. Talvez até ele simbolize um reconhecimento da família... uma conquista

dela, quem sabe. Mas como já disse, esta será nossa discussão mais adiante.

Quando continuamos a conversa a partir do objeto, surge:

Eu: E onde a tua vó... a tua bisa morava?

Santana.: Era aqui em Areias só que dá... o que mãe? Uns quinhentos metros assim... Sabe ali o Adílson Cabeleleiro?

Eu: Sei, sei.

S.: Era naquela rua ali. Hoje a casinha não existe mais. Construíram uma outra casa no lugar.

Era herança. Daí ela morreu e desmancharam a casinha dela e a família foi construindo, assim...

Eu: Daí ela foi morar com a tua vó, no caso.

S.: Foi. Ela morreu já na casa da minha avó.

Eu: Daí tua avó também é daqui.

S.: Também é daqui só que já faleceu.

Mãe: Ela ficou doente e ela ia para casa da avó. Quando ela tava cuidando...

Eu: Ah, aí ela ia para lá.

S.: Pena que eu não tenho foto.

Eu: Pois é... Eu ia te perguntar isso agora.

S.: Aí, não tenho. Só se a minha madrinha tem, né mãe? A gente não tem nenhuma foto dela.

Mãe: Não, não. Da vó não.

S.: Ah! A vó [falando da bisa] era a coisa mais linda, Helô.

Eu: Que querida.

S.: Nossa senhora!

Eu: E brincava, assim, contigo?

S.: Não, não. Eu só lembro dela assim ó. Na casa dela, fazendo as coisinhas dela, quando ela tava bem. E assim que ela foi para a casa da minha avó, daí ela só ficava mais sentadinha, dava uma caminhadinha na rua... Assim... Mas era uma pessoa que toda a comunidade gostava. Às vezes ela passava. Ela tinha um problema na coluna, bem baixinha, magrinha, meio arqueadinha. Daí as pessoas levavam ela até na casa da minha avó.

Eu especialmente me encontro muito com as lembranças desta amiga. E, no entanto, não havia notado o quanto a lembrança e imagem dos avós pode ser algo afetivo a ponto de levar a nos relacionar de um modo diferente com o ambiente. Fiquei com essas ideias em mente por muito tempo e por aparecer nas entrevistas, sou vencida pelo interesse

de pensar essas relações afetivas mais adiante¹⁵. Neste momento apenas sinalizo para que também observes “as importâncias”¹⁶ que esta primeira entrevistada nos apresenta.

Depois de toda essa conversa que surgiu a partir do objeto, conhecendo um pouco sobre sua bisavó e algo de sua relação com o ambiente, perguntei a ela sobre os lugares pelos quais ela tinha passado na infância. Por conviver um pouco com essa amiga, sei que possui uma paixão pela praia e, por curiosidade, acabei perguntando a ela sobre suas experiências lá na infância com relação a praia também:

Eu: Mas então tu ficasse a tua infância aqui, por aqui?

Santana: A minha infância foi toda aqui.

Eu: E tu lembras de passar e conhecer outros lugares do município?

S.: Não... Olha, o lugar que antes eu ia era Areias do Meio, que eu ia com a minha avó (a mãe do pai). A gente ia muito na casa de tios, assim. Na Armação, que eu ia com a mãe da mãe, visitar os cunhados dela. E ali em Morretes, que é ali depois de Areias de Cima. Eu não sei, acho que já pertence a Tijucas ou é Biguaçu...

Eu: Ah sim... Acho que sei onde...

S.: E também eu me lembro do pai me levar na Caeira...

Eu: É?

S.: Eu acho que meu irmão era pequenininho. Então... Ah, o pai era bem orgulhoso, né mãe? E me levava. “Ah, essa aqui é minha filha” E me levava para a Caeira com ele...

Eu: Pra dar uma volta? Ele pescava?

S.: Assim, ó. Ele pescava, mas na época era só quando ele ia dar uma volta. Ele não ia pescar, assim...

Eu: Ah...

S.: Ele me levava assim, pra ir lá na praia, pra mostrar, tudo né? A lancha que trabalhava, as redes, assim...

Eu: É, porque eu ia perguntar: deves ter tido algum contato com a praia né?

S.: Sim. Sim. A minha primeira vez na praia eu tinha três anos. Eu lembro que eu fui com a irmã do pai. Uma das irmãs mais novas do pai. Ali em São Miguel.

Eu: Ali em São Miguel! Nem foi aqui então?!

¹⁵ A partir da página 118.

¹⁶ Importâncias, lembrando do belo poema de Manuel de Barros (2008) que diz: “a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (p.109).

[Risos]

S.: Foi ali em São Miguel¹⁷. E eu lembro até do meu primeiro biquíni.

Eu: Meu Deus, tu lembras disso?

S.: Sim. Meu primeiro biquíni foi ela quem deu e era azul... azul meio turquesa assim.

Eu: Que engraçado, que lembrança forte, né?

S.: Imagina... vontade de ir à praia. E a mãe e o pai trabalhavam. Mas a mãe quase não ia pra praia, trabalhava também...

Mãe: Quando ela era pequenininha ela ganhou também uma patinha, que a minha sogra deu pra ela.

S.: Ah sim.

Eu: A patinha tu tinhas quantos anos?

Mãe: Se eu não me engano era uns treze anos.

S.: Ai a minha vó paterna, né? Que era a minha avó que eu amava demais. Era como uma segunda mãe! Eu ganhei essa pata...

Mãe: Mas era velha, velha, velha.

Eu: Mas era pata de verdade? Não de pelúcia?

S.: De verdade! Eu ganhei essa pata dela, né mãe? Era o meu xodó também. Só que... era assim, tinha época que eles diziam: "Oh, tá na época de matar" Não. Eu não deixava. Não sei. Era como o meu cachorro, era um bicho de estimação.

Mãe: Morreu de velha, mas não comeu.

S.: Eu não ganhei a pata pensando em matar, como eles matavam o frango.

Eu: Mas era aqui que vocês moravam nessa época?

S.: Ai já era aqui. Não nessa casa, né. Mas aqui nesse mesmo quintal...

É bem verdade que minha vontade é de sair colocando mil ideias que me vem à cabeça. Uma delas seria a lembrança sobre a praia. Vontade de criança ou vontade de adulta?

Outro ponto que me interessei a pensar foi sobre os contornos que suas palavras parecem desenhar, talvez pela presença da mãe ouvindo suas histórias. Não há como negar o quanto o rumo da conversa é desenhado e de certo modo até censurado, pelos ouvidos próximos e atentos de sua mãe. Um filho se sente à vontade ao falar de sua infância, tendo seus pais bem próximos, dispostos a corrigir uma fala ou justificar uma falha? Reconhecendo esse ponto, também admito que existiram outros ganhos...

¹⁷ Balneário localizado no município vizinho: Biguaçu/SC.

Sobre o animal de estimação – a pata – não senti seu entusiasmo ao falar dela. Mas muito mais em lembrar que foi um presente da avó paterna...

São fios que ela deixa soltos, percebes? E o que eu queria nesse momento é tentar ligá-los. Existe um outro entrevistado que também *fala das pessoas*, no entanto ainda não fostes apresentado a ele... Por esse motivo, mesmo querendo muito continuar com as tantas lembranças e histórias que a Santi nos presenteia, resolvi trazer já a segunda entrevista que fiz. Será assim que te apresentarei meus amigos (aos poucos) e mais tarde – depois de conhecer todos eles – poderemos conversar cruzando suas histórias...

Entrevista 2 – Sr. Alix

O homem que entrevistei e aqui vou apresentar é um senhor que viveu boas histórias. Por fazer questão de sempre contá-las com tanta riqueza de detalhes e lucidez, foi incentivado por seus filhos a escrevê-las. Mais tarde, talvez, também compreendas, assim como eu, o que significou para ele registrá-las e seus efeitos¹⁸. Deixo-te instigado(a), mas continuo afirmando que suas memórias foram publicadas em um belo livro chamado: “Luz no meu caminho”, já comentado aqui anteriormente.

Estive no lançamento de sua obra. Um evento que na época ajudei a organizar chamado: “I Feira do Livro e da Arte de Governador Celso Ramos”. Apesar do meu enorme interesse pelo assunto, comecei a ler aquelas histórias um tempo depois. Para minha surpresa a narrativa envolvente de seu livro me levaram a lê-lo em pouco tempo.

O interessante é que fui surpreendida: como eu não sabia de nada disso? Fiquei admirada, porque além de achar que suas lembranças teriam muita ligação com este trabalho, este homem também tem uma relação de parentesco comigo - é irmão da minha avó - e mesmo assim, nunca havia conversado com ele, nem conhecia suas incríveis experiências.

Algumas dessas ligações, tu leitor(a), reconhecerás facilmente. Sei que também ficarás surpreso com as pontes que podemos construir. Mas queria que, além disso, tu te deixastes tocar pela ansiedade desse encontro, com suas tensões e emoções, algo que extravasa e encharca todo esse trabalho...

Então vamos começando pelas minhas memórias:

¹⁸ Algo que conversaremos a partir da página 112.

Acabo de ligar ao Sr. Alex para combinarmos a entrevista. Ficou marcada para amanhã, às 14hs.

Senti pela sua fala o quanto este homem é objetivo, sem rodeios. E talvez por isso, meu friozinho na barriga ganha proporções maiores. Não gosto de estar onde não sou desejada... e também queria que para este homem a entrevista tenha algum significado, ou ao menos, que não seja desagradável. Isto já seria de bom tamanho.

Ele me explicou exatamente o lugar e como chegar. Perguntou-me se eu iria de carro e ofereceu a vaga na garagem: uma gentileza. Pensei em retribuir com flores para o casal. Talvez seja uma forma de mostrar como estou feliz por me receberem... Talvez. Vou conversar com algumas pessoas para saber suas opiniões. Na verdade acho que humildemente, de forma discreta, faça mais o meu tipo. E talvez o melhor agora é eu me sentir confortável e não inventar coisas para me complicar.

Já são muitas dúvidas, questões... Penso que a conversa poderia não ter muitas perguntas, queria que ele falasse sem interrupções. Mas como? Logo eu que gosto tanto de conversar e agora tenho a oportunidade de conversar com alguém tão interessante. Gostaria de poder dividir com esse senhor a ideia da minha pesquisa e ouvir sua opinião a respeito. Penso que ele pode contribuir com sua sabedoria. Quem sabe ele pode vir no meu trabalho como referência mesmo, ajudando-me a dar explicações, ou levantando mais questionamentos...

A verdade é que sua história é um grande incentivo. E sua companhia, suas memórias serão um grande presente para este trabalho... Pretendo me apresentar, explicar a minha pesquisa e ouvir... Falar pouco... deixar os silêncios vazarem...

Zuanta ansiedade! Vou me preparando, amanhã será um importante dia...¹⁹

¹⁹ Trecho extraído do diário de campo – dia 24 de julho de 2012.

Ao chegar no prédio do Sr. Alix me surpreendi com a rua. Um lugar central na cidade, onde toda a área ao redor é ocupada por lojas de antiguidades, brechós, lojas de móveis usados, sebos... não a conhecia e não pude deixar de me envolver com as histórias que aquele lugar contavam aos meus olhos. E lá estava o prédio deste senhor, um residencial no meio de tantos comerciais.

Ele já me aguardava, avisou o porteiro que me indicou uma vaga na garagem.

Toquei a campainha do apartamento, bolsa, máquina fotográfica e pasta na mão. Que impressão eu queria passar? De verdade, por uns segundos pensei que toda aquela ideia de alguém que vinha disposta a também contar suas histórias foi para os ares. Esse homem, com tanta experiência, não vai querer me ouvir...

Ouvi os passos até a porta, senti seu olhar pelo olho mágico e a porta se abriu com um sorriso simpático vindo atrás dela e os olhos de minha avó me olhando. Eles ficaram fixos em mim por um tempo e eu, sem graça, sem saber se eu poderia abraçá-lo como queria... Mas nos abraçamos e ele me convidou para entrar.

Com o coração disparado só soube andar até uma cadeira que ele indicava e pensar no quanto aquele senhor estava bem: disposto, arrumado, com roupa de sair. Senhor Alix sentou-se numa linda poltrona vermelha que ocupava quase metade do espaço em frente a TV, do outro lado outra poltrona, num tom bege... Durante boa parte da entrevista fiquei imaginando ele e sua senhora sentados ali, cada um no seu confortável assento, pensando sobre a vida, sobre seus filhos, sobre as luzes do céu (algo que ele mostra ser uma de suas paixões).

Logo ele me perguntou qual era a minha intenção e o que eu fazia. Eu lhe expliquei sobre o trabalho, falei que eu trabalhava com educação ambiental, falei da minha pesquisa de mestrado e lhe disse que achava que ele poderia me ajudar contando sobre sua infância. Foi então que ele falou que já havia

contado sobre sua infância quando escreveu seu livro e me perguntou se eu o havia lido. Eu disse que sim enquanto tentava pegar o gravador na bolsa e me organizava. Eu não tinha tido tempo ainda para pegar o gravador e iniciar a gravação, mas ele já começou a falar sobre suas histórias, mas de maneira breve mesmo, como se houvesse tópicos: as brincadeiras, a escola, e me pareceu um pouco incomodado, dizendo que tudo aquilo já estava no livro.

Eu tentei lhe explicar dizendo que apesar de estar no livro, ao lê-lo eu senti algumas dúvidas. Senti que nem tudo deveria estar lá e o que eu queria saber é o que ficou fora. Daí então falei sobre o gravador, liquei com sua permissão, enquanto ele já estava falando...

Sentado na poltrona e meio que de lado para mim ele foi me contando algumas coisas, meio que buscando em sua memória algo que pudesse me ajudar. Com as pernas movimentando-se e os pés batendo no chão, pensei que estivesse impaciente. Como quem diz: O que ela quer? Já está tudo lá!

*Posso dizer que esse início foi tenso. E assim seguiu até determinado momento em que as histórias começaram a surgir...*²⁰

Querida, queria que ouvisses, mas aqui somente lerás e mais tarde conversaremos outra vez. Será que tivemos as mesmas impressões? Eu posso te garantir que fui tocada por aquelas histórias...

É claro que isso pode ter acontecido devido às nossas aproximações e aos meus gostos. Mas talvez quando se fala de infância tenhamos todos algo em comum: espaços vagos, espaços lotados... espaços querendo ser compartilhados...

Enfim, após uns assuntos soltos, ele começa assim:

Alix: Eu nasci nos Ganchos em 23 de agosto de 1919, né. Do casal Maria Martins Soares e Pedro Joaquim Soares, que eram meus pais. Eu tive uma infância relativamente boa, para a época. Hoje seria muito ruim.

Eu: É?

²⁰ Trecho extraído do diário de campo – dia 25 de julho de 2012.

A: Mas como a gente não conhecia, o que era bom era aquilo que se passava, né. O tratamento... Tive uma escola relativamente boa. Dona Alice Roque era uma professora que, vou te dizer, naquele tempo era complementarista, ou normalista, qualquer coisa assim... E ela lecionava em três turnos numa escola mista.

Eu: Imagino.

A: Rapazes e meninas, né? Então, essa escola me trouxe - hoje eu te faço a minha reflexão - que foi muito importante aquela escola para mim. Porque Ganchos não tinha, não havia recursos. Todo mundo era pobre. Era uma colônia de pescadores, não sei se te interessa saber. Já sabe, está ali no livro...

Eu: Mas pode falar o que o senhor quiser. É, não precisa se...

A: Então. Era uma colônia de pescadores, onde se vivia harmonicamente bem. Todo mundo. Inclusive havia colaboração. Um ajudava o outro. Um entendia o outro. Era uma freguesia que vivia em harmonia. Existia nessa época de menino que eu crescia... Já crescia já trabalhando. Que era a famosa rede de arrasto. Trabalhava a noite... para pegar pescadinha, enfim, camarão. Até se iniciar no trabalho que era de pescador, aos dezesseis anos. Antes porém...

Eu: Ficava junto também?

A: Ficava. É. Então, a minha vida foi pautada nesses ensinamentos. Através do meu pai, sempre trabalhei com ele, né? Então ele procurava me orientar, me preparar. E levei minha vidinha até meus 21 anos, quando eu fui para o exército. Mas antes, antes tinha muita coisa, né. A gente quando menino aproveitava as domingueiras de domingo, que existia naquele tempo. As danças de roda, as ratoeiras. Hoje não existe isso...

Fica claro em suas frases o quanto este senhor faz uma leitura atualizada daquelas lembranças. Talvez seja essa uma primeira informação que se possa ressaltar, porque justamente chama atenção o seu olhar para aqueles momentos distantes. Ele tem uma opinião sobre o que aconteceu, tanto em relação à aprendizagem que a professora Alice Roque o proporcionou e a referência de escola, quanto a sua infância que, no seu modo de pensar, não parece boa para os dias de hoje. E me pergunto: de onde vem essa convicção dele? Por que será? Que valores perdemos e quais adquirimos em relação ao que seria uma boa infância? Eu deveria ter perguntado a ele o que queria afirmar com isso. Mas podemos tentar responder a nós mesmos...

Ele também trata a forma como as pessoas foram importantes no seu aprendizado, na sua formação. Ele resalta que vivia-se harmoniosamente bem, que havia entendimento, colaboração. Palavras fortes e que entregam um modo que este senhor encara sua história e a

relação que tinha com o ambiente. Essa sua admiração e respeito pelo lugar vai ficando mais clara ao longo de nossa conversa. E a afetividade que ele guarda parece estar muito relacionada aos aprendizados que desenvolveu na infância, falando, por exemplo, da importância do seu pai na sua formação: *Através do meu pai, sempre trabalhei com ele, né. Então ele procurava me orientar, me preparar.*

Reconheço muitos fios que Sr. Alix me deixa para alinhavar. Dentre os tantos, num segundo momento ele traz algo que utilizo também como apresentação deste senhor:

Alix: Mas passado tudo isso tinha o aprendizado da pesca... E da agricultura, né. Pra te falar a verdade... era mais forte a agricultura familiar do que a própria pescaria. Porque o gancheiro pescava para se alimentar e na roça, como se dizem né, plantava a mandioca, o aimpim, o feijão, o milho, a batata, a abóbora, o amendoim, enfim... Toda a agricultura familiar, essa era o mais forte... Era o que mantinha a família.

Eu: Então muitos homens viviam na agricultura mesmo. Não era só na pesca.

A: Não. Ah... Era a agricultura familiar, tá?

Eu: As mulheres também participavam.

A: Existia em ganchos nessa época uns oito engenhos de farinha. Mas era engenho. Movido a animal só tinha um, que era do Rudi da Ivanira, né, Seu Chico Pedro. Mas no mais a família se reunia e plantava mandioca, levava...

Eu: E era da comunidade esses engenhos então.

A: A comunidade ajudava, né. E tinha ainda... neste trabalho, tinha uma noite de raspar a mandioca, que ser chamava capote. O capote seria, eu raspo uma metade e você raspa a outra. E isso acontecia entre menino que namorava. Então isso aí...

Eu: Daí os meninos e as meninas aproveitavam para se conhecer lá?

A: Exatamente...

Ele mais uma vez salienta as atividades que aconteciam entre as pessoas da comunidade. Eram quase como eventos em que a intenção era que todos se ajudassem, dividindo o trabalho, multiplicando as afinidades, compartilhando os frutos.

Outro olhar que se instaura aqui seria a forte presença do trabalho da roça neste ambiente. Algo que para o Sr. Alix, mais especificamente, fica de lado em sua vida devido o seu amor pelo mar. Mas as histórias de Ganchos ainda vêm sendo muito contadas com o foco na pesca. Por isso pensei nas fugas dessa costumeira forma de encarar o cotidiano

dessas pessoas... Como seria a vida dos que não se envolvem com a pesca? Ou com a agricultura? Por que estabelecemos marcas e generalizamos modos de encarar e narrar um lugar?

É possível perceber também o interesse dele em explicar como acontecia a vida na comunidade, sem focar na sua vida. Por isso tentei esclarecer melhor meu interesse.

Continuando...

Eu: Como era esse dia a dia de criança? Como é que sentia aquele lugar?

Alix: Sim. Como era a interação da criança com o lugar que ela morava.

Eu: Isso, isso.

A: Eu te falei. Era uma freguesia. Entende? Não era nem vila. Era uma freguesia que compunha Ganchos de Fora, Canto dos Ganchos, Calheiros e Ganchos do Meio. Era uma freguesia. E isso foi mudando através do tempo e como criança, que a gente era, né?

Havia assim um fato, que eu acho que revelei ali. A gente respeitava muito os mais velhos. As pessoas que tinham o cabelo grisalho, a gente tinha um respeito, chamava de tio. Não precisava ser tio, era tio. Então tinha aquele respeito. Se ele mandasse, qualquer criança a qualquer lugar, para fazer um, um servicinho pra ele. Tinha que ir. Se não fosse seria repreendido em casa. Os pais repreendiam. Então já era um hábito, né...

Esse é um ponto muito bonito que Sr. Alix salienta e que depois aparecerá também nas conversas que tive com os demais entrevistados. Eu peço apenas que guardes essas imagens: as pessoas de cabelo grisalho sendo chamados de tios pelas crianças. O respeito e a valorização dessas histórias de vidas - que circulavam por entre os caminhos e praias da “freguesia” - são potentes para se criar esse contexto de ambiente que o Sr. Alix nos conta.

Os dias de hoje parecem “esquecer” desse olhar que se volta para a sabedoria-viva que, contrária às condições que lhe oferecem, ainda circula pelas ruas. Aqui somente se acende uma luz sobre esta questão, voltarei a ela através de meus colegas, pois este é um ponto em que suas histórias se ligam...

Eu: Deixa eu te perguntar mais uma coisa. Uma coisa que eu pedi para as pessoas é se tinha algum objeto da infância delas que marcou, sabe? Algum objeto que lembre de ter, de ter participado da vida, assim, por algum tempo. Alguma coisa assim, o senhor lembra?

Alix: [Silêncio]

Eu: Não sei... às vezes um brinquedo...

A: Não. Alguma coisa assim que marcasse né?

Eu: É alguma coisa da infância mesmo. Pequeninho mesmo.

A: É marcasse, né? ...Que tivesse marcado assim... que tivesse essa... uma sensação de culpa, assim...

Eu: Não necessariamente de culpa, né. Às vezes uma coisa que, que a criança às vezes carrega, alguma coisa assim... de menina que tem uma boneca, ou de menino que ganhou um pião... Uma coisa que marca, que a pessoa quando lembra... “Poxa, lembra a minha infância.”

A: É. Naquele tempo a gente usava muito... A brincadeira do cancheiro naquela época era sempre na beira da praia, no mar, né. Então, aquelas canoinhas com a vela, a gente brincava no dia que tinha vento, vento sul, a gente... quem tinha brincava com a... aquela canoinha pequena de vela.

Eu: Ah, sim.

A: E quem não tinha, ele inventava uma tal de iola. Era uma palha de bananeira, que com a bananeira... uma palha seca de bananeira.

Eu: Olha só, que legal. Daí ele fazia.

A: Então ele arcava. Enfiava um cordão lá e amarrava aqui, fazendo uma..., botava uma pedrinha, uma pedra, qualquer coisa e ela ficava... Então o vento tocava e ela ficava...

Eu: Que legal, né!

A: Era a brincadeira deles, né.

Eu: Aham. E o Senhor não teve o barquinho de vela, e fez? Como é que foi isso assim, com o senhor?

A: Ah. Eu brinquei, mas não era meu. Não. Não era meu...

E aqui surge um objeto do Sr. Alix... Ele descreve com detalhes como os meninos faziam a *iola*, e como eles brincavam junto à praia.

Esta é para mim uma parte especial do nosso encontro... Ele me fala de lembranças que não estavam no livro²¹, foge das amarras que provavelmente a escrita do livro o fixou e cria outras imagens.

Quanto à *iola*, fico imaginando como ela seria...

Sei que minha interação na construção dessa figura de objeto foi gritante. Instiguei-o a pensar em um objeto, falei sobre a possibilidade de ser um brinquedo, mas ele me surpreende, porque claramente o liga a um *espaçotempo*, cheio de detalhes e lembranças.

Mais adiante ele nos fala de suas primeiras experiências no trabalho, no aprendizado da pesca, na influência das pessoas da

²¹ Continuação desta noção na página 112.

comunidade na educação das crianças e no convívio com o pai. Trechos estes que ficarão para o segundo momento deste capítulo. Considero que ainda aprenderemos muito com as belas histórias do Sr. Alix pôde me contar. Por agora exalto uma primeira grande lição, que depois facilmente será observada nas demais entrevistas: a junção de pessoas e lugar.

Inspirada que estou pelos estudos culturais e pelos autores que tenho acionado ao longo desse texto, pude notar que as histórias contadas emergiam uma potente questão: o ambiente é feito de pessoas, que por sua vez as gentes são feitas do ambiente que os atravessa.

Talvez possa parecer algo simples, mas reconheço que por ser a quebra de uma noção bastante presente nas ciências naturais - campo de onde venho - e por isso me parece um tanto reveladora. Isso porque para as minhas construções como bióloga é algo que rompe alguns conceitos que estabeleci durante minha vida acadêmica. Percebo que tanto eu quanto muitos outros professores vem salientando em suas práticas esse mesmo modo de demarcar e criar muros entre conceitos: aquilo é ambiente e estes são os seres vivos; estas são as pessoas e este é o espaço que habitam e assim por diante.

Assumo que o próprio projeto desta dissertação trazia esta convicção: “entender as relações dos sujeitos com o espaço que habitam”. E percebo que essa noção vinha se fragmentando e pareceu ganhar força quando a professora Gilka Girardello me presenteou durante a qualificação com algumas palavras que contestavam: “mas não é isso que você quer dizer, é?” Foi então que pude perceber a necessidade de repensar o espaço de um modo diferente.

E o melhor, foi ao longo das entrevistas, de modo muito lento e inquietante que percebi o quanto estes sujeitos não conseguiam separar essas sensações sobre o ambiente “em caixas”. Ao serem questionados sobre o lugar, eles falavam das pessoas. Enquanto lia e ouvia suas entrevistas eu me contorcia pensando no que estavam fazendo, pois não falavam somente das áreas públicas, das construções, dos espaços de brincar, das casas. Eles queriam falar de suas relações com as gentes que compõe o ambiente que eles bem conhecem. Quando eu esperava ouvir contos que trouxessem imagens de espaços habitados e vivenciados, lá vinham eles com algumas lições que aprenderam com as pessoas, portanto, com o lugar. Estas foram, segundo eles, significativas para os transformarem.

Depois de passar por esse “sofrimento” de perda de algo que me parecia tão claro e legítimo, felizmente eu podia me arrepiar com as histórias que me contavam. Elas entravam soltas dentro de mim e me

atravessavam. Eles me fizeram entender que não havia lugar, espaço, ambiente sem bicho, sem gente. Sim, agora parece muito claro, mas percebo que mesmo reconhecendo por momentos esse interesse na construção de uma noção mais ampla, eu ainda estava enredada com alguns conceitos que trazia das ciências que tudo dividem.

Acredito que este ponto: “desconcerto da noção de espaço” está diretamente relacionado à educação ambiental. Isso porque muitas vezes nos propomos a pensar o ambiente e, mesmo dispostos a entendê-lo através de suas multiplicidades e elencando questões socioambientais, ainda assim, descrevemos o “espaço de atuação” e os sujeitos envolvidos como algo diverso e separado numa pesquisa, por exemplo.

Esse foi um grande ensinamento que eles puderam me oferecer. Algo que aparece ao longo de todas as falas e de algumas produções que fiz com e através das memórias compartilhadas por eles.

Portanto, sigo para a próxima entrevista, esperando contar com a tua boa memória, para que cada personagem receba um singelo espaço dentro de ti. Eu te peço que abrace essa imagem do Sr. Alix, junte ela àquela da Santana, para caminhar comigo agora até a casa da minha colega Cristiana, mais conhecida como Maninha.

Entrevista 3 – Cristiana (Maninha)

Acabo de falar ao telefone com a minha terceira entrevistada. Combinamos para sexta às 8hs. Gostei do jeito despojado dela. Sem frescuras, sem muitas amarras. “ - Vamos marcar amanhã?” “ - Não, amanhã não dá. Mas na sexta pode ser.” “De manhã porque à tarde eu dou aula...”. Perguntei sobre o almoço. Sabendo que eu poderia atrapalhar a organização dela. Mas ela disse que deixaria tudo pronto antes. Combinamos cedo, para que ficássemos mais à vontade com o tempo. Ela é uma pessoa bem prática e logo já desligamos. Para terminar a ligação, mais uma vez perguntei se estava tudo bem e sem problemas quanto ao horário e ela começou a rir. Foi então que percebi que era de mim, do meu jeito preocupado demais. Ela disse: “— Sim, Helô, está tudo bem!” Desliguei com aquela sensação: é tão simples mesmo, não é?

*Perguntei a ela já sobre o objeto. Falei que talvez ela poderia ir pensando ou então buscar algo que por acaso não estivesse na sua casa. Mas a princípio ela só respondeu, parecendo não pensar muito sobre o assunto: " - Não tenho não, Helô. Essas coisas eu já dei." "Tudo bem, flor. Só falei se fosse para ajudar."*²²

Indo em direção à casa da Maninha. Havia no ar como sempre uma preocupação para que tudo ocorresse bem. Eu acordei com vontade de fazer aquilo, o que já era um bom começo. E estava torcendo para que ela também estivesse num dia bom. Dentro do gravador estava a pilha nova, enquanto dentro de mim a torcida para que ele aguentasse firme e trouxesse na volta novas emoções. . .

Estaciono onde ela me indicou por telefone. Quando nos falamos combinando o horário, às 8:30 da manhã, ela me falou que sua casa ficava logo atrás da Secretaria Municipal de Educação - local onde trabalhei por dois anos. Caminho pela estreita rua que levará até lá. Sinto que o nervosismo se afastou quando estacionei o carro em tempo, sem atrasos. Então encontro um senhor varrendo o terreno e lhe pergunto onde fica a casa dela e ele me aponta. . . "Essa aqui." E minha amiga sai na janela e me acena.

Sou recebida por sua cachorrinha poodle branca e por um abraço de quem parecia bem descontraída. "Nem me preocupei porque pensei que me ligarias quando chegasses" - diz ela. "Mas foi fácil te encontrar" - respondo.

Entro na sua casa e conversamos sobre tirar ou não o calçado. Ela estava sem a sandália, mas não me deixou tirar a minha na porta. Então fiquei assim mesmo. A regra que me vem é: não contrariá-la agora. . . Sento à mesa escolhendo um lugar e fico de costas para a janela, de frente para minha amiga.

²² Trecho extraído do Diário de campo - dia 03 de abril de 2013

Antes de conversar sobre o trabalho decidimos jogar conversa fora, falando sobre as novidades de cada uma. Ela me fala sobre seu trabalho e sobre o que tem acontecido com cada professor e professora que conhecemos no tempo que estive trabalhando lá. Assim nos soltamos por entre o mundo que temos em comum. E ficamos felizes com nossas opiniões também semelhantes. "Muita coisa mudou por aqui" - afirma ela. E nos lembramos com nostalgia de um passado tão próximo e que nos parece agora, com nossos olhos, ser um tempo tão prazeroso e produtivo.

Depois de nos aproximarmos mais e quase esquecermos daquilo que me levava a sua casa comecei a conversa sobre meu trabalho... Contei o que eu vinha fazendo e qual a proposta da pesquisa. Resolvi, dessa vez, começar falando já de antemão do objeto, por entender que possa ser um disparador de lembranças...²³

Eu: Na verdade é bem assim, é uma conversa, sabe? A gente vai conversando e vai descobrindo as coisas... os segredos... [risos]

[Ela me olha com uma cara assustada...]

Eu: Não, na verdade não é nada demais. Inclusive, Maninha, no trabalho eu to fazendo de um jeito que eu também conto minhas histórias, sabe... Então fica assim... eu vou fazendo com as coisas que eu lembro e vai juntando as coisas das pessoas. Então a gente diz que virou uma colcha de retalhos. Porque fica uma colcha mesmo, uma história só, misturada com histórias de todo mundo. E está ficando muito legal por isso. Porque tem coisas que são muito em comum, né, na infância. Mas tem coisas que não, que cada um tem algo diferente...

[Ela olha para a minha folha, onde estão algumas questões norteadoras e me pergunta...]

Cristiana: Tá. Tu vai querer começar fazendo alguma pergunta?

Eu: É. Pode ser? Preferes assim ou preferes ir contando? Tanto faz.

C: Não. Pode fazer, pra mim fica mais fácil, né?

Eu: Fica mais fácil, né? Então assim ó. Tem uma pergunta que eu percebi que valia mais a pena colocá-la primeiro, que é essa relação do objeto que eu te falei por telefone. Se tinha alguma coisa da tua infância, algum

²³ Trecho extraído do diário de campo – dia 5 de abril de 2013.

objeto, que tenha sido especial, que tenha marcado a tua vida, a tua infância... Algo que tu lembra dele e venha um monte de lembranças...

[silêncio]

Não sei se tem alguma coisa assim...

C: Hmmm, não...

Eu: Não?

C: Por que assim, ó. Eu era bem menina, eu gostava de boneca, ursinho, ganhava muita loucinha de barro. Só que eu dei tudo, né? Não guardei nada.

Eu: Sim. Mas não que tenha ficado, sabe Maninha? Mas algum objeto que, de repente, na tua memória ficou, entende? Não precisa me mostrar ele...

C: A questão era... os brinquedos mesmo, né Helô... Porque eu nunca fui aquela menina arteira de pular e ficar só na rua. Eu era mais sossegada. Só de brincar mesmo. Eu brinquei muito assim... de boneca, de loucinha. Tudo para mim virava loucinha... tudo.

Eu: Imagino.

C: Até um copinho de iogurte para mim virava uma panelinha...

[risos]

Eu: É? E tu gosta hoje de cozinhar ou não?

C: Não.

[risos]

C: Eu gosto de limpar, agora cozinhar não. Só porque a gente é obrigada a fazer, mas...

Eu: Fizesse demais na infância já, né?

[risos]

C: E brincar de professora, né?

Eu: É?

C: Que as minhas bonecas eram alunas e eu era professora. Era isso... trazia o giz. Hoje eu olho o giz... colorido então eu não podia ver quando começou a sair. E eu brincava, dentro da minha casa era de madeira, não era pintada, e eu ali escrevia, né. Tudo o que eu aprendi na escola ali eu escrevia. Colocava as minhas bonecas sentadas na cama e ficava brincando. A noite, escureceu dentro de casa eu já ia pro quarto, tomava banho, a mãe dava a janta e eu já ia pro quarto pra brincar...

Eu: Olha só... E repetia assim as brincadeiras...

C: Todo dia, todo dia. Eu não me cansava daquilo.

Eu: E ficavas mais sozinha, assim, ou não?

C: Durante o dia não, assim. Eu assistia muita TV. Porque eu estudava sempre no período da tarde, porque a mãe trabalhava. Então eu ficava sozinha, aí eu assistia TV. Ficava dormindo e quando acordava ficava na televisão, depois a tarde brincava, quando vinha da escola.

A conversa com a Cristiana teve a característica de ser bem longa e solta. Quando fugíamos do assunto eu deixava, por isso muitas falas e histórias nem cabem nesta pesquisa. No entanto recebi grandes presentes e memórias valiosas que me foram contadas por ela. Reconheço que poderia ter começado diferente essa entrevista e talvez agora já conhecerias, através das palavras dela, um pouco mais desta colega educadora. Mas isto virá com o tempo...

Por agora, ao ser instigada a pensar em um objeto que tivesse marcado sua infância, ela lembra de suas bonecas, loucinhas, do giz e algumas brincadeiras. A invenção está claramente presente: *Tudo para mim virava loucinha... tudo*. E este é um primeiro indício de um objeto importante para ela: as loucinhas de brincar.

Outro ponto que me chama atenção no trecho acima é o quanto essas brincadeiras reconstroem noções e aprendizados praticados na escola. *Tudo o que eu aprendi na escola ali eu escrevia*. O que me parece interessante é que essas brincadeiras além de trazerem o mundo da escola para a ficção do brincar, elas copiam e reinventam os modelos de escola e de professores.

Sim, as brincadeiras imitam, mas também criam a partir das referências que temos. Esse é um assunto que pode nos levar a pensar sobre a educação, sobre os nossos modos de ensinar e se relacionar com as informações, com o conhecimento, com os saberes e por isso retorno mais tarde. Contudo é a própria Maninha, mais a frente, que me oferecerá mais material para pensar a respeito. Por enquanto quero apenas sinalizar os dois objetos que ela já me apresentou como mais importantes. Seriam eles: as loucinhas e a boneca. Também me assustei a princípio com o número: *dois*? Até agora eles todos falaram de apenas um, mas isso não é uma restrição. É bem verdade que, no caso dela, ainda encontro outros ao longo de nossa conversa, mas por enquanto estes ficarão esperando um encontro mais tarde...

Continuando a conversa, eu pergunto:

Eu: E tinha algum brinquedo que tu gostava dessa época?

Cristiana: Era brincar de cozinhar e boneca.

Eu: Não teve alguma coisa em especial assim, ou algum que tu lembre?

C: Não. O que marcou assim... é o que eu não tive. Quando eu tive a Jéssica, foi o primeiro brinquedo que eu dei pra ela. Aquele bebê, meu Bebê, aquele grandão.

Eu: Ah, aquele grandão.

C: Ah. Eu olhava as meninas que tinham aquilo... Ah... eu era louca.

Eu: E tu não tinhas boneca na época?

C: Tinha. Tinha boneca, mas era simples... Aquele Meu Bebê, não! Aquilo era difícil a criança que tinha, né, na época. Então quando eu vi e quando eu olhava na vitrine aquela boneca...

Ah! Eu queria um daquele! Aí quando eu tive a Jéssica... acho que o quê... ela tinha uns seis meses... eu comprei pra ela...

Eu: [risos] Como se ela fosse brincar...

C: Ela nunca ligou pra aquela boneca. Nunca ligou e eu ficava... eu dizia pra ela: “ - Jéssica é a boneca dos sonhos.” Ela era a boneca dos meus sonhos, mas nunca...

Eu: Era pra ti, né?

C: Era pra mim...

[risos]

C: E a boneca tá até hoje ali. Tá feia!!!

Eu: Ah! Sério? Mas então depois eu quero ver essa boneca. Depois a gente bate uma foto dela.

C: Ah. Ela tá suja porque faz tempo que eu não limpo ela.

Eu: Ah... Mas imagina né? Eu lembro que eu tive uma boneca “Meu bebê” também, que eu ganhei da minha madrinha. Eu já era até mais velha, não era mais na fase de brincar de boneca, mas pra mim foi: Meu Deus! Eu ganhei o “Meu bebê”!

C: Ah, era... quem tinha um “Meu bebê” daquele não arriava, né? Não largava por nada... Aí a maioria das meninas ganhava aquele bonecão, que era imitação, né? Que era um plástico bem fininho e vinha peladinho, só com uma calcinha. Aí a maioria ganhava um daquele. Aí eu era louca pra ganhar um daquele, custei pra ganhar...

Eu: Mas então ganhasse um daquele... Ai vocês faziam roupinha...

C: Aham. A vó fazia um monte de roupinhas. Aí depois eu fiquei maior e cortava e fazia né, um monte de roupinhas... A minha brincadeira preferida era brincar de boneca...

Eu: Ficasse até que idade brincando, tu lembra?

C: Ah... eu acho que até uns onze anos. Porque depois que eu fiquei maior, aí eu... E outra coisa também, eu já comecei a ter noção da dificuldade que a minha mãe passava pra criar a gente. Aí tinha muito camarão. Foi uma fase que as bateras matavam muito camarão e eu morava perto de uma casa... não era tão perto... não era vizinho assim... Que esse home pegava camarão das bateras pra descascar e na época ele tinha doze bateras, quinze...

Eu: Poxa!

C: Um monte de gente colocava pra ele, daí ele fez tipo uma salga. Aí eu ia pro camarão de manhã, voltava pra casa, tomava banho, almoçava, ia pra escola. Aí a tarde tomava café e ia pra lá descascar camarão e ficava até... dez, onze horas da noite...

Eu: E tu uma menina de onze anos, por aí...

C: Onze, doze anos eu já fui pro camarão, pra ganhar dinheiro pra gente poder comprar as coisinhas que eu queria, que a mãe não podia me dar.

Eu: Sim.

C: As meninas nessa época, todas dessa idade já iam. A maioria saía até da escola pra trabalhar, em salga de peixe, né. Que era o que tinha... Eu ainda não, eu fui até os treze anos na escola, depois eu desisti...

Eu: É mesmo?

C: Uhum. Na oitava série.

Eu: Olha só! Daí depois tu voltasse então.

C: Aí, depois que eu tive a Jéssica eu voltei.

Ao contar sobre os brinquedos que desejava e os que pôde ter, ela caminha por um percurso que nos leva a entender as travessias que teve de enfrentar: do tempo de boneca para o tempo do trabalho. Ela se lança a desafios mais difíceis quando se vê como parte de um mundo que vive também da força do trabalho e das mãos. Talvez nos choque pensar que garotas de onze ou doze anos deixam os estudos para embarcarem nos afazeres duros das mulheres que descascam camarão, vivendo para o hoje, para o sustento do agora.

Sobre esta situação penso que a realidade não é tão dura quando é compartilhada. E isso elas faziam muito bem. As mulheres, ou as meninas, dividiam suas angústias, uma no espelho da outra: “*As meninas nessa época todas dessa idade já iam*”. Acredito que assim fazemos ainda hoje, de outro modo, é claro, por outras vias. Mas o que me chama atenção é essa provável necessidade da socialização até mesmo para nos fortalecermos dentro de nossas próprias escolhas, ou na falta de escolha.

Ela também fala do quanto as pessoas fizeram daquele lugar um espaço dela. Entendo, portanto que esse próximo momento da entrevista nos ajuda a tratar ainda dessa concepção de ambiente que viemos pensando na entrevista anterior...

Eu: Tá.. E tu sempre morasse aqui?

Cristiana: Não. Na verdade eu nasci em Santos. Eu vim pra cá com três anos.

Eu: Mas aí tu viesse com a tua mãe e com o teu pai?

C: Vim com a minha mãe e com o meu pai.

Eu: Mas a tua mãe é daqui?

C: A minha mãe sim, mas meu pai não. Meu pai é de lá.

Eu: Ah. Eu entendi. Mas aí tu viveu a tua infância toda aqui...

C: Vivi minha infância toda aqui.

Eu: Antes disso...

C: Eu nem lembro...

Eu: Não lembras de nada de Santos? É que tem criança que lembra...

C: Ah! A única coisa que eu lembro é que a gente morava perto de... numa casa que eu ficava na janela, vendo o trem passar. Minha mãe diz que era assim... que era muito barulho, né.

Eu: Olha só...

C: Eu lembro do trem passando assim. Não tenho a imagem, mas lembro do barulho que fazia. Eu na janela, eu e meu irmão. Lembro de ver o trem passar. Essa é a única lembrança que eu tenho, mais nada assim. E até então, desde que eu vim pra cá eu nunca mais fui pra lá. Não conheço tio... ninguém...

Eu: Ninguém de lá... [quase sussurando] Ai depois tu viveu aqui direto...

C: Aqui direto.

Eu: E como é que era? Me conta um pouco dessa tua relação com o lugar, assim... Como era tua infância com o lugar...

*[Ela fez uma cara de quem não estava entendendo, por isso continuei]
Vocês andavam por aqui, pelo município, iam passear...*

C: Não. Por incrível que pareça eu não conhecia.

Eu: Mas tu sempre ficou por aqui então.

C: Em Ganchos, perto do canal.

Eu: Ah, é... Falasse do canal, é...

C: Sempre ali, eu nasci... me criei, até que eu me casei. Mas toda vida ali, nunca saí dali pra morar em outro lugar assim... É ali... de quando eu era pequena assim, até quando eu era, com uns dez ano, se eu não me engano. A gente saía assim: ia pra Florianópolis, ia pra Tijucas... Mas conhecer o município mesmo eu não conhecia. Palmas era o único lugar do município que eu conhecia.

Eu: Para ir pra praia mesmo.

C: Não. Não pra ir pra praia. Era sempre... é que tinha uma época do ano, nem lembro mais... que eles faziam uma procissão da Igreja, que eles iam de pé até lá. E todo ano ia. Todo ano ia.

Ela fala do quanto viveu somente ali, no mesmo local por muito tempo. Apesar de ter nascido em Santos, ela não se motivou a buscar seus laços que ficaram em outro lugar. Talvez isso seja um sinal de que ali ela encontrava ambientes que lhe eram suficientes, mas também pode representar outras tantas dificuldades e indiferenças que a compõe, das quais se utiliza para lidar com sua realidade.

Eu: Tu vê [quase sussurando] Engraçado que quando a gente tava no projeto eu sempre percebia o quanto tu se envolvia com as coisas do lugar, né? Assim... tinha essa coisa de querer cuidar mesmo... de estar preocupada com as pessoas. E por isso era algo que eu me perguntava: - O que aconteceu que a Maninha... de repente pode ter acontecido alguma coisa, ou várias coisas durante a tua vida... que vão te levando a ter essa preocupação...

Cristiana: É que assim, né. Quando eu cheguei aqui, Helô. Eu fui muito bem acolhida, tanto por vizinhos... Eu tenho lembranças assim... Quando meu avô faleceu, eu era pequena, tinha o quê: sete anos... seis anos... por aí. Ele faleceu de câncer, na época era uma doença assim... Meu Deus. Bem assustadora. Eu lembro que no dia que ele faleceu eu tava... A vó ficava no lado. A gente morava no lado da casa dela. Porque era um terreno só e eles fizeram uma casinha no terreno dela pra gente ali. Quando ele faleceu eu lembro que... hoje que a mãe conta, porque na época eu nem sabia... Eu lembro que ele ficava na cama e eles tiraram todas as crianças de dentro do quarto e eu era muito pegada com ele. Eu era muito família... Até hoje eu sou muito família. Eu lembro que eles tiraram a gente dali, acho que ele colocou o fígado... que estourou, alguma coisa assim... que ele colocou como fezes, né? E sujou tudo. Eu lembro até que eles colocaram o colchão fora, queimaram... E... uma vizinha minha ela me pegou e me levou para casa da mãe dela. Não era vizinha assim, era... Eu morava um pouquinho longe, mas era como se fosse, entendeu? Era tudo muito assim... um fazia pelo outro assim. Ela me pegou e eu fui para lá... pra eu não ficar ali. Então eu fui muito acolhida por eles, assim. Ali do lado da casa da mãe tem uma família que hoje assim, a gente quase não se vê... mas tinha uma delas, que era a mais moça delas - porque no caso deles já eram uma família que eram maiores, mais moços - e tinha uma que brincava como se eu fosse a filha dela. Ela brincava com a gente e eu me lembro como se fosse... eu me lembro tão bem disso. E tinha uma mais velha, que já era casada, já tinha a vida dela, mas quando eu ia lá parecia assim que eu era filha dela também, entendesse?

Eu: Tratava super bem, assim...

C: É. Hoje ela faleceu. Assim... A minha lembrança é das duas assim.

Aqui está o ponto que venho salientando: ao serem questionados sobre o que os une ao lugar, quando desejo que eles falem do ambiente, eles me falam das pessoas... A Maninha em especial faz isso de forma muito clara, que evidencia o quanto ela, em suas memórias, entende como importante a acolhida dos vizinhos, parentes, que foram receptivos, atenciosos e souberam entender as necessidades de uma criança, oferecendo a atenção que ela precisava naquele momento.

O que me chama muita atenção é que comumente demarcamos – convenientemente – limites e rachaduras que separam praticamente tudo em grupos, por características, concepções, por exemplo. Contudo não percebemos o quanto elas podem ser ineficientes para dar conta daquilo que está tão visível a nós: pois está nos nossos discursos, nas nossas histórias, nas nossas explicações sobre as coisas. Separamos, mas na hora de narrar juntamos. As narrativas felizmente nos mostram essas falhas.

Neste caso, falar de um lugar não é apenas contar aquilo que é externo a mim – como algo físico relacionado somente aos não-humanos – mas é falar também deste ambiente como algo indissociável. O ambiente vai se constituindo, através dessas histórias, no entrelaçamento de gentes, objetos, vidas, quintais, cheiros e sensações que de alguma forma provocaram algo nestes que se deixam contar.

Por isso a importância de apresentá-los, mostrando esse ponto que surge na discussão. As narrativas mostram-se como fundamentais para pensar o ambiente, porque o criam. E assim como essas gentes as narrativas são ambiente.

Logo, nessa construção, a tão comum ligação das ciências naturais com a educação ambiental mostra-se insuficiente. Justamente porque esta primeira tem comumente como prerrogativa as quebras/secções dos acontecimentos, ou dos espaços, para “melhor entendê-los”. E me parece necessário questionar as tantas ausências que esse modo de pensar provoca nas propostas de educação no/com/através do ambiente.

Felizmente a conversa com a Maninha pôde me ensinar muito. Acredito que foi ela uma das grandes responsáveis por desconcertar algumas noções que eu vinha estabelecendo, esta é um delas, mas virão outras ainda. Deixo alguns retalhos para mais tarde e me volto ao próximo entrevistado:

Entrevista 4 – Professor Anilton e Nete

Enquanto estava escolhendo as pessoas para serem entrevistadas eu ainda não havia decidido bem ao certo como as selecionaria. De fato eu já havia observado o quanto este professor era dedicado e se entregava à comunidade e aos seus alunos. No entanto, é interessante que as pessoas da região me falavam o tempo todo dele, citando-o como alguém que deveria fazer parte. Percebi que elas o consideram um exemplo de disposição, por ser dedicado a ajudar, a montar projetos, ou

a realizar as mais diversas atividades que tenham como intuito a melhor formação dos estudantes.

Conto através do diário o contexto desta entrevista...

Zuando cheguei na Escola Abel Capella do Canto dos Ganchos para fazer o convite ao professor Anilton, ele estava logo na frente. Abri o grande portão que aparentemente separa a escola da cidade. E como uma boa notícia, logo o vi. Ele estava na quadra que fica em frente às salas administrativas da escola, junto a uma turma de uns trinta adolescentes. Foi fácil chamá-lo e talvez tenhamos conversado por uns três minutos... Contei brevemente meu trabalho e expliquei que gostaria de poder contar com ele na minha pesquisa e ele se mostrou disponível, dizendo que tem as quartas e quintas livres – seus dias de planejamento e descanso. E que nesses dias fica na loja de sua esposa, bem na praça de Ganchos. Ele me perguntou o que eu gostaria de saber dele. E eu disse: “—Suas histórias de infância”. E ele respondeu algo, como: “—Ixi, tem muita coisa para contar até eu chegar aqui...” E eu falei: “—Que bom! E exatamente isso que eu preciso!” Sai feliz da vida com a garantia de que teria suas histórias no trabalho.”²⁴

Esperei a chegada do seu dia de descanso e voltei a procurá-lo:

Liguei pro Anilton agora. Marcamos para a semana que vem, na quarta a tarde. Ele parecia tranqüilo e indiferente ao horário ou dia. Por ele já poderia ser hoje a tarde. Mas infelizmente eu não posso. Marcamos então para a semana que vem. Percebi que ele pretende estar com a esposa junto. A princípio estranhei essa novidade e me senti mais insegura talvez. No entanto, agora só consigo ver pontos positivos de sua presença... Talvez ela, até por me conhecer pouco, pode me ajudar a me desvincular ainda mais das questões ambientais que a minha presença direciona aos entrevistados. Quem sabe assim

²⁴ Trecho extraído do diário – 29 de março de 2013.

eu possa, por alguns instantes, soltar as amarras que os próprios sujeitos de lá insistem em me prender. Quanto mais relaxados em relação ao que deve ser dito, melhor..."²⁵

Mesmo achando estranha essa ideia de marcarmos a entrevista na loja de sua esposa não recusei nem contestei. Eu não conhecia o lugar e pensei que poderia ser agradável e até interessante estarmos em um local não tão pessoal...

Estacionei o carro na praça, olhei pra o relógio e a sensação de alívio e de surpresa se misturaram. Como cheguei na hora? Tirei a pasta, a máquina e a bolsa, observei as crianças brincando nos bancos da praça e lá estava ele, no meio delas. Nos cumprimentamos e entramos na loja, que estava sendo aberta por sua esposa. Eram 14 horas e, como de costume por lá, era a hora de abrir as portas do comércio pela segunda vez no dia. (...)

Ela me ofereceu um banco para sentar. Ele disse que ficaria de pé. E eu já entendi que os dois estavam dispostos a participar. Sem nem pensar sobre o assunto, logo já me interessei por suas histórias.

Eles começaram falando da correria que tem sido suas vidas: cuidado com os filhos, a loja, o trabalho e as atividades que participam e organizam nos grupos da Igreja Católica.

Sentamos todos de frente um para o outro, com um balcão entre nós. Eu, sentada ao lado do provador, conseguia ver ao fundo do Professor a porta que dava para rua e a praça. Em pouco tempo sentada, já me sentia bem. Comecei explicando meu trabalho, falando do gravador de voz e explicando sobre o documento que preciso que assinem...

Minhas mãos estavam tranquilas e não mostravam como minha mente pensava rápido, buscando as palavras certas, diante de tantas preocupações que me surgiam: não posso falar demais; seja silenciosa; deixe que os dois participem; talvez seja

²⁵ Trecho extraído do diário – 4 de abril de 2013.

melhor que um fale de cada vez... não, não, vamos deixar que eles se entendam... E assim fui encaminhando um início de conversa... "26

Eu: A gente vai fazendo a conversa todo mundo junto, né?

Anilton: Isso, é?

Eu: A primeira coisa que eu queria saber é se tu sempre morasses aqui. Se na tua infância tu sempre estavas aqui...

A: Nativo daqui.

Nete: O Careca sim, eu não. Eu perdi a minha mãe eu tinha três anos de idade.

A: Nós temos uma história bem diferente, assim, praticamente, né? [risos] Deixa eu falar a minha primeiro?

N: O Careca era bagunceiro...

Eu: Vai lá, vai lá...

[risos]

A: Assim, ó. Eu era uma criança bem assim... levada, né. Eu era o caçula da família.

N: Paparicado.

A: E meu pai era pescador... nós já passamos várias dificuldades. Éramos em oito. Passamos várias dificuldades... no estudo, tudo... e... numa geração pra outra. Dos meus irmãos: do Anantias...

N: Do mais velho

A: O mais velho... sempre teve aquele pai tipo autoritário. Muito firme. Eles passaram até mais dificuldade do que eu...

Eu: Financeira?

A: Financeira... tudo...

Eu: E mais dificuldade também em lidar com um pai ali firme...

A: Isso... Dificuldade de lidar com a educação... do mais velho até chegar a mim já mudou um pouco. E quando chegou em mim... a mãe já era mais carinhosa. "O pretinho da mãe", né? Então assim, as mudanças as renovações vão acontecendo, assim como tu tava falando. Que vem lá de traz. Então assim... eu com o meu pai... meu pai bebia muito! Ele maltratava a mãe... É... Não assim com agressão... mas com o falar, com alguma coisa que dizia. Aquela briguera! E aonde também, como eu tive irmão bem moço, o contraste também... E depois também estudando, bem pequenininho... eu era muito arteiro. Estudava aqui em Ganchos, nós éramos de família humilde. A roupa que nós íamos era, meu Deus, era... eu lembro o short que eu ia, que me chamavam de perna de garça... [risos] Magrelo.

²⁶ Trecho extraído do diário – 11 de abril de 2013.

Eu: Curto? Era daqueles curtinhos?

A: Magrelo, cumpridão... chamavam de tudo...

[risos]

A: Até chegar a própria adolescência, né? Na própria adolescência teve uma mudança... E minha mãe sempre me tratava como bebê. – “Esse é meu filho, o Aniltinho...” – “Quem é esse menino, Dona Didi?” “Esse aqui é o meu mais novo, o Aniltinho”. Ela se enchia...

Eu: [risos] com orgulho...

A: Ela tinha orgulho... Pra falar de mim... [risos] Aí, crescendo até o... estudei aqui ... até o oitavo ano. Aí fui lá pra Biguaçu.

Um pouco diferente dos demais, o Anilton começa apresentando um pouco da criança que foi. É possível até criar uma imagem dessa criança que brincava muito e convivia com uma realidade difícil que passavam seus pais, trabalhando muito para dar o básico aos seus filhos. Mas Careca diz que naquela época ele se interessava mesmo era pelo mundo da traquinagem.

Também é possível perceber, nesse pouco tempo de conversa, que a maneira como ele fala exige de nós, leitores, um modo diferente de ler. Ele parece estar sempre lançando palavras no ar. Agora entendo que muitas vezes isso ocorre porque ele não recorda da palavra que precisa, o que faz com que busque outra forma de expressar suas lembranças. Por isso vai deixando soltas muitas ideias, as quais fazem mais sentido quando desprendidas também em nós. Associado a isso está o seu hábito de falar rápido, algo que exigiu um trabalho intenso e cauteloso para que pouco fosse perdido durante a transcrição.

Voltando à nossa conversa, nesta segunda parte deixo que ele se apresente com mais detalhes. Assim poderemos entender um pouco melhor os meandros das suas reflexões.

Anilton: E foi indo... E eu estudei um ano, tá, lá em Biguaçu. Quando chegou o outro ano, o que aconteceu... Eu comecei a beber, matava aula, ia pro bar da Zilda... pulava muro... fazia um monte...

[risos]

Nete: Bagunceiro...

A: Aí o que aconteceu... Aí eu estudava e os outros na minha época, na minha idade, não estavam estudando. Tudo tavam embarcado já...

Eu: Ah!

A: Com dezesseis, isso... Aquela... Como é que eu vou dizer? Aquela ideia bairrista... Ideia que se tinha que a pesca era o que dava dinheiro, né?

Eu: Uhum...

A: E eu chegava nos baile. Um bar que tinha em Ganchos do... Chegava lá... cervejada... Meu Deus, o seu Denir... era...

N: Os amigos dele.

A: Os amigos meus, que eu estudava, e que não estavam estudando. “- Meu Deus! - eu disse - De onde é que vocês pego tanto dinheiro assim, né?” Bem ingênuo porque a mãe dava dinheiro só pra entrada e pra um refrigerante. A bebida eu bebia, eu já tinha começado a beber, porque o clube dava. Porque eu jogava. Cada dia eu ia pro bufê. Eu, o Irã... Nós bebia mais do que vendia. Aí o que foi que aconteceu... aí eu vi aquilo tudo ali... “ - Não, não vou estudar mais!” Terminei o primeiro ano do primeiro grau. Chegou no segundo, eu disse: “Eu vou é pra pesca”. Mas não disse nada pra falecida mãe... Aí meu irmão era proeiro de barco, a minha família era tudo pescador... Proeiro, mestre de barco... Aí então encostou o barco aqui. Ta... Aí eu peguei, fui mais cedo. A saída era às 8horas. Eu me intoquei lá na... onde eles dormiam... e tranquei. Me escondi ali e tranquei os biliches.

Eu: Chegasse e se trancasse dentro do barco?

A: Eu hoje... essa história é bem... [risos] Tu olha!

A: Tranquei ali, fiquei ali. Aí ta... Soltaram os cabos, as amarras do cais... E eu alto mar! Vamos simbora! Quando abriram que viram eu ali, eles chamaram o Arli, que é o meu irmão - foi até vereador esse meu irmão, o vereador Arli.

Eu: Sim, da Samae.

A: É, ele era mestre de barco. “- Meu Deus, o Careca ta aí? O quê que ele ta fazendo aí?”

Três horas de mar aberto já. Já tinha passado Galés, Arvoredo, já tava lá na ilha dos Remédios... Aí ele assim... “- Meu Deus do céu.” Aí o mano: “- Bota o barco pra terra. - Bota o barco pra terra.” “- Mas nós vamo perder a pescaria.” A sardinha tava dando mais umas duas horas. Lá na Ilha da Paz, lá em São Francisco do Sul, conheces?

Eu: Sim, sim.

A: - Aí... “- Não, não. Então não volta mais!” Aí eles queriam me jogar na água. Meu Deus. Nunca vi homem tão irado. Queriam me bater, ia me jogar na água. E eu: “- Eu vou pescar.”

N: “- Quero dinheiro.”

A: Aí a mãe: “- Meu Deus, onde ta meu filho?” Formou-se um...

Eu: Um alvoroço...

A: E “- Onde ta meu filho? Onde ta meu filho?” E não tinha celular naquela época...

Eu: E não tinha rádio?

A: Tu vê. A mudança é tão rápida, ta acontecendo, né? O meio de comunicação como é o meio de hoje, né? Era aquele rádio ainda, um tal de

goreômetro que era pelo sinal: bipe... bipe... bipe... bipe... bipe... E tinha um de coisa, mas era bem assim... custava a chegar. Então eu sei que formou-se aquele saragaço. “- Onde ele tá? E onde é que ele não ta?”

Eu: Mas até então a tua mãe nem sabia?

A.: Nem sabia. Até matar peixe, aí entramo em São Francisco, aí ligaram pra mãe de lá.

“- Não, mãe, não. Ele ta aqui. Deu vontade de matar ele! Ele tá aqui.”

E eu tava lá... daí comecei a pescar. Pesquei treze anos e meio.

Eu: Treze anos?

A.: Treze ano. Trabalhei em tudo quanto é costa, Rio Grande, Rio de Janeiro. E depois veio a fase... e... bebia muito. Até depois, namorar, casar, né? Ter filhos. Com a Nete eu casei com 23, 24 anos, né?

N: Eu tinha 18.

A.: 18, né? Foi até uma mudança, né. Muito grande na minha vida. Aí eu, depois de treze anos e meio eu tava saturado. Que daí veio o primeiro filho, que é o Guilherme. Eu disse: “Não!”. Mas assim ó, na graça de Deus isso eu já herdei: é... não assim do pai, não, da mãe porque ela... de ter decisão. Hoje assim, às vezes eu até me sinto inseguro, mas nisso não. “Eu não quero mais pescar, não.” Treze anos e meio. Nós íamos pro Rio Grande do Sul, a safra da enchova e eu trabalhava com um outro meu cunhado também que é o Rui. Que é proeiro de barco. Eu disse: Não quero mais. Peguei minha sacola, botei no cais.

“- Tu ta louco, cara? Pra onde tu vais?”

Eu disse: “Não quero mais, não quero mais. Ah, isso não é vida.” Eu disse pra ele: “A minha vida ta lá em terra.” Peguei, desembarquei a sacola e vim.

Escolhi colocar nosso início de conversa quase que integralmente aqui para que possas ser apresentado ao Anilton, através das palavras dele. E podemos perceber que ele se conta através de suas histórias de vida. Fala da mãe e do carinho que recebeu dela e de seu pai, mas fala também dos irmãos mais velhos e das decisões que tomou logo cedo. Isso parece nos dar um contexto para que depois ele conte as histórias mais ligadas a sua infância propriamente.

Com o professor Anilton e sua esposa Nete aconteceu algo que considero importante te contar... Quando entrei na loja eles me perguntaram sobre o que era o trabalho e por que eu estava querendo saber suas histórias de infância. E eu contei que eu estava ouvindo as histórias para pensar como as pessoas se relacionam com o ambiente e também para pensar naquilo que podemos propor dentro das atividades

de educação para que essas crianças possam ter atividades que os toquem, os sensibilizem.

Acredito que este fato tenha os levado a agir de forma diferente ao me contarem suas lembranças... Isso porque havia no ar um caráter muito forte de avaliação, de ponderação de seus valores. É claro que provavelmente existem tantos outros motivos que os provocaram a agir dessa forma. Um deles poderia ser, inclusive, o trabalho que desenvolvem dentro da igreja católica. Suas ações e reflexões lá podem ter os levado a pensar muito sobre a educação que tiveram e o que consideram importante para a formação deles.

Digo isso porque na seqüência da conversa suas lembranças são pronunciadas e em seguida são interpretadas. Durante a construção de nossas narrativas colocamos muitos dos nossos valores e das nossas referências de certo e errado, por exemplo, algo que veremos mais adiante através de Walter Benjamin (1983). Mas o que percebo é que nesta entrevista há ainda mais essa intenção de demarcar aquilo que consideram correto e o que eles entendem como relevante... Algo que para mim foi interessante na pesquisa, pois me ofereceu material para pensar questões relacionadas à narrativa, as quais logo trarei através das falas deles.

Em seguida àquele momento da conversa, ele me conta do tempo que ficou na pesca e dos bons lucros que essa atividade trazia na época. Ele me falou também do período que resolveu sair do barco para ficar mais “em terra” e dos momentos difíceis que tiveram de enfrentar com o pouco salário que passaram a receber. Mas que mesmo assim ele teve coragem e vontade de fazer um supletivo e depois entrar na faculdade de pedagogia. Ele diz assim:

Anilton: Com quarenta e quatro anos eu entrei na faculdade. Com quarenta e nove fiz minha faculdade e mais um ano fiz minha pós-graduação.

Eu: Que legal.

A: Na graça de Deus, né. E to aí na luta. No meio de jovens, que às vezes dá trabalho... Porque a gente não pode perdê é a raiz. Que era isso que estávamos falando. A raiz lá nos nossos antepassados. É claro, a raiz lá. “Ah, mas hoje eu sou um professor!” Sou um professor, tenho que colocar as palavras certas, no momento certo, o gesto certo, porque eu sou um professor. Mas eu não posso esquecer também, que eu tô no meio de outras pessoas também e mais a minha raiz, de onde eu vim...

Às vezes chega lá... num Florianópolis, em Santos... Ah, mora lá em cinco meses e já vem com outro sotaque. Já vem querendo falar outras coisas ou esquece também do passado, pelas dificuldades que passou. As dificuldades do

pai, o carinho do pai, do aconchego da casa. Mesmo que não era cama, era uma cama de capim. Capim velho, colchão, casa toda furada, tramela...

N: Tramela.

A: Mas gente... Mas o fato de ter o amor do pai e da mãe e a mãe ali, acolhendo o filho todo dia...

Eu: Essas coisas que eu to curiosa pra saber. Como era essa vida de atenção?

A: Não. Gente. A vida de infância, eu acho... eu não vou julgar... Mas a gente... tem uma música do padre Zezinho que ela... ela resume tudo!

N: A utopia.

A: A utopia. Uma música ma-ra-vi-lhosa. Não tinha nada, mas tinha tudo.

N: O aconchego do lar.

A: Tinha o aconchego do lar, o carinho do pai. Tinha a autoridade do pai. Por mais que batia de vara, tudo, mas tinha mais carinho. Tinha mais tempo pra tá com o pai e com a mãe. Os valores hoje tão trocado.

Eu: Impressionante, né.

A: Os valores hoje tão trocado. (...) Hoje em dia você pra dar... Quer beijar seu filho, tem que ir lá na cama beijar, porque é uma correria. Um ta saindo, o outro ta entrando, o outro ta saindo.

N: Um tá tomando café, o outro tá almoçando.

A: Antes até a refeição. Todo mundo tinha que orar, o café tava na mesa, todos tinham que sentar pra comer igual.

N: Comer igual.

A: Porque um não podia comer mais que o outro porque senão faltava.

N: A banana. Eu. A minha banana no lanche da escola... era uma banana, metade pra mim e metade pro meu irmão.

Eu: Daí o que significa isso, né? Não é só a questão da banana, mas isso significa tanta coisa. Saber dividir...

N: Dar valor hoje ao o que tu tens, né?

A: Hoje eles têm tudo, como diz a música do padre Zezinho, gente, hoje tem tudo. Gente! Por que as pessoas hoje vivem assim, tão amarguradas, com tanto estresse? Cansaço físico sei que tem, mas a falta de amor é tão grande. Hoje tava escutando no repórter tem um moço, que tirou a vida do outro por causa do celular que foi roubado. Olha a falta de amor! Se a gente crê de verdade no amor de Cristo. Claro, a gente diz isso, mas eu sou pecador também, mas nós temos que tentar, ao menos tentar. Os valores o que é? A benção pro pai, a benção pra mãe. Um beijo no tio. Um beijo na mãe.

[...]

Chamo atenção, primeiramente, para a admiração que ele nutre pela profissão de professor. Ele mostra o quanto mesmo tendo estudado e sendo professor, ele deseja manter presente suas raízes, valorizando a cultura e aos acontecimentos que o fizeram. E nesse ponto ele salienta o quanto os valores estão mudados, no seu ponto de vista. E traz as noções da igreja católica, os valores pregados por essa instituição, para fazer uma leitura do que era importante naquele tempo e parece ter perdido valor nos dias de hoje.

E nesse instante ele me oferece algo importante para se pensar, porque ele dá indícios de algo que mais tarde na entrevista ele volta a afirmar: a importância que sua mãe dava para a religião e a fé. E que ele passou muitos anos sem seguir esses ensinamentos dela, mas que hoje ele os nutre com dedicação. Então fica muito bonito de se ver essa ligação que ele faz ao contar sua história, entre aquilo que sua mãe falava, que por anos não mereceu seu tempo, mas que agora essas lembranças da infância, o carinho da mãe e o amor do pai, recebem outros contornos através da religião. Como um retalho que se refaz outro, através dos fios das lembranças...

A religião é algo afetivo que sua mãe lhe presenteou quando criança. A fé foi alimentada pelas atitudes da mãe cuidadosa. Mas essas memórias talvez não seriam contadas assim se ele fosse entrevistado há vinte anos, num período que esses valores não lhe eram importantes. No entanto, no momento que esta família vive, sua infância é narrada com os contornos da fé de sua mãe, ou ainda, através das palavras religiosas ditas em uma música sobre a família de outros tempos.

Outro ponto que as reflexões do Professor Anilton nos provocam pensar: sua concepção de comunidade. Isso porque em determinado momento ele descreve o ambiente através de uma história vivenciada em outro local, outro estado, mas que chegou a ele através de uma notícia na televisão: *Hoje tava escutando no repórter: tem um moço que tirou a vida do outro por causa do celular*. Para ele este fato poderia ter acontecido ali, na sua realidade. O que nos faz refletir uma questão: o ambiente não parece ter linhas imaginárias que o separam dos demais locais do país ou do mundo, a identificação acontece o tempo todo.

Saliento, então, que esta questão e outras que dela se ramificam, percorrem as entrevistas, por estas falarem de mudanças, alterações no ambiente. Ando – não só aqui, mas também nas demais conversas – por entre frases e noções que parecem se contradizer o tempo todo. Eles falam que o ambiente modificou-se, em outros momentos dizem que as coisas continuam como eram. Falam: “Nossa cultura açoriana”, “a

cultura européia”, afirmam sobre as influências que grupos diversos trouxeram, falam da televisão e aquilo que dela aprenderam... Talvez eu pudesse simplesmente afirmar que essas noções coexistem: o lugar mudou, mas reapropriando-se daquilo que parecia lhe pertencer, mesmo assim, ainda deixo muito para traz...

Comecei a fazer essa pesquisa acreditando que estava trabalhando com uma região marcada pela cultura açoriana. Em determinado momento a ideia de cultura de base açoriana foi necessária para que se abrisse espaço para as outras tantas influências, de tantos outros modos de viver presentes na região. E mais adiante não era mais possível encarar essas noções com o purismo de outrora. Canclini (2001) nos falava das “maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os” (p. 142) e esta noção foi importante para que eu entendesse a porosidade daquelas identidades culturais.

Portanto, a idéia de tendências homogeneizantes relacionadas a globalização de valores não me parecia um fim muito coerente para aquela comunidade. É visível as diversas influências – vindas de tantos lugares (nações e culturas divergentes) – que se enredam neste ambiente. Mas de fato alguns regionalismos persistem, ainda que reestruturados.

Logo, reconhecer a interconexão entre as localidades é algo importante durante tua leitura por aqui. Porque partimos do entendimento de que as comunidades vem refazendo “contínua e criticamente, seus laços imaginados de pertencimento” (ANJOS, 2005, p.13). Algo que me parece fundamental para se entender as “articulações inéditas” (p.11) promovidas a partir das novas e moventes formas de se relacionar e pertencer a um lugar, tão presentes daqui para frente.

Mas voltando à apresentação do professor Anilton, antes de passar para o próximo personagem, preciso apresentar ainda outra pessoa que se aconchega a esta conversa. Desde o começo estava nítida a vontade da sua esposa, Nete, participar da entrevista. E em um momento bem inesperado que ela começa a lançar suas histórias, justamente quando falávamos da proximidade entre as pessoas, que segundo ambos, parecia ser mais forte naquele tempo...

Eu: Todo mundo juntinho ali. Também a graça era todo mundo estar junto, né.

Nete: Brincava de cabaninha. Nosso edredom, meu, o meu edredom. Eu tive assim, ó... Eu tive uma vida... rica. Eu fui uma menininha, até uns dez anos rica.

Anilton.: Tá vendo, é bem diferente, tá?

N: Eu, assim, ó. Quando a minha mãe morreu eu tinha três anos. Era eu, mais um irmão, mais um irmão, mais uma irmã. Com vinte. A minha mãe casou com dezoito e morreu com vinte e quatro.

Eu: Meu Deus...

N: É. Nesse período ela teve quatro filhos. Um morreu. A gente é em três. E eu fui criada por uma tia. E a filha dela – que até hoje é minha mãe – que não casou, nunca casou. Hoje ela vive sozinha e elas me levaram pra Santos. Eu fui morar em Santos com três anos de idade. Eu vim pra cá com treze anos. Enquanto eu morava lá eu tinha: aula de balé, aula de piano, tinha escola particular. A Kombi, naquela época – Perua – vinha buscar e entregar.

A: Morava em apartamento...

N: Morava em apartamento.

Eu: Lá em Santos?

N: Lá em Santos, num bairro nobre. Eu era rica! [...] O dia que eu não ganhasse um presente não era dia. Todo dia eu ganhava um presente, todo dia. Se não era uma calcinha era uma boneca, se não era boneca era um joguinho. O joguinho... aquela Suzi, hoje é Barbie.

Eu: Sim, sim.

N: Aquela Suzi eu tinha coleção.

Eu: Que mudança que teve, né? De vir pra cá depois.

N: Eu tinha o meu quarto. Na época... aqui, as crianças daqui... quando foram conhecer o patins, meu Deus, eu já sabia o que era patins... skate. [estalando os dedos ela mostra que fazia muito tempo]

E elas tinham... moravam em apartamento, então tinham que levar os cachorros. Eles tinham dois cachorros: o miquito e a foquinha.

A: [risos] A Nete...

N: Então tinha um jornaleiro, assim perto da casa. Assim no quarteirão do prédio tinha um jornaleiro... uma banca de jornal. Eu amarrava o cachorro no poste e ia pra banca de jornal. Enquanto eu não terminava de ler o gibi todinho eu não vinha mimborar. Eu esquecia até do horário. Ela é que ligava pro jornaleiro. “– Ah, ela tá aí.” “– Tá aqui, tá.” E eu lia o gibi todinho. Eles já me conheciam, eu levava o gibi pra lá. Foi assim, ó, uma infância linda, sabe. Uma infância que eu não... quer dizer, aproveitei, mas não... eu era bem danada... Bem bem bem... rebelde! Não era rebelde...

Eu: Atentada, assim...

N: Atentada... É!

[...]

N: Ai eu apanhava. Apanhava, ficava de castigo e ia lá e aprontava. E quando agora, essa minha avó faleceu. Eu fui a última pessoa a ver ela, vai fazer um mês. Eu fui no hospital. Quando eu cheguei no hospital, que eu

cheguei perto dela, que eu olhei: “ - Meu Deus”. O aparelhinho do... bip bip bip bip bip bip bip...

[Ela coloca as mãos no peito]

Eu: Ai acelerou quando te viu?

N: Ah, minha filha. Daqui, fui mimbora pra baixo. Desci assim, sabe?

Não. Eu assim: “ - Ai, a tia vai morrer.” “- Maria, a tia vai morrer.”

[Ela fica com uma expressão de quem busca aceitar a situação]

N: Mas isso assim, isso é uma coisa que me marcou agora! Eu lembrei de tudo quando ela... Porque ela me maltratava também. Às vezes, porque eu era uma peste. [...] Mas eu aprontei tanto...

Eu: Mas tu achas então que quando tu foi visitá-la que tu lembrou de tudo isso?

N: É.

Eu: Porque aconteceram tantas coisas depois, né?

[...]

Ter ido um tanto longe na sua história se justifica pela intenção de te mostrar algo de muito bonito que consigo ver na história da Nete, e que talvez supera, por outro lado os meus excessos... A Nete nos dá argumentos para pensarmos que ao se encontrar, depois de anos, com sua Mãe e avó adotiva - também chamada por ela de tia - ela deu novos contornos para os acontecimentos, (re)desenhando toda sua vida ao contá-la. Ambas, neste caso, puderam dar sentido a muitas das amarguras que viveram e certamente deram outros contornos também àquelas lembranças através da contação de histórias de suas vidas. E fazia realmente pouco tempo que ela tinha passado por esse processo.

Deveriam mesmo ser muitas as memórias, os desamores e as dores que estas mulheres tinham entre si, por conviverem em tempos tão distantes com situações tão excêntricas para cada uma... Não é à toa que o coração dispara quando tocamos os olhos em algo que é tão nosso, tão verdadeiro que parece nem existir...

As histórias da Nete em outro lugar não me ajudam tanto a pensar sobre o ambiente especial chamado Governador Celso Ramos. Não por enquanto... mas elas me fazem pensar sobre nossas relações que construímos com o outro, as quais podem ser compreendidas de outro modo quando revividas em novos tempos. Talvez aqueles significados vieram só agora, quem sabe aquilo que se dava naquele tempo nunca poderá ser compreendido pela Nete, ou ainda o encontro entre elas apenas as preparou para outras adversidades ao longo de suas vidas.

Por tudo isso me sinto muito grata de tê-la escutado também. E confesso que fiz isso porque ela estava disposta a falar, como diria

Portelli (1997): “por questão de cortesia”. E neste ponto concordo com esse pesquisador quando afirma que “se ouvirmos e mantivermos flexível com nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas” (p. 22). De fato superar as expectativas foi uma realidade nesta pesquisa. Algo que pode ser consequência também de poucas expectativas. Sim, pode ser.

E por falar em expectativas, chego à última entrevista que realizei para esta pesquisa. E posso afirmar que por muitos motivos ela foi muito especial para mim. Tanto que mesmo agora me emociono ao pensar nela, por razões até que ainda não dou conta de entender. Almejo ao menos que ela te alcance com a intensidade que sai daqui. Agora te deixo com as palavras de um diário...

Entrevista 5 – Sr. Orivaldo (Vava) e Dona Benta

“—No que eu puder ajudar...” Essa foi a forma como este senhor respondeu ao meu pedido. Entendi como um sim, mas depois passei o dia pensando em como ele teria recebido aquele pedido... Ele me pareceu sem empolgação alguma. Mas teria como ter alguma empolgação apenas com esse singelo convite?

Conversamos pouco ao telefone, em torno de dois minutos. Os quais foram suficientes para que eu falasse muito pouco sobre o meu trabalho e ele se mostrasse um pouco preocupado com o local onde conversaríamos.

“—Heloísa, você quer combinar na associação?”

“—Por mim, tanto faz, mas podemos fazer na sua casa. Vou apenas eu... É simples, só uma conversa...”

Assim combinamos às 14hs, na sua casa, que por sinal eu já conhecia por ter levado algumas turmas de crianças²⁷ lá para conhecer seu cultivo de hortaliças, de plantas medicinais e

²⁷ Isso se deu no ano 2010, quando eu trabalhava como educadora ambiental da Escola Municipal Elvira Sardá, localizada próxima à casa da Dona Benta e do Sr.Vava, no bairro Areias de Baixo – Governador Celso Ramos.

nativas, além das criações de animais. Por isso será fácil chegar lá. Sendo assim conseguirei fechar o grupo que eu havia planejado."²⁸

Logo após nossa conversa algumas impressões:

Não foi só uma tarde agradável... Foi mais do que isso. Talvez porque eu não esperasse tanto, fui tranqüila dessa vez. Foi a primeira vez que me senti mais preparada. É sempre assim... Acho que o fato de eu me sentir preparada já me apresenta os primeiros indícios de que tudo isso está chegando ao fim. E logo virão outros desafios. (...)

Era mais um dia lindo de outono. Eu estacionei o carro sob as árvores que cercam a entrada do terreno no seu sítio em Areias de Baixo. De lá já era possível ver a casa...

Sr. Vava parecia estar me aguardando. O cumprimentei de longe e avisei que iria pegar os meus materiais no carro. Ele à distância falou: "– Figue a vontade."

Agora sim, com máquina e bolsa pendurada e pasta nas mãos me senti preparada para adentrar na sua varanda. Primeiro o cumprimentei e em seguida retribui um sorriso e um pequeno aceno para sua esposa, ambos de longe.

Logo nos sentamos numa grande mesa que ficava na varanda. Ele de frente para a porta que dava para a sala e eu de frente para o seu grande quintal, com uma vista privilegiada, o que me permitiu acompanhar a chegada de tantas visitas: passarinhos, pessoas, cachorros, além de me possibilitar olhar mais as plantas e os objetos que, a princípio, eram para mim indiferentes, mas que foram sendo apresentados e contados ao longo de nossa conversa.

Ao seu lado, mas com certa distância, sentou-se sua esposa, a Senhora Benta. Precauída, ela sentou-se acompanhada de um crochê recém iniciado, um rolo de fio de

²⁸ Trecho extraído do Diário de 12 de abril de 2013.

barbante e a agulha. Assim poderia ouvir a conversa e, caso necessário, ater-se mais com seus afazeres. Para minha felicidade Dona Benta pouco mexeu em seu crochê nesta tarde. Envolvendo-se em nossa conversa, ela enriqueceu a entrevista com suas intensas recordações...

Primeiramente conversamos sobre as coisas que de certa forma nos unem. O trabalho que desenvolvíamos na prefeitura: eu com o projeto de educação ambiental, ele com as atividades desenvolvidas pela associação de moradores e depois como funcionário da secretaria de agricultura.

Durante a conversa que tive com ele por telefone no dia anterior imaginei que não haveria da sua parte muito interesse em participar, pois sua voz chegou a mim com pouca empolgação, talvez. Mas logo tirei essas ideias de mente...

Percebi que ele estava sim, disposto a colaborar. E fomos nos entendendo com o tempo. Apresentei a ele o termo explicando que eu precisava do seu consentimento e expliquei os usos que eu faria com as suas histórias. Fomos ficando mais a vontade. Senti, no entanto, que o gravador ainda não ligado estava causando um certo desconforto... Mas não havia modo de evitá-lo. Ele existe e certamente causaria interferências nas suas histórias...

O senhor Vava parecia um pouquinho preocupado com as perguntas que eu lhe faria, ele parecia querer ler elas antes de começarmos a gravar e, tentando tranquilizá-lo deixei que ele desse uma olhada no roteiro.

Num tom de voz alto ele começa a me responder, acho que ele estava preocupado que o som saísse no gravador. Ele foi o esquecendo com o tempo, depois novamente lembrando, durante a uma hora e meia de conversas gravadas... Conversamos muito. Pude ouvir muitas histórias, além de sentir que estava gravada uma ideia. Algo estava no ar... Tinha um cheiro, tinha um sentimento que não foi esquecido..."²⁹

²⁹ Trecho extraído do Diário de campo - 13 de abril de 2013

Eu: Vamos começar... O senhor nasceu aqui?

Vava: Não. Eu nasci na Fazenda de Biguaçu. Apenas me trouxeram pra cá com um aninho de idade.

Eu: Ah é? Então não foi em Governador mesmo, foi lá...

Vava: É. Meu nascimento foi lá. A minha criação foi aqui porque... me trouxeram com um aninho e eu já to há cinqüenta e seis anos já...

Eu: Então sempre morou aqui em Governador?

Vava: Sempre morei aqui em Governador. Eu sempre passei por aqui. Toda a minha infância foi aqui... foi a infância, basicamente a adolescência... a juventude minha foi tudo aqui.

Eu: E aí... nos outros lugares de Governador Celso Ramos, ou só aqui em Areias?

Vava: Sempre aqui. Trabalhava com farinha, né, no engenho...

Eu: Trabalhava com farinha, é? Mas isso já mais adolescente assim...

Vava: Daí na verdade com oito anos nós já começamos a trabalhar, né.

Eu: Oito anos?

Vava: É. Oito anos de idade já começamos a trabalhar... Nós é... na época nós fazia farinha, né. Todos trabalhavam na agricultura, nós vivemos da agricultura, nós fomos criados na agricultura. Com oito anos, dez anos por aí, doze anos nós ia...

Benta: Começava a carregar peixe a pé...

Vava: Ia pra armação buscar peixe... e...

Eu: A senhora também? Passava por isso também?

Benta: Passei isso tudo...

Eu: Não era só homem, assim no caso, as meninas também faziam...

Vava: Não! As meninas também faziam isso também.

Benta: Cansei de pegar peixe de pé.

Eu: Vinha da Armação com peixe nas costas, assim? [Com um tom de inacreditável]

Benta: Peixe!? Aquelas espinha que só vinha com a cabeça que eles iam jogar fora. Nós pegava aquilo ali pra fazer filé e tirava aquela cabeça...

Vava: É. Na verdade, na verdade, nós era tão pobre... nós era tão pobrezinho que nós tinha que ir nas praia pra pegar peixe pra nós comer. Tinha também aquele... nós chamava de um programa de troca-troca. Nós trocávamos nossas mercadorias da área rural com a pesca, né. Então nós fizemos muito isso aí. Muito, muito.

Eu: Tá e assim, vamos ver... na tua infância... Tem alguma coisa, algum objeto hoje que o senhor lembra e que lembra muito da infância?

Vava: Eu lembro muito bem. Na época em que não existia essa coisa de televisão, essas coisa de... que temos hoje. Então nós brincava muito,

principalmente ao anoitecer... É! Brincava de bater lata com as meninas, debaixo dos cafezeiros, nas roças de mandioca. Também nós brincava daquela... de roda com as crianças. Aliás as crianças, com as meninas todas... Era... brincava também... Nós não tinha bicicleta, então nós fazia patinete de madeira pra brincar. Carrinho de madeira, carrinho de boi de madeira, carro de boi da calha da bananeira. Nós fizemos muito isso aí. Isso foi coisa que muito passou na nossa infância, por nós ser pobre, por nossos pais não poder comprar. Um exemplo, o presente nosso de Natal, nós usava um... é um pratinho com capim, dizendo que ia esperar o menino Jesus, que ia trazer um presente pra nós. Chegava no outro dia tava lá, né, aquele pequeno presentinho que meu pai conseguia comprar...

Eu: Lembra de algum presente?

É assim que se inicia nossa conversa capturada pelo gravador. E ela se estende por um caminho espiral, que vai e volta sempre de um jeito diferente. Diante de tantas “coisas” que este casal me contou eu tento eleger agora alguns trechos que acredito serem eficientes para mostrar estes sujeitos queridos. E um fato importante é que não há um momento em que a Dona Benta conta suas histórias, separado do Seu Vava. Assim como, são poucos os instantes em que as histórias dele estão totalmente livres das lembranças dela. Eles convivem com um passado que os pertence. São filhos do mesmo ambiente, do mesmo *espaçotempo* e sentem-se acolhidos pelas histórias aparentemente individuais. E isso é algo muito bonito nessa relação que se mostra tão entrelaçada ao longo de nossa conversa.

Ambos conviveram com condições financeiras muito duras, percebidas pelas crianças em suas respectivas famílias. Podemos entender que estas poucas possibilidades e muito trabalho era algo comum para toda a comunidade, a qual vivia do que plantava e colhia. Trabalhavam para comer, mas havia sempre um algo a mais... Era a riqueza dos seus dias que aparece em nuvens dentro de suas histórias contadas. E as brincadeiras, as relações que se estabeleciam entre eles, me parecem ser uma grande conquista que aquelas pessoas poderiam se orgulhar e ainda hoje se encanta em lembrar.

São muitas as brincadeiras narradas, algumas que serão mais tarde contadas no tecido composto por todos. E por isso me direciono agora para um momento em que os dois se apresentam através da presença da escola e o entendimento que ficou daquele *espaçotempo*:

Vava: Uma coisa que passou muito na minha infância também, uma coisa que eu não esqueço. Era pegar peixe no rio com peneira, camarão com peneira... Tomar banho de rio...

Eu: Tomava banho de rio...

Vava: É... era o nosso passatempo também, né. Maior...

Eu: E essas brincadeiras, era bem novinho?

Vava: Isso, oito anos, sete anos, por aí. Então, e depois com oito anos, dez anos, nós começamos a trabalhar, começava a acompanhar o meu pai, né. Escola a gente ia mas é... tudo era diferente, né. Um exemplo, falando na escola, o quê que era a nossa pasta pra levar o caderno... Era uma... um saco de... uma embalagem plástica que a mãe comprava arroz, que seja... aquela era a nossa pasta.

Eu: Era a sacolinha..

Vava: Ou uma sacolinha de... a minha mãe fazia de pano de alinhage... alinhage era uma saco que a gente chamava. Isso aí foi... Me lembro também da escola, do nosso lanche que nós tínhamos era o leite. Era um leite em pó. A gente ia tomar aquele leite dava vontade de jogar tudo pra fora novamente, tinha um cheiro! Que barbaridade! Eu me lembro tão bem, parece que eu to vendo hoje...

Eu: É mesmo?

Vava: É, parece... outra coisa também, a gente ia pra escola... se bobiasse também (a gente era criança, né. Criança ta sempre fazendo travessura) apanhava também das professoras.

Eu: Apanhava das professoras?

Vava: Ê! Uma vez eu ganhei três reguada nas costas da professora. Olha, não sei como ela não me matou na época. Inclusive daí pra cá ela veio até me visitar na minha casa e cheguei até a chorar, nós choramos.

Eu: É mesmo?

Vava: Eu contei pra ela isso aí, né. Coisa que nunca me sai da memória...

Quando lembramos do tempo de escola sempre há cheiros, imagens, sentimentos. E Sr Vava em seu breve relato nos exalta algumas sensações que parecem caminhar com ele. Basta só abrir este espaço das imagens escolares, que disparam boas histórias. E me parece bastante instigante pensar, para além do que narram, os modos como estas lembranças são contadas... Elas vêm muitas vezes de espaços cheios de dor e de rancor, associados a outros cheios de graça, de encantamentos ou de carinho. E me questiono como esta memória coletiva dos espaços educativos formais estão presentes numa comunidade e as invisibilidades com as quais convivemos (muitas vezes sem dar espaço a

elas). Sem encarar essas memórias, ignorando-as me parece mais complicado entendê-las, refazê-las e pensar outras formas de promover a educação.

As imagens da escola estão muito presentes na infância de todos os contadores desta pesquisa. No caso específico desta entrevista, a Dona Benta conta um pouco mais destes momentos que considero provocadores. Eles me falam:

Eu: E tem alguma lembrança que tu achas que foi mais forte pra ti, que te tocou mais na infância?

[silêncio]

Benta: [sussurra alguma coisa dá para entender só:] a casa

Vava: Não não. Na infância Benta, ela tá perguntando...

[silêncio]

Vava: É. O que eu mais me tocou na infância foi uma vez que eu apanhei da professora na escola. Isso eu me lembro... isso aí... [Ele lembra mais uma vez]

Eu: E o quê que aconteceu pra ti ter apanhado na escola?

Vava: Ah! Claro, né... Toda criança sempre faz travessura, sei lá. Não sei o porque... não sei se eu falei alguma coisa. Nós tinha o costume, a piaçada de... de jogar o lápis no chão, né. Pra olhar por baixo da saia e ver a calcinha da professora.

[gargalhadas]

Eu: Tá explicado!

[risos]

Benta: Tu vê. Ela não pedia pra carregar lenha pra fazer a merenda, nada?

Vava: Carregava. Nós carregava. Nós levava lenha pra escola pra fazer o fogo.

Benta: Nós levava lenha.

Vava: [está rindo ainda]

Eu: Então tinha que levar de casa a lenha?

Benta: Aham. Cada semana era um que tinha que levar.

Vava: Adubo também, né?

Benta: Aham.

Eu: Adubo? Pra poder fazer...

Vava: Pra poder fazer horta. Acho que era isso aí, né?

Benta: Hã! Se for lembrar de tudo... dá um jornal e ainda é pouco!

Quase no final da nossa conversa, quando Dona Benta já estava mais à vontade e contando também um pouco de suas vivência, ela

retoma algo que já demonstrava querer contar neste momento que acabaste de ler...

Vava: E o estudo também como era diferente o estudo. Bá! As professoras ensinavam totalmente diferente.

Benta: Apanhava mais...

Vava: A falar... Nós chamava.... Me lembro hoje, nós ainda falamos bastante brasileiro errado, né. Eu ainda falo português errado.

Benta: Eu falo. Eu falo.

Vava: A mulhé fala bastante errado ainda.

Benta: Eu falo muito. Eu estudei até a quarta.

Eu: Não... quem não fala?

Vava: Eu lembro que nós falava muito... O vermelho nós falava encarnado.

Eu e Benta: Ah, encarnado, é!

Vava: Então, aí a professora. Hoje ainda tem gente, o pessoal antigo que fala encarnado...

“— Que cor que era?” “— Encarnado!” Né?

Então... hoje eu também ainda falo muito o português errado porque as gente acostudou a falar errado. E depois de um certo tempo é difícil...

Eu: Sim.

Benta: Essa professora que ela tá falando aí ela foi minha professora. Ela dava aula pra mim ali. Ela deu aula pra nós. E nós ia apanhá café lá na cachoeira... a mãe tinha uma irmã que morava lá e... nós ia lá apanhá café. Aí nós ia no sábado de manhã e depois nós ia. Quando passava lá ela já tava em casa e ela morava lá atrás da igreja...

“— Ê! O galo cantou muito essa noite?”

Ah, nós ficava doído.

Eu: Mas por quê?

Benta: Porque ela batia com a minha cabeça no quadro. Eu não sabia nada. Ela não ensinava, aí eu na sabia e ela batia com a minha cabeça... Nós não aprendia nada, nada, nada... em casa o pai judiava de nós. Aí no outro dia nós passava lá. Todo dia nós ia, apanhava café. Aí ela dizia: “— Ah, o galo cantou muito essa noite?” Ah! A mãe ficava com uma raiva dela. Até pouco tempo ela não falava com nós. Depois que ela fez uma festa de setenta anos que ela teve aqui em casa, né. Vê se nós ia na festa dela. Nós era... nós não ia muito com ela assim não. Nós era meio arrenegado com ela...

Eu: Mas também!

Benta: Ela também nos xingava. Nós não fomos mais pra aula. Com onze anos nós já saímos da escola...

Vava: Criança também quando brigava, quando brigava um com o outro a mãe da gente tocava-lhe o pau pra casa. As mães não brigavam com vizinho por causa de filho. Era difícil. Hoje em dia já dão cobertura pros filhos, né. Na época a mãe tocava-lhe o pau pra casa!

Benta: E batia na vara, colocava no quadro...

Eu: Mas nesse caso a tua mãe ficava doida com a professora...

Benta: Mas é porque a gente passava pela casa dela e ela ainda abusava... abusava...

“—Ei, o galo gritou muito essa noite?” Porque ela sabia que ficava, né, a bola.

Eu: Ai, meu Deus do céu.

Benta: Á! Sofremu um monte! O meu irmão, pegava aquela carteira, meu irmão mais velho. Ai a professora falava assim, ó: “— Amanhã é dia de vocês trazer a lenha!”

Ele dizia: “— Eu? Á ã! Pode esperar sentada o dia todo que eu não trago.”

“— Tu não traz? Peraí.”

Ai ela pegava ele na carteira e trazia, porque naquela época era o gabinete, né? Tinha gabinete naquele tempo. Para colocar as crianças de castigo.

Eu: Ah!

Benta: Ai ele trazia assim, ó. [ela mostra como se estivesse sentada na carteira, fixa no assento e a carteira não passava na porta] Ai quem que disse que passava na porta? Não passava nada. Ai a professora puxava e ele dali trancava, né, a professora puxava só até na porta... Outro dia: “— Oh! Caiu a cerca! Amanhã tu pede pro teu pai mandar uns preguinhos pra nós arrumar a cerca.”

Ele falava: “— Aham, pode deixar! Espera sentada aí que nós vamos arrumar...”

Eu: E ensinava muita coisa?

Benta: Naquele tempo não se ensinava era nada.

Vava: É. Pra gente era muita coisa, né. Porque ninguém sabia nada. E também o estudo deles também era fraco.

Eu: Também era...

Benta: Depois nós fizemos a 1ª comunhão. Fizemos a catequese. Eu já tive meu livrinho da catequese...

[E aqui esse assunto termina...]

As poucas narrativas contadas pela Dona Benta conseguem trazer a imagem dela a quem as lê. Uma senhora forte, sábia e que se despe de pudores para contar alguns ocorridos de sua vida. A imagem dessa

criança – agora adulta – e o olhar dela para o ambiente escolar é algo que pode alimentar essas noções que venho trazendo sobre as tantas concepções que este espaço escolar dissemina e que, portanto, vivem ainda em todos nós.

Diante de tantas possibilidades de se pensar a partir dessa narrativa, atento-me a somente deixá-la para que possas fazer suas leituras. Acredito que muito do que posso dizer seria sempre pouco em relação ao que ela nos dispara e as ligações que cada um criará.

Assim finalizo este momento de apresentação destes, que eram a princípio cinco queridos amigos, mas que se ramificam e encontram outros tantos, envolvidos diretamente através de suas falas, como a própria Dona Benta, ou outros tantos que estão presentes nas histórias e portanto, também são personagens deste trabalho.

No próximo subtítulo as histórias se cruzam, os retalhos se enlaçam, os fios por vezes somem e em outros instantes estão mais visíveis que os próprios tecidos. Eu te convido então, para ler e se aconchegar nessa nossa colcha de retalhos.

CAPÍTULO 4 – Passeio por lembranças: objetos, pessoas, cheiros e lágrimas...

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabem de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso nem porto
alimentam-se um instante em cada par de
mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto dos saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Mario Quintana
(2013, p. 19)

Agora penso, quando olho minhas mãos aparentemente vazias, no que elas possuem para nutrir... Talvez elas carreguem coisas do meu cotidiano: uma propaganda, um sorriso, uma foto, um instante que vivi. Nelas podem estar também simples momentos que desfrutei com amigos, ou alguns livros, filmes e algumas histórias que ouvi. São minhas lembranças que caminham comigo todos os dias, dando comida aos pássaros que te apresento. E como pode ser prazeroso alimentar aves livres...

Confiante, começo a conversar com as narrativas vagando através das belas palavras de Mario Quintana, refletindo sobre a comida que podemos oferecer aos pássaros que nos chegam. E pensando sobre as particularidades que cada leitor(a) carrega em suas mãos. Suas vidas e experiências são singular alimento, que fazem dos pássaros mais ou menos coloridos, às vezes mais robustos ou mais delicados. Somos nós que damos a eles a vida que temos conosco.

Escolhi dentre tantos um pequeno conto do Sr. Alix que, ainda mais valioso por sua simplicidade, nos oferece um contexto para pensarmos juntos sobre essa questão. Este sábio senhor, quando questionado sobre as lembranças que marcaram sua infância me responde assim:

Alix: Outra coisa que me marcou foi uma farrá de boi... e até isso aí eu não revelei³⁰. Foi uma farrá de boi que eu... Eu fui vê esse boi nas Palma. Foi nessa trilha de Palma. Eu devia ter uns doze anos mais ou menos. De lá subi num pé de laranjeira. Daí: “Pegaram o boi, pegaram o boi.” Daí tinha mais uns amigos: “Vamo embora. Vambora que daqui a pouco esse boi vai lá pros Ganchos”. Então nós retornamos para Ganchos. Subimos o morro. Quando eu cheguei em casa, que entrei pela porta da cozinha e cheguei na janela e vi a praia, o boi passou na... [apontando a reta da praia]. Aquilo cheguei a tremer....

[Ele conta com os olhos arregalados, como se vivesse mais uma vez o medo do boi e imitava os braços tremendo.]

Eu: Imagina. Escaparam de uma boa.

A: Esse boi era um boi brabo... Então essa é outra coisa que lá tem: a brincadeira do boi, né? Quando eu nasci já existia.

Eu: Já existia?

A: Aham.

Eu: Imagina. Já foi criado também brincando, desde pequeno já participava?

A: Não. Nunca brinquei.

Eu: Não?

A: Essa foi a única vez. Nunca fiquei atrás de farrá de boi. Nunca, nunca.

Eu: Mas não ia por que, Sr. Alix?

Penso que algumas narrativas nos fazem vagar por mundos que nos deixam sem respostas. Os porquês são lançados no ar e lá ficam. No entanto tive em tantos momentos a insanidade de pronunciá-los. Mas te poupo das respostas...

Como de costume, certamente esperarias encontrar agora alguns comentários sobre essa conversa. Mas não, eles não virão aqui. Como já anunciei, quero te provocar a pensar sobre as respostas que a narrativa reverbera... Tomo essa atitude pautada por algumas noções que abracei durante o desenvolvimento desta pesquisa, por considerá-las interessantes e potentes. Uma delas é: apesar de estar atenta para aprender com as narrativas, fica a cada momento mais claro que eu não posso tocá-las com a exatidão “do que são”. Há um abismo entre o que os entrevistados sentem e dizem e também entre o que falam e aquilo que me alcança. Eu diria até que há um silêncio, um espaço inatingível

³⁰ Aqui ele se refere ao seu livro autobiográfico publicado em 2009.

que me separa do outro. Portanto, parece descabido uma ou outra explicação, até porque as próprias transcrições, devido as multiplicidades de influências que sofrem, também não podem ser entendidas como resultado “real”, concreto e até incontestável na pesquisa.

Outro fato está na minha insistente vontade de criar novas respostas, de se perder pelas contações ao abrir espaços vagos pós-contos. Algo que ganhou força com as palavras e ideias de Walter Benjamin (1983), parecendo conversar com as minhas vontades.

Isto porque é em “O Narrador” que Benjamin (1983) trata mais especificamente sobre a narração e afirma o quanto esta vem sendo afetada pela crescente valorização da informação. Para o autor, as histórias que comumente nos deparamos chegam quase sempre repletas de respostas e de lógica. O que de fato é perceptível ainda mais nos dias de hoje. Basta observarmos nos meios de comunicação – blogs, sites de notícias, telejornais, cinema e rádios, por exemplo – que podemos perceber o quanto suas histórias estão cheias de explicações e se submetem a “exigência da pronta verificabilidade” (BENJAMIN, 1983, p. 61). Nestas “narrativas” não há como se duvidar do que é contado, porque elas já vem arranjadas com causa, consequência e contexto prontos para apenas serem engolidos.

Isso justifica o argumento de Benjamin de que vivemos numa sociedade na qual as narrativas estão rareando. As ideias dele parecem ainda mais atuais para o mundo da comunicação tecnológica, instantânea e, por vezes, sufocante, no qual vivemos. Noto o quanto temos de informações por todos os lados, elas chegam aos milhares e em questões de segundos, mas me questiono – inspirada no autor – sobre os modos e a intensidade que elas nos alcançam...

Percebo que assim como não se questiona o que “está pronto”, também pouco se pensa e produz com essas histórias que nos são contadas diariamente. E neste contexto está também presente aquilo que Preve (2013) adverte: “saturados que estamos de informação, estamos também impedidos de um ver a mais” (p. 263). Diferente disso, a narrativa é livre. E para o artesão-narrador sua arte estaria no fato de “liberar uma história de explicações à medida que ela é reproduzida” (BENJAMIN, 1983, p. 61)

Há, é claro, o romance por todos os lados (nas novelas, em teatros, em crônicas, em filmes...) mas como explica Benjamim, o romance traz o desconcertante do personagem, suas angústias, suas dúvidas. Já na narrativa a história vem e nos alcança com as armas que nós carregamos. Por isso faço a analogia com os poemas, ou com os

pássaros que se nutrem em nossas mãos. Mas crio ainda, através de uma lembrança de um filme, uma outra imagem que me remete a esta noção. Ela se dá quando o personagem de Pablo Neruda, no filme “O carteiro e o Poeta” (1994) é questionado pelo carteiro sobre o sentido de uma expressão utilizada em um poema. A resposta dita nesta belíssima cena, sob o som do mar, remete a essa noção de narrativa: *Um poema não pode ser explicado, mas sentido.*

E ao lembrar dessas palavras ligo-as diretamente com as tantas perguntas que no calor do momento fiz aos entrevistados. Por vezes eles me responderam. E talvez em alguns instantes, ingenuamente conduzi as narrativas a serviço da informação, retirando um pouco da mágica e de mistério presentes.

Inspirada pelos filmes Santo Forte (1998) e Edifício Master (2002) de Eduardo Coutinho eu havia observado que um bom entrevistador era aquele que agia como uma criança, lançando por quês e mais por quês ao ar. Algo que posso considerar como fundamental para o desencadeamento das minhas conversas. No entanto percebi que também existiria riqueza nas ausências de respostas.

Sobre toda essa questão, quero te mostrar uma lembrança que nos ajuda a pensar. Nela a Nete, esposa do meu colega professor Anilton, conta sobre a morte de sua mãe. Essa história vem logo após eu perguntar sobre os objetos que marcaram sua infância. Ela fala do fogão a lenha (outra narrativa que te mostro mais tarde) e afirma que as histórias de sua vida lhe foram contadas quando voltou a morar em Governador Celso Ramos, aos treze anos de idade. Ela começa assim:

Eu: Isso as pessoas te contavam...

Nete: É, daí que eu descobri porque que a minha mãe morreu. Como que a minha mãe morreu... Até então eu não sabia. Como que a minha mãe morreu? Era meningite. Ela tava menstruada e se jogou na fonte. Se jogou na fonte menstruada e veio pra casa com dor de cabeça. E ficou um dia em casa e no outro dia levaram para o hospital. E no hospital ela morreu...

É uma cena que me marcou também: quando veio a notícia que a minha mãe morreu. Veio a notícia pelo rádio. E o meu tio tinha caminhão, caminhonete. Isso eu lembro, é uma cena que tá bem... bem... parece que aconteceu ontem... Sabe?

“Ah, a Nésia morreu. A Nésia morreu.” Aquele saragaço. Aí ela veio num caminhão, o caixão veio num caminhão. No que eles tiraram eu lembro de mim, como criança, na beirada do caixão... Na beira do caixão... Com três anos. O meu irmão tinha dois... Essa é uma cena que eu também não vou me

esquecer nunca... E eu fui pra debaixo do porão da casa. Que era a casa assim, eles guardavam ali lenha, botijão de gás...

Eu: A casa era suspensa e tinha aquele espaço embaixo?

N: Aquele porão. É isso. Mas era todo cercado. E tinha uma passagem secreta da cozinha. Na cozinha tinha duas tauba despregada que a gente passava por ali... e ali era onde nós se escondemos... Uma hora, duas horas... e o pessoal não sabia.

“ _ Ah! Onde é que a Nete e o João tão?” O pessoal comentava e nós se escondia ali embaixo do porão. Não era porão, naquele tempo era o assoalho.

Eu: E tu achas que tu te escondesse naquele tempo por que assim?

N: Não sei

Eu: Porque era justamente a hora que tava todo mundo te procurando...

A: Fugir da realidade...

Não é a Nete que me dá respostas, perceba. Sou eu e o Anilton que nos encarregamos de dar uma explicação a sua contação. E nesse caso eu compreendo a história apresentada pela Nete como uma narrativa. Porque ela alcança algo que Benjamin (1983) afirma se diferenciar da informação ou do romance: “ela não se exaure” (p. 62) Portanto, “conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo” (p. 62).

A analogia que o filósofo alemão aplica à narrativa é um presente: comparando-as às sementes guardadas por milênios nas câmaras das pirâmides, ele afirma que ambas conservam o que ele chama de “força de germinação” (BENJAMIN, 1983, p. 62)

Noturno citadino

Um cartaz luminoso ri no ar.
Ó noite, ó minha nêga
toda acesa
de letreiros!... Pena
é que a gente saiba ler... Senão
tu serias de uma beleza única
inteiramente feita
para o amor de nossos olhos.

Mario Quintana
(Quintana, 2013, p. 28)

E é essa força de germinação – para Mario Quintana: o amor de nossos olhos – que me inspira a pensar as narrativas. É justamente isso que as tornam mais atraentes e estimulantes, porque sempre há algo novo a ver e que nos tira de nosso lugar. Algo do instante que nos faz disparar pelos espaços entre as palavras. E por vezes as narrativas não precisam ser longas, poucas frases podem ser suficientes para nos tirar daqui. E neste caso te apresento esse momento quando a Cristiana fala do canal que atravessava o mundo da sua infância...

Cristiana: Lá no morro, ali era um rio. Ali a gente tomava banho, Helô. Ai limpava, porque o mato crescia muito e caía pra dentro, daí a gente limpava... e tomava banho ali, de tão limpinho que era... Isso com os meus oito anos, nove anos. Porque a mãe não deixava a gente ir pra praia... aí a gente tomava banho ali... [...] Quando as mães não deixavam a gente tomar banho a gente tomava, tirava a roupa e ficava no sol secando pra depois ir pra casa...

[risos]

Eu: Tavas até agora dizendo: Não, bem quietinha... Só ficava vendo televisão em casa...

C: Ahh. Isso eu já era maiorzinha, né Helô. Isso com uns nove anos... Não tinha maldade. Ai a gente ia, tirava a roupa, deixava na pedra e tomava banho de calcinha. [risos]

[...] Sempre por ali... E tinha criança, né? Meu Deus... pensa na turma...

O mundinho pra mim era ali no canal...

Assumo que passei a ter essa mania: experimentar as histórias e pensar o que elas podem nos ensinar sem falar, sem informar. Percebi na fala das pessoas a necessidade de que sentimos de interpretá-las. Não damos mais espaço para esses momentos vagos, que poderiam promover um algo a mais. Na dúvida e no ímpeto desejo de não perder tempo já explicamos. Isso talvez por entender que nossas noções fossem verdades que deveriam ser compreendidas por todos.

No trabalho de Benjamin (1983) ele afirma que as histórias, ao retirarem de si as análises psicológicas – características do romance – alcançam com mais profundidade um lugar na memória do ouvinte. E dessa forma o sujeito as “abraça” e as utiliza como energia/alimento para promover outras contações. Assim a narrativa promove a si mesma. “Narrar histórias é sempre a arte de continuar contando e esta se perde quando as histórias não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece e fia enquanto elas são escutadas” (BENJAMIN, 1983, p. 63).

Muitas vezes, inebriados pela vontade da conversa, da análise, contamos as histórias repensando-as, dando sentido, colocando às claras os entremeios e os sentimentos presentes, e nesses casos fica pouco para depois. Foram tantos e tantos momentos que percebo tal fato acontecendo, escolho um...

Anilton: Antigamente algum homem mexia no meio ambiente? Fazia alguma coisa? Fazia pra comer... Pegava um molho de lenha, lá, que já tava caído e seco. Eu era ainda bem esperto! Carregava as embaúva que era as mais leve.

[risos]

Porque ela é a mais sequinha mesmo, é a oca...

Eu: Sim, sim, é oca é.

A: Aí vinha tudo com uns pau de lenha. Eles cortavo aquelas árvores no meio do mato. Um pau de lenha um bucado pesado... Eles trazio canela, uma árvore nativa...

Eu: E vocês cortavam lenha onde?

A: Lá no mato. E trazio porque a gente sabia que não tinha lenha aqui. Eu trazia e depois a gente contava quem foi que trouxe mais. Aí meu irmão vinha arcado com canela, peroba... que aquilo é pesado! E eu trazia aquelas embaúba bem grandona, né? “ – Meu Deus, que miúda.” Que nada, era levinho que era danada.

[risos]

Então. É coisa assim que vai mudando. Vai mudando as necessidades também. Naquele tempo as necessidades que obrigavo. Não tanto porque queria que acontecesse aquilo... mas a necessidade. E hoje, não. Hoje na graça de Deus nós temos tudo, né? Mas... não é tão necessário. [...] Antes tinha que trazer a lenha, pra botar no fogão, pra fazer a comida... Hoje se aperta o botãozinho...

Dessa forma, as pessoas entrevistadas se mostram através de narrativas e romances, os quais apontam questões e discussões. E caminho por essa linha tênue entre aquilo que é livre para que se perca, mas também dando espaço para que possamos aprender juntos com as histórias.

Logo, através de uma das falas do Sr. Alix e das leituras de Benjamin (1983; 2000) que me despertei para o quanto prendemos a história ao juntá-la ao papel. Uma preocupação que despertava o interesse de Benjamin já em 1955 (2000), sobre a reprodutibilidade destas falas que, ao serem gravadas e transcritas, transformam-se em

algo único, justamente por poder ser reproduzido. Eu te apresento antes parte de nossa conversa:

Alix: Depois disso aí vinha a farinhada. Vinha a noite de beijus. Beijus tu sabes o que é beijus, né?

Eu: Isso eu sei. Meu pai é fã.

A: É o que está ali no livro, né. Então...

Eu: Eu sei. Mas é importante que o Senhor conte, né? E na verdade a gente lê o livro e fica interessado em saber mais. É isso que acontece.

A: Mas ali eu não escondi nada.

[Risos]

Eu: Ah! Sempre esconde alguma coisa.

A: Não, não.

[Risos]

Eu: Imagina, não é isso que eu quero dizer. Como na infância o senhor passa muito... assim... dá vontade de saber realmente como era a sua relação com o lugar...

Como já comentei anteriormente no capítulo 1, o Sr. Alix havia escrito há pouco tempo um livro que contava suas histórias. E quando fui entrevistá-lo, a princípio pude o sentir um tanto insatisfeito com o fato de ter que recontar aquilo que, para ele, já estava documentado. Acredito que muito se deve ao que afirma Brandão (1998): “Uma vez escrito, um fato se fixa, como se tecnicamente a escrita vencesse a memória, pois culturalmente, o que está registrado e pode ser visto não precisa mais ser lembrado para não se perder” (p. 37). Mas Sr. Alix vence a escrita em alguns momentos, afirmando não ter revelado anteriormente tal fato, parecendo também reconstruir a narrativa através daquelas presentes no texto impresso.

Mas vale a pena perceber a diferença que se dá entre o “textoral-que-se-lembra” (p. 37), o qual pode tornar-se múltiplo por encontrar em cada ouvinte formas diversas de leitura, daquilo que se pode reproduzir tecnicamente, como um livro que se copia.

E é nesse sentido que me preocupo com as histórias aqui escritas. Por mais que elas possam fazer alguns leitores alcançarem voos, sinto pela possibilidade delas serem somente colocadas numa estante e por isso não necessitarem mais ser lembradas. Mas para minha felicidade encontrei na própria narrativa, no recontar dessas histórias, alguns caminhos para elas reverberarem. Algo que eu posso fazer a cada dia, em cada prática educativa, fazendo-a soltar-se desse texto de diversas formas. E espero que eu possa contar contigo, amigo(a) leitor(a), para

que também carregues e “contes para guardar” as histórias que aqui estão.

Despertada por essas questões, trago agora uma narrativa que, assim como outras tantas, também me levou a escrever e escrever. Esse é um momento que o Sr. Alix, instigado a pensar sobre sua infância, conta sobre um acontecimento marcante de sua vida e nos presenteia com belas imagens...

Eu: Se o senhor quiser me contar mais histórias de criança, eu iria adorar... Histórias do lugar...

Alix: É... nos Ganchos a brincadeira era isso, né.

A brincadeira da farra de boi.... O que está no livro, está tudo ali...

[Risos]

Eu: É... mas o senhor tá me contando as coisas. [Risos] Devagarzinho, mas tá me contando...

A: Outra coisa assim que foi muito interessante. Isso já era em 1930. A revolução de... Eles chamavam a revolução de Getúlio, né. Estava... está no livro também. Chegou um cabo da capitania de Florianópolis lá nos Ganchos e saltou um guarda, né, um pelotão de militares. Entre eles tinha um capitão que era comandante e se aproximou do Avô da Ivanira, que era um subtenente dos Ganchos. E perguntou se não tinha ali, naquela vista. Alguém que não tinha servido ao exército. Aí o Avô da Ivanira, que era Seu João Bonifácio, falou assim: “—O pai desse menino serviu o exército.” “—Então diz pra ele, para ele não sair de casa, se vier alguém aí, esses revoltosos, pra ele se prevenir”. Aí eu... cheguei em casa perguntei pra minha mãe: “—Cadê o pai?”. “—Teu pai saiu”. Era mais ou menos umas quatro horas da tarde. Chegou a noite ele não apareceu. Quando foi no outro dia de manhã apareceu um cidadão. Ele mandou avisar que ele tava na casa grande, lá nas Palma. Conheces a Casa Grande?

Eu: Eu conheci há pouco tempo.

A: Aquilo era uma casa enorme. Ele tava lá. Lá era dum cidadão lá da Serraria que tinha comprado a “preço da volta”. Então...

Eu: Mas a casa naquela época estava toda inteira? É porque agora tá...

[em ruínas]

A: Não. Ainda funcionava. Funcionava o engenho, engenho de cana, engenho de farinha, alambique. É. Tinha, tinha uma... uma parte lá, que era... para escravos, né?

Eu: Pois é.

A: A senzala. Ainda tava inteira. E morava, morava. Uma casa muito grande, tinha bastante compartimento, né? Então... ele pedia que... mandou recado pra que minha mãe fosse com a família para lá, né? No outro dia nós

saímos. Pegamo uma trilha ali, lá no canto do Norte, saímo pela praia e fomos. A praia era deserta, não tinha casa, não tinha nada. Até que chegamo lá. Lá passamos um tempo. Porque... mesmo porque o dono da casa, que era esse Luiz, era compadre do velho... Então.

Eu: Hummm. Tava tudo bem.

A: Tava tudo bem. Foi chegando mais gente. Que... quando foi uma noite. Uma noite tinha um cidadão lá que resolveu fazer uma tachada de açúcar. Ele botou, moeu cana. Todo mundo tomou garapa... Até eu também tomei. E a noite foi fazer uma calderada de açúcar. Foi botar no fogo, botou a garapa... Aí depois começou a aparecer holofote. Holofote assim [mostrando com os braços a luz].

Eu: Ah. Imagina que susto...

A: Era um navio de guerra que tava fora... das Palma. E se escutou um tiro ou dois que eles deram pro morro. Lá pro morro, não tem aquele alto lá? Aí o mulhero levantaram tudo. E com um balde de água apagaram o fogo!

Eu: Imagina só que susto!

A: “Apaga o fogo!” “Apaga o fogo!” Tal... E invés de sair açúcar, saiu uma tachada de puxa-puxa.

[Risos]

Eu: Coisa boa. A gurizada brincava.

A: É. Comeram puxa-puxa dois dias.

[Risos]

Eu: É uma lembrança ótima. [Risos] Mas aí as crianças ficavam brincando em volta ou tinham que ficar escondidas? [Perguntei por imaginar todos brincando no lindo terreno que é aquela área, bem próximo da praia, onde hoje é um camping]

A: Ah, escondidas! Tudo dentro de casa. De dia, de noite nem se fala! Tinha sempre três, quatro homens que saíam a noite. Se revezavam. É, mas não era nada...

Eu: Não era?

A: A guerra é muito diferente... [Fazendo alusão ao tempo que foi combatente na Segunda Guerra na Itália].

Eu: É né? Ali era só pra assustar mesmo. Pro pessoal ficar...

A: É. É. Só por questão política, né.

Eu: Imagina... Fico interessada pra saber isso. Se as crianças, naquela confusão toda, se elas estavam envolvidas, ou nem percebiam o que estava acontecendo...

A: O que, as crianças? Não, não, nem percebiam. Não, não. Não tinham nem ideia do que fosse uma revolução...

Fico imaginando essa criança envolvida com a guerra desde cedo... Imagino sua família atravessando a praia de Palmas vazia: ele, seus irmãos e sua mãe. Todos provavelmente assustados, alarmados com o que poderia acontecer.

Este relato traz imagens que contam um ambiente, falam sobre mundos aparentemente distantes dos nossos, mas que são nossas histórias. Eles nos fazem pensar sobre as tantas pegadas que já marcaram uma praia... Nos silêncios das famílias... Nos caminhos percorridos em direção ao novo. E no quanto hoje relutamos a nos atrever, nos aventurar. Talvez possamos mais ao reconhecer os desafios de nossos antepassados...

Neste caso, ao pensar nos desafios que estes sujeitos e seus familiares se atreveram em outros tempos, trago um dos retalhos contados pelo Sr. Vava e sua esposa Benta:

Eu: Ai assim. Se tiver alguma história que o senhor lembra, que acha que foi importante assim: Algum fato que tu acha que te tocou, assim. Uma experiência forte lá na infância que tu poderia contar...

Benta: Eu acho que ele devia contar do engenho... Eles desmancharam e ele sempre fala ainda: “—Aquele engenho não era pra ter desmanchado!”

Vava: Não... É porque esse engenho nosso era tocado à água. Ele era um patrimônio histórico, podemos dizer assim, né?

Benta: Tinha uma roda grande.

Vava: A gente não teve essa cabeça de deixar pro dia de amanhã. Então eu me arrependo hoje de não ter ...

Eu: E quando desmancharam?

Vava: Ah, já faz tempo já...

Benta: Ó! Tempo!

Vava: Uns quinze anos já, né?

Benta: Mais! A menina era bem pequenininha ainda. Até porque colocaram uma granja de galinha dentro...

[Sr. Vava baixa o tom da sua voz e a partir daqui ele fala mais devagar, com a voz presa...]

Vava: Era assim. A gente desmanchava uma coisa pra fazer outra... Todo mundo tinha que trabalhar e a gente sempre inventava alguma coisa, né? Criava, às vezes uma coisa, não dava certo, tinha que fazer outra. Trabalhar era obrigado, porque todo mundo tinha que trabalhar, né? Porque hoje em dia todo mundo tem seu emprego... no final do mês tira o seu dinheiro, faz o que tu queres com ele. Mas antigamente tinha que fazer o teu dinheiro, tinha que inventar alguma coisa... Eu ia daqui até lá na costeira, na Praia do

Antenor de pé, trabalhar como diarista. Eu tinha 18 anos de idade, pra dezessete. Ia pra lá trabalhar...

Eu: Trabalhava no que?

Vava: Trabalhava na roça lá. Antes ali a... Praia do Antenor tu conheces?

Eu: Aham.

Vava: Hoje é uma cidade basicamente. Antigamente ali era tipo uma área rural ali. Ali tinha... lagoa de peixe... pato, marreco, galinha. Tudo isso ali ele tinha... e hoje não. E nós trabalhamos lá na época. Então são essas coisas que passaram na vida da gente, que hoje a gente recorda como era sofrido! Hoje pra gente ir daqui até ali na praça de pé a gente já tem preguiça, né? E nós tinha que ir...

Eu: Mesmo debaixo de sol...

Vava: Trabalhava. Trabalhava na chuva, com sol. A vida era essa. A vida dos agricultores antigamente era assim. Porque nós, todo mundo era criado na roça e por isso aí a gente... Hoje a gente recorda que naquela época não era fácil, não. Então tem coisa que marca na vida da gente. A gente sabe que... que.. tinha que trabalhar pra comer...

Eu: Aham.

Vava: Não tinha outra opção. Não tinha. Foi o que eu falei: meu pai saía pra matar passarinho... nós matava passarinho pra comer. Quando nós matava um passarinho, pô, ficava contente. Fazia um almoço ali... — Ah, vamos fazer esse passarinho com pirão.” Nós dizia que era pirão. Mas a necessidade era grande né? Parece que a gente nunca esquece. E principalmente no lado financeiro, a gente nunca tinha dinheiro pra sair... Ia ganhar dinheiro de que jeito? Hoje não... graças a Deus, todo mundo tem...

São segundos de magia, instantes que às vezes parecem reter-se em uma frase, um momento de suspiro, quando as palavras faltam e acabam não mostrando o que fica. Os contos por vezes deixam a narrativa solta a ponto de nos perdermos por elas. Algo que para a educação se conecta com a ideia que Preve (2013) traz em sua pesquisa, de estar “interessada em abrir espaços ao que não se sabe” (p. 262).

Relembro que as imagens de Governador Celso Ramos estão saturadas de marcas que afirmam sobre um lugar, que parece ser possível conhecer antes de estar lá. Mas cabe aqui a proposta de humildemente invadir essas imagens com outras que criamos ao ouvir as narrativas. E as palavras de Preve me ajudam nesse intuito, principalmente através do que a autora se propõe: achar um instante mágico no que está dado (PREVE, 2013). E percebo agora que eles passaram ao meu lado, atravessaram minhas narinas, pude sentir seu

cheiro, fui tocada pela emoção que me proporcionaram... E esses momentos cheios de emoção, por vezes chegam após silêncios ou os provocam. Basta apenas que tenhamos sensibilidade para recebê-los e eles aparecem. Seleciono então um dos meus momentos preferidos. Nele minha amiga Santana – aquela que elegeu uma cadeira de sua bisa como um de seus tesouros – me surpreende com suas palavras...

Eu: E tu te lembras de alguma coisa na tua infância, que te marcou e que achas que tem reflexo hoje na forma como tu age? Tu achas que tem alguma coisa...

[Silêncio]

Santana.: A vó.

[Nesse momento a sua voz saiu embargada de emoção e os olhos marejaram, como quem não quer, mas sente e extravasa. Ela ficou sem graça e nos demos as mãos.]

Eu: Ai, linda. A tua avó foi uma pessoa muito presente, né. A vó mesmo, não a bisa?

S.: A vó. A filha dela. Minha bisa também foi maravilhosa, mas conviveu pouco, né. Ela faleceu eu era bem criança assim... Mas a minha avó paterna foi uma das melhores pessoas que eu já conheci... [quase em som de sussurro e entre lágrimas]

Eu: Ai que coisa linda...

[Silêncio]

S.: Nossa. Tudo de bom que eu posso ter vivido com uma avó, a experiência de avó, foi com ela. Desde a infância até a adolescência. Teve uma fase que eu... eu dormia com ela. Porque minhas tias saíam... Elas tinham vinte e poucos anos e eu era criança, então eu dormia com ela. Até era eu e outra prima. A gente vestia as roupas das minhas tias e fazia desfile. Ela cochilava...

Eu: Vendo o desfile?

[Risos]

S.: Mas eu dizia: “O vó, a gente já tá acabando, já tá acabando” [Risos] E ela dizia: “Não minha filha, não.” E encostava assim ó, morrendo de sono, sabe? Mas não falava... Ai nós ficava desfilando com as roupas. “Oh, vó agora é tal roupa”. Daí ia lá e botava o biquini das minhas tias, depois ia lá e colocava calça... e ela ficava junto. E aí tinha fim de semana que a gente, quando começou a crescer, ia limpar a casa dela. Aí ficou pra eu e para essa minha prima, a Zana. E quando a gente ia, a gente tinha o hábito de jogar tudo para a rua, os móveis todos para ficar no sol... e aquilo dava um apavoro nela. Ela dizia: “Minha filha já deu, tá bom, tá bom. E a gente não acabava mais, porque era muita palhaçada também, eu e a Zana, sabe? Ai ela dizia: “O

minha filha, tá bom, já pode colocar pra dentro.” Mas era o medo dela de chover, eu acho, e tava tudo na rua.

[...]

Eu: Quer dizer... ela vivia por ti, né? Acho que é esse o sentimento... né?

S.: É bem isso. E nossa, assim... quando eu perdi ela foi... até hoje né... quando eu falo nela...

Eu: É uma presença bem forte, né...

S.: Já fazem... vinte anos. Se não é vinte, já está próximo. Porque falando assim: vinte anos, nossa é muito tempo, né? Mas lembrando dela não parece que faz tanto tempo assim que eu perdi... Não parece.

Eu: Como é presente, né?

S.: Foi. Foi uma pessoa assim...

Eu: E ela te ensinava sobre os valores... te dava conselhos?

S.: Ahã. Com certeza. Que a gente, né... para ter as coisas não precisava passar por cima de ninguém, né? E tipo assim... que o mundo era bem grande e que tinha espaço para todo mundo fazer suas coisas. E respeitar. Sempre respeitar os mais velhos... Tanto que assim, Helô, tu podes sair aqui perguntando para várias pessoas idosas como eles me vêem, entende? Eu lembro que várias pessoas vieram falar que... Ah!. Em barzinho, porque aqui tem bastante, né? Que os donos dos bares diziam que: “Os velhinhos falam muito bem de ti. Que tu fala com eles. Tu respeita” Meu Deus, eu adoro. Eu adoro porque eu tive essa experiência, graças a Deus, por causa da minha avó, né?

Eu: Foi um respeito que adquirisse...

S.: Ela me ensinou, né? Claro, meu pais com certeza, mas assim eu lembro muito disso. Sabe? É uma coisa muito forte, assim, pra mim...

Há algo que vaga por este trabalho. São imagens criadas a partir das entrevistas que fazem emergir o que parece necessário ser mencionado. Num momento anterior³¹, deves lembrar, escrevi sobre a noção de lugar que se move diante desta pesquisa. E fica muito forte neste trabalho a ideia de que o ambiente é feito de gentes. Contudo, estendo-o um pouco mais: ele é produto também daquilo que nos afeta.

Eu posso te garantir que minha conversa com a Santana não somente reestruturou as lembranças dessa minha amiga, mas refez muito do que eu havia construído sobre esta cidade: Governador Celso Ramos. Assim como ela, também compartilho desse sincero sentimento de gratidão pelo carinho recebido pelos meus avós. E reconheço que aqueles lugares, guardados como afetivos, são lembranças que

³¹ Aqui me refiro à página 72, Capítulo 3.

atravessam o tempo, trazendo à luz do presente a total dedicação recebida por aqueles senhores queridos.

Como já comentei na introdução deste trabalho, foi na infância que tive o prazer de viver momentos “livres” e intensos sob os olhos dos meus avós, os quais ainda me ensinam, mesmo “ausentes”. Sim, faz anos que convivi com essas pessoas, mas a cada dia são novas as lições que tiro daquilo que eles me ofereceram. O mesmo posso sentir na fala da Santana, pois através da recriação de memórias há um sentimento que se restabelece a cada novo dia, remodelando as histórias aos novos aprendizados experimentados.

Fui orientada, através das inspiradoras palavras do meu orientador, a dar atenção aos momentos de embargo da voz, do cair da primeira lágrima, de um desconforto sentido no corpo, instantes sutis e intensos presentes nas conversas. Passei a considerar esses instantes como luzes piscando, sinalizando uma atenção necessária. Portanto, esse sentimento presente na conversa com a Santana me provoca a pensar nesse ambiente povoado de imagens e lembranças dos avós. O que no meu caso, era produzido também pelas palavras e gargalhadas da minha avó, suas músicas estranhas e seu jeito despreocupado de falar o que quer que fosse perto de mim.

Como contei, são as entrevistas que me indicam o caminho. E foi trilhando por elas que me deparei com as palavras de Paulo Salles Oliveira (2011), as quais ajudam neste sentido, por se pronunciarem sobre as trocas que existem entre os velhos e as crianças. Segundo o escritor, o prêmio para os pequenos que convivem com os avós está num relacionamento que “cria perspectivas inusitadas” (p. 21). Este ainda, usando palavras de Ecléa Bosi, explica que os avós, em geral, não tem preocupação com o conteúdo da conversa e, portanto, respeitam seus interlocutores como gente. E para Paulo S. Oliveira (2011) “as crianças não são insensíveis a este gesto humanizador” (p.21).

Também pensando através deste autor entendo que há um tempo destes senhores e senhoras que foi dedicado a nós quando crianças. Como sabemos, os aprendizados se dão no fazer e são muitas vezes os avós aqueles que possuem tempo para a prática da vida (OLIVEIRA, P., 2011). Sei que de fato há tantas exceções nessa afirmação e também há muitas mudanças na sociedade que nos fazem rever o perfil destes senhores e senhoras nos dias de hoje. No entanto somente quero salientar aquilo que Paulo S. Oliveira (2011) já pronuncia: “com os avós o ritmo é outro”. Neste sentido, os ensinamentos que a avó de Santana a oferece são frutos do tempo que esta senhora destinou para a tal tarefa de educar.

Pela riqueza que o avô e a avó trazem, eu me atento aqui a apresentar outros instantes em que aparecem essas três letras. Para enfim instigar que penses na afetividade que eles evocam ao se falar de um ambiente.

Desta vez a Cristiana conta das relações afetivas e o modo como ela lê sua atuação como crianças diante do seu mundo:

Cristiana: Eu lembro assim, como era difícil dar um beijo, um abraço num filho. Eu lembro que eu tinha muito isso com a minha tia e com a minha avó e com meu vô. Mas com minha mãe não. Ela tinha uma dificuldade de me abraçar e de me beijar. Eu fui crescendo nisso, que até hoje eu tenho essa dificuldade com ela...

[Tem uma emoção mais forte nessas palavras]

Ela disse que ela foi criada dentro de casa assim. Ela morou com a minha tia que era mais velha, quando a minha tia se casou, ela foi morar com essa tia lá em Santos. Então ela não criou esse vínculo com a mãe dela também.

Eu: Uhum, uma coisa que ela já trazia também...

C: E eu acho que ela trabalhava tanto, que ela esquecia de... Acho que ela já tinha essa dificuldade também. Então não criou tanto esse vínculo comigo... E eu com meu pai não.

(...)

Eu: E parece interessante porque quando chegasse aqui, as pessoas te tratavam de um jeito com carinho e te receberam com cuidado...

C: Esse meu vizinho ele não tinha mais filha pequena, ela já era maiorzinha. Tinha um menino mas ele já era mais velho do que eu. Na minha família, como eu vim de longe, a minha tia - essa minha tia que morava perto - não tinha filho e a outra minha tia ela morava mais longe... ela tinha um monte de filhos. Mas eram tudo mais velho do que eu. Eu cresci ali. Eu vim com três anos de idade, tu pensa. Eu recebi todo o carinho deles. Eu me apeguei muito com eles. A minha tia, onde ela ia eu queria ir atrás. Então eu fiquei com duas mães na verdade. E mais a minha avó. Era um bibelô. Eu lembro que eu fui tratada assim. Não na questão financeira, né. Porque a gente toda vida teve dificuldade.

Eu: Sim.

C: Mas em questão de carinho deles, Meu Deus. Por isso que hoje eu sou muito família, Helô. Muito...

Eu: Interessante né? Então tu achas que o que marcou mais no lugar foram essas pessoas que te acolheram...

C: Isso.

Fica evidente a potência com que as pessoas – e aquilo que construímos com elas – agem em nossas vidas e em nossos comportamentos. E aqui acredito que a história desta contadora já enaltece as cicatrizes que a ausência de afetos podem nos deixar, ou o quanto elas podem nos instigar a ser mais. Entendo que ao deixar ser narrada por suas lembranças esta professora nos oferece a experiência na vida vivida, aquilo que Benjamin (1983) chama de sabedoria.

Palavra esta que, inclusive, volta a nos direcionar o olhar aos velhos, os quais são grandes narradores. Eles trazem enredados em seus contos algumas lições que adquiriram através da experiência. “Narrador é aquele que dá conselhos”, diz Benjamin (1983, p. 59) e neste caso ele refere-se aos conselhos que vem entremeados nas histórias vividas “atravessadas visceralmente pelos dramas do cotidiano” (OLIVEIRA, P., 2011, p.23), por isso tão ricas.

Portanto, estas são questões bem relacionadas umas às outras, pois o aparente simples ato de não mais valorizar as experiências destes senhores (colocando-os à margem da sociedade) parece ter como reflexo também a ausência do ouvir, que tanto se exercita no convívio com estes. Além de reativar uma noção que te apresentei anteriormente³², sobre a importância de (re)conhecer e (re)contar o passado como possibilidade e estímulo para a construção do futuro.

Há, até de uma forma bastante nostálgica, um ar de saudade nas falas dos sujeitos quando referem-se aos velhos. Um desses momentos é apresentado pela primeira entrevistada, a Maria Santana, num trecho anterior. Esta, além de abrigar com carinho as lembranças da sua avó, traz junto a essas imagens o sentimento de respeito que esta senhora lhe ensinou a ter com os mais velhos. O mesmo ocorre na conversa com o Senhor Alix, já registrada na sua apresentação, na ocasião ele conta que as crianças, além de chamarem de tio os senhores de cabelo grisalho (um sinal de respeito) deveriam cumprir qualquer função que ganhassem de um senhor, sob suspeita de serem repreendidos pelos pais, caso descumprissem.

Ainda sobre esse assunto, diz o Anilton:

Anilton: Tu pensa, as crianças hoje... sempre falo: As crianças hoje são mal criada! Nós era... aprontava essas coisa assim, ó. Mas não desrespeitava ninguém. Jamais ia dizer um palavrão pra um mais velho na rua. Apanhava na rua e apanhava em casa. A gente era arteiro. Eu era. Fazia muita arte assim. Agora, só que hoje não... As crianças são mais mal criada...

³² Páginas 31, 32 e 33.

Já o Senhor Vava me conta assim:

Vava: Eu, com dez, doze anos por aí, a gente já fazia tudo! Nós nascemos trabalhando. [...] Pois com oito anos, nove anos, nós já trabalhava. Hoje, eu acho, que nossos adolescentes deveriam ter um trabalho também, com exceção da escola, deixar um tempo para a escola e para brincar. Mas uma ocupação pra eles, todos deveriam ter. Porque eu sei que é difícil ter uma criança... naquele tempo [...] Ninguém tinha tempo para fazer o que não deveria de fazer. E também a educação, né? Ter respeito pelos pais, um exemplo: Pensa assim, ó. Se o meu pai tivesse aqui conversando mais você, se eu parasse aqui perto nós apanhava. Se passasse pelo meio deles mesmo, Deus u livre! Se nós entrasse na conversa do meu pai, quando ele tava trabalhando... ou conversando com alguém, jamais! Jamais ele ia admitir isso aí! Outra: Nossos pais não tinha aquele diálogo como se tem hoje em dia. Hoje é tudo diferente. Se bobiasse o pau pegava mesmo, né? Era o relho velho pegava, né? E o trabalho era indispensável, pegou oito anos, nove anos, todo mundo trabalhava, porque todo mundo vivia da agricultura há cinqüenta, quarenta anos atrás. Hoje não, hoje é mais emprego né? Quase nem tem... Então mudou bastante a vida, tanto a infância, quanto a adolescência, a juventude... Tudo mudou porque... hoje se tem tudo.

Estas falas trazem alguns diferentes modos como os personagens entendem as mudanças do tempo de sua infância para a contemporaneidade. São apenas nuances voltadas para as relações afetivas com os mais velhos, mas que já indicam a alternância de sentimentos em relação às mudanças. Os mesmos ressaltam os ganhos, reconhecem as facilidades, o conforto e/ou tranqüilidade presentes e salientam as perdas que, segundo ele, influenciaram negativamente seus modos de vida.

E ainda tratando sobre os retalhos que ligam as crianças e os velhos, é Paulo Oliveira (2011) que destaca os laços estreitos que os costuram. Algo que ocorre devido ao modo como ambos, “crianças e velhos, são banidos do presente, restando a eles o futuro e o passado, respectivamente” (p. 30).

Anilton: As coisas tradicionais mudaram, pra te ver... aqui no seu Paulo. Eles até chamavam de Pau dos vadio. Só tinha idosos! Só idosos. Eles contavam aquelas prosas deles. E eu era metidão... eu era metido... Aí eu ficava ali escutando...

Eu: Ficavas escutando as prosas deles?

C: Ficava no meio deles. Um contava uma prosa, outro contava outra. Um contava do maior peixe... outro contava isso...

Nesse sentido que Paulo Oliveira (2011) fala da experiência de conviver com os mais velhos como algo que “transforma o cotidiano em um imensa aventura, cheia de enigmas” (p. 26). Para este autor a criança é um ouvinte atento, capaz de dar sentido e esperança à vida dos velhos e “nunca se cansa de pedir bis” (p. 22). E como já conhecemos o poder das narrativas em revigorar as lembranças, o contar pode se tornar uma experiência reciprocamente enriquecedora.

Anilton: Chegava à noite. O fogão a lenha tava aceso... Ali umas sete horas da noite, porque antes ninguém acende. E ficava contando causo, causo do Malasarte. Ficava contando do Sr. Rei. Ficava contando histórias. Quer ver no inverno: o fogão à lenha lá... Hoje não, hoje se chama lareira, né? [risos] É que veio do fogão à lenha! Mas hoje se chama lareira. Hoje os nomes trocaram, mas tinha o fogão a lenha, botava ali, aquecia e ali contando em volta...

Eu: Mas a tua família tinha esse hábito, então?

A: Tinha.

Eu: Quando tu era pequeno?

A: Tinha. A maioria das família tinha. A falecida vó, tudo. Quê? As antigas família ficavo tudo conversando!

N: E às vezes juntavo duas cadeiras e a gente dormia...

A: É! Queres vê no inverno. Ia contando prosa, adivinhação...

Quão gratificante é ouvir os velhos. Basta uma perguntinha, para que mergulhemos num mundo tão distante e ao mesmo tempo tão próximo, tão deles e tão nosso ao mesmo tempo. Os olhos brilham e o sorriso abre, a emoção flui, o olhar se perde no infinito e aí é só se deixar conduzir, se deixar seduzir pelas histórias, pelos contos narrados, materializando-os conforme nosso entendimento (OLIVEIRA, L., 2011, p. 133).

As palavras acima, extraídas da dissertação de Laércio Oliveira (OLIVEIRA, L., 2011), contextualizam ainda mais toda essa produção de sensações e imagens que a prática de narrar aciona quando parte dos velhos. Nesta pesquisa do professor de história, o objetivo concentrava-se em olhar com atenção para a sua caminhada, percorrida de 2000 à 2011 numa escola do município de Laguna – SC. Um trabalho que

propôs aprender junto aos jovens (ex) participantes das atividades do grupo Casa da Dindinha – projeto desenvolvido pelo professor – conversando também com os profissionais da escola e com os velhos envolvidos na comunidade.

Posso dizer que a proposta de ouvir as memórias contadas pelos velhos moradores dos distritos de Laguna proporcionou – assim como essa pesquisa – reconstruções das histórias destes sujeitos, favorecendo a criação do presente e do futuro que desejam. Esta seria uma costura evidente entre as pesquisas, no entanto, outras também surgem... E minha surpresa se deu no momento que o pesquisador se questiona sobre de onde vem essa sua vontade, sua inclinação pelos saberes e fazeres dos velhos. E a resposta vem, adivinhe? De lembranças de sua infância. Ele diz: “Meu fascínio pelos saberes dos velhos desse lugar tem raízes profundas, certamente a partir dos meus primeiros dias de vida. O cheiro que brota da terra misturada ao cheiro do verde que cobre os morros do distrito, os ecos ritmados” (OLIVEIRA, L, 2011, p. 51).

Deste ponto em diante ele promove uma linda combinação: descreve o lugar com suas belezas, suas vozes, as lembranças das pessoas. Essas imagens são misturadas, como algo singular: seu mundo. Mas há algo que me parece ainda mais interessante na sua escrita. Isto quando menciona nas suas lembranças de infância histórias que lhe contavam sobre um homem que mal conheceu: seu avô. E que de tanto serem recriadas, povoavam seus pensamentos de criança, o acompanhando até hoje. Este historiador, em meio a tantas recordações e recriações diz fazer:

um mergulho num passado em que eu não vivera, mas que desejava ardentemente ter vivido: o mundo da roça, dos engenhos, do pirão de feijão, das brincadeiras com carretilha, das histórias de assombração. Meu avô era esse elo que me ligava a esse passado desconhecido, fascinante, curioso, um mundo que se apresentava diante de mim, brilhante, provocador de emoções (OLIVEIRA, L., 2011, p. 51).

A Nete, ao falar sobre sua mãe, falecida quando ela ainda tinha três anos de idade, traz na sua memória a força das histórias contadas e como elas podem e tem vida nos modos como nos ressignificamos junto a um lugar. Peça que leias com o amor que merecem e depois conversamos...

N: É... o fogão a lenha marcou... Eu tenho até na perna, mas eu já era crescidinha... Não! Não era crescidinha nada! Eu era bebê. Antes da minha mãe morrer. Isso aconteceu antes da minha mãe morrer. Foi uma coisa que me marcou também, não porque eu lembro mesmo. Foi porque o pessoal contou... Então eu tenho cicatriz de pelado... de pelado no fogão a lenha. Eu lembro porque o fogão da vó era bem grande. Então ali, quando era inverno, a gente ia pra perto do fogão, né. Botava a cadeira ali... E quando a minha mãe saía da cama, eu já acordava junto com ela. Ela já dizia assim: Essa pingola! Ela me chamava de pingola. Se ela fosse viva meu apelido ia ser bem bonito: pingola!

[risos]

“-Essa pingola já acordou, vai dormir!” Ela dizia, ela gritava comigo, né? Essa vez ela me levou pra fazer café junto com ela. No que ela foi botar a chaleira o café virou em cima dela e em cima de mim, porque eu tava junto dela, assim né, puxando o vestido. E eu tenho uma cicatriz na perna. Isso aí foi uma coisa que me marcou... o fogão a lenha.

Eu: Daí essa história te contaram depois... Tu era criança ainda?

N: É... quando eu vim pra cá aí o pessoal começou a contar... “ - Ah, porque a tua mãe ia pra fonte contigo” – eles contavam. “ - Que tu és parecida com a tua mãe, o teu rosto... o teu falar”. O andar da minha irmã é o andar da minha mãe, o pessoal conta, né? “ - Mas tu não, tu és bem parecida com a tua mãe.” Eu tenho quarenta anos, quarenta e sete, mas antes o pessoal contava, quando eu tinha vinte e pouco. E quando a mãe morreu ela tinha 24 anos. E o pessoal sempre dizia que eu era bem parecida com ela... Então ela ia pra fonte e eu ia junto...

Dessa forma, acabo anunciando mais um objeto que me foi apresentado como disparador de memórias – o fogão a lenha – separado dos demais que virão no capítulo seguinte. Mas aponto este trecho para que possamos pensar sobre as memórias que não foram vividas como fato, mas como experiência, através da narrativa.

Portanto, mesmo não recordadas devido a pouca idade, estas imagens continuam presentes na memória. E isso nos possibilita refletir sobre a força e o poder destas criações que, diante de tantos esquecimentos, os quais notadamente se dão no ato de rememorar, ainda assim lembramos de histórias contadas; de pequenas imagens retidas a todo custo e que se embaralham com valores, experiências...

Contudo, não como algo que se encerra aqui, mas como potência para seguirmos pensando, saliento a importância dada pelo professor Laércio às suas vivências de infância. Como fonte de inspiração para continuarmos, uso a frase que ele afirma: “Eu diria que essas lembranças

da infância são os alicerces para a nossa formação humana, somos produtos desses momentos.” (OLIVEIRA, L., 2011, p. 53)

Através de diferentes caminhos estas falas se cruzam. No entanto agora, ao invés de continuar a ligar fios de lá com cá, quero te mostrar outro solto. E este se refere ao tempo que destinamos ouvir.

Outra imagem que compõe esta trama é inspirada pela crônica de Cecília Meirelles (2012), chamada “Escola de Bem-te-vis”. Nesta escrita ela discorre sobre as tão presentes abreviações de nomes, palavras e conversas na contemporaneidade. Neste caso não me identifico com o estranhamento da escritora, ao contrário, o identifico em mim. Reconheço que aprendi a me incomodar com as pausas. A demora comumente nos inquieta quando não nos entregamos a ela...

E nesse momento posso criar uma cena de uma senhora que senta com calma, traz café e biscoitos, ajeita o cabelo e começa delicadamente a me contar algumas lembranças. Entre esses lentos movimentos e silêncios ela prepara com cuidado um momento para a conversa. E penso que haveria uma impaciência costumeira que poderia ser quebrada com uma pergunta: “E onde queres chegar?” ou “Vamos ao que interessa...”.

Benjamin (1983) também pondera as perdas que adquirimos por sermos inquietos. Assim ele diz em 1967: “O homem de hoje não trabalha mais naquilo que não pode ser abreviado” (p. 63). E sinto essa noção refletindo sobre as narrativas, mas apesar de nossa pressa, ainda conseguem nos tocar. Mas como já afirmei, acredito também nos ganhos com o encurtamento das coisas, pois por terem pouco, podem possibilitar outros preenchimentos presentes em cada um.

No entanto, os fazeres de nosso tempo se misturam à necessidade de, por vezes, falar menos para caber em si. Falar pouco para que não se deixe escapar aquilo que deve ser esquecido, ocultado. Desse modo acabo, portanto, tocando num outro ponto interessante. Algo até agora pouco mencionado nessa dissertação: o esquecer.

Comumente nos referimos às lembranças que insistem em ser relembradas e recontadas, algo que no próximo capítulo parecem vir com ainda mais força. Mas me deparei por muitos momentos às narrativas que não se deixam contar.

E nesse ponto – o qual assumo ser um dos mais provocantes deste capítulo – posso enfim trazer alguns dos trechos mais bonitos que ouvi,

por serem justamente aqueles que falam dos esquecimentos e lembranças, parecendo querer dizer algo, mas se calam...

Os silêncios entram e, portanto, a necessidade de estar mais atenta é pré-requisito para me deparar com uma respiração, um suspiro, um resquício ou uma declaração espontânea da emoção.

A ausência de palavras que fecham as frases insinua, por vezes, fins prováveis. Mas em alguns casos percebo que devaneios se dão entre os contadores. E aquilo que Brandão (1998) pronuncia através de Benjamin e Gaston Bachelard parece se dar: “de maneira oposta ao que acontece com o sonho, o devaneio não se conta” (p. 59), pois soa estranho aos que ouvem. Para este ouvinte e instigante escritor, diante de um momento assim “ou se cala ou se escreve” (p. 59).

Em consonância com essas palavras, preciso te mostrar algo que enriquece meus pensamentos... Esta é uma parte da conversa que tive com o Sr. Vava e considero importante ressaltar o quanto ela, por se dar depois de muitas narrativas, já era solta. São instantes que reaparecem lembranças que querem ser esquecidas, trazendo uma aparente dor ao serem revividas.

Eu: Você acredita que essas lembranças estejam presentes ainda no seu cotidiano?

Vava: Eu acho que tudo o que passa na tua vida, alguma coisa sempre marca. Tu sempre lembra, né? Eu sempre falo: Tem coisa na vida que eu nem gosto de lembrar, por ter sido um tempo de muita dificuldade... miséria. É o que eu falo, a gente ia pra roça descalço por não ter um calçado pra calçar. E hoje a gente tem quatro, cinco par de calçado dentro de casa. Então a gente não gosta de lembrar porque, como eu falei: a minha mãe partia um ovo pra quatro filho comer. Hoje a gente come quatro ovo de uma vez, se bobiar. Então tem coisa assim que a gente às vezes nem gosta de lembrar. Mas tudo o que passou na tua vida geralmente tu lembra. Sempre! Vai lá um dia tu recorda daquilo. Pô, passou e aquilo que eu falei... Eu lembro uma vez o meu irmão, há quarenta, quarenta e cinco anos, ele foi embora pra Joinville. Ele foi com um par de sapato velho já, usado e parece mais duas mudinhas de roupa. É! E na época ele mandou pedir dinheiro pro meu pai e o meu pai mandou dinheiro pelo correio e não registrou a carta e sumiu o dinheiro, nunca apareceu o dinheiro na mão dele... Então são essas dificuldades...

Com sua fala, posso pensar naquilo que se lembra, mas não se quer contar. Ou ainda aquilo que se insiste esquecer, para que não se dê vida à tristeza que se mantém presente. É importante neste ponto

relembrar que “a memória é trabalho e implica ação, construção ativa e reconstrução” (NEVES, 2000, p. 5).

A memória entretetece uma trama intrincada de coordenadas que a constituem como um campo de forças já que nela se entrecruzam passado e presente; espaços e tempos; registro e invenção; o individual e o social; anamnese e prospecção; perenidade e volatilidade, sempre em constante atividade que longe de opor-se ao esquecimento (LE GOFF, 1984) faz com que a memória englobe e compreenda o esquecer, pois é, por sua natureza mesma, trabalho de seleção. (NEVES, 2000, p. 5)

Se os sujeitos nos apresentam olhos entristecidos pelas imagens ainda retidas a contragosto, que contam duros momentos de infância, há também como contraponto um marcado saudosismo em relação àquilo que estes entendem como modos vividos por eles. Algo que, sob o olhar destes, não são oferecidos aos pequenos de hoje.

Eu: Mas como é que tu brincavas... me conta sobre as brincadeiras...

Cristiana: Ahh. As brincadeiras eram... ou dentro de casa, assim no quintal, mas sempre com turminha mesmo, né. Como eu to te falando. Final de semana mesmo, a casa da mãe era sempre, toda vida, até depois que eu fui moça, tá, era cheia. E ali no quintal, né... Porque assim, eu tava aqui na minha casa, depois andava mais um pouquinho e já tava na casa da outra... Era tudo aberto, né? Hoje não. Hoje tem muro. Mas na minha época que eu fui criada não tinha. A gente vivia solta assim. E brincava.

E ela comenta sobre esta sua fala mais tarde...

Cristiana: E tinha muita árvore. Lá na casa da minha avó tinha parreira de uva, pé de goiaba, pé de limão, pé de pêssigo. E ainda tinha um tanque comunitário, que era enorme! Era cheio de tanque assim grudado e tinha o telhado, os quatro pilares e o telhado...

Eu: Então as casas não tinham muros, nem divisórias?

[agora que eu consegui visualizar o que ela estava me dizendo há tempos]

C: Não. Não existia muro, Helô! Era tudo aberto.

Eu: Então todo mundo ficava ali, tudo junto?

C: Sabiam qual era o terreno de cada um, mas era tudo aberto. Não existia muro.

Eu: Que legal...

C: Era muito bom. Porque ao mesmo tempo que tavas na tua casa tavas vendo a casa do outro. Todo mundo era criado junto.

Eu: É por isso que tem esse costume...³³

C: Por isso que agora é tão diferente. Eu acho que agora é diferente! Agora eles não têm mais aquele vínculo, como a gente tinha...

Eu: Porque era uma família, né?

C: É... Agora não tem isso.

[silêncio]

Eu: É... interessante ter pensado no muro. Como muda... porque você cuida também... “ – Oh, tem alguém chegando lá!” Né? Já cuida das crianças na outra casa...

C: Era sempre assim. A gente passava, chegava na casa da minha prima. Eu lembro que a casa da minha prima era a casa dela, a casa da vó dela. Aí tinha um terreno bem grandão que a gente brincava bastante também, que tinha pé de caju. Hoje em dia tu não vê mais pé de caju! Tinha muito pé de caju, Meu Deus! A gente apanhava e comia a vontade, porque tinha muito. Jambolão. Pé de jabuticaba. Aqui quase não tinha pé de Jabuticaba, mas em Palmas que tinha. Mais no mato, né? Pé de vergamorti. No quintal da minha avó tinha tudo isso: Laranja, vergamorti, goiaba, limão, pêssego, uva... Tu vê como tinha!

Eu: E quando criança vocês ficavam ali à vontade...

C: Comia tudo à vontade... Às vezes não deixava nem amadurecer direito...

[risos]

C: ...e já comia, né?

[silêncio]

Eu: Eu nem imaginava assim... sempre quando estavas falando eu imaginava um monte de casa uma do lado da outra...

C: [com empolgação] Por isso que hoje aqui eles falam assim: “ – Ah, porque foram fazendo casa amultuada, porque não existia muro. Aí conforme foram casando, crescendo, casando... Porque eu era criança, mas já tinha gente adolescente... então tinha bastante terreno. E eles foram casando e construindo. Trabalhando para construir...

Eu: No terreno dos pais...

C: Nos terrenos dos pais, é. Então por isso que tem essas casas amultuadas hoje em dia... não deixaram espaço para fazer estradas...

³³ Na hora fez muito sentido pra mim, porque sempre achei estranho o hábito que muitos tinham de entrar no terreno e pegar frutas no pé, por exemplo, sem pedir e sem ter vergonha disso também. Quando eu era criança isso era muito comum por lá.

Aqui outros modos de viver este *espaçotempo* parecem se dar. A Maninha se mostra bastante convicta das diferenças e até das conseqüências dessa mudança de hábitos na sua comunidade. Os muros como divisórias parecem ser marcas destas mudanças.

Agora relembando uma conversa com o Sr Alix – ainda no início desse capítulo³⁴ – nos provoca a fugir das respostas e refletir a subjetividade implicada em cada modo de se lembrar as vivências. Isto por afirmar: *Eu tive uma infância relativamente boa, para a época. Hoje seria muito ruim.* E as respostas ficam no ar...

Portanto, prefiro colocar o olhar desses sujeitos em suspenso, lançando as narrativas e conseqüentemente as múltiplas sensações que elas provocam. Cada retalho nos oferece singulares e intensos modos de entender e se envolver com o espaço narrado. Ao deixá-las no ar, eu te provoco a percorrê-los. E sendo assim, te apresento as palavras da Santana:

Eu: Tu lembras se tem alguma coisa que tu achas interessante de falar, assim, do lugar... como que era quando tu brincavas aqui...

Santana: A diferença é na quantidade de casas, né? Meu Deus... era bem menos. Mas no resto era como hoje.

Eu: Não mudou tanto...

S.: Não. As crianças ainda brincam, como nós.

Eu: Tem isso aqui, né?

S.: Vão brincar na casa dos outros... Ainda conseguem andar tranquilo nas ruas, né? Continua assim... Pra mim não acho mudança, assim...

E antes de seguirmos para outra composição de retalhos, mais uma fala da Cristiana...

Eu: Quais histórias você poderia me contar que mostram um pouco sua relação com os lugares com que você passou sua infância? Não sei se tens mais alguma coisa para contar...

Cristiana: De mudança?

Eu: ... De repente poderias falar sobre isso... É! Não era isso, mas pode ser...

C: Em relação ao lixo, eu acho que continua a mesma coisa, né Helô?

Eu: Mas ao lugar, assim, pensando de outra forma... o lugar, as pessoas...os espaços aqui... O que tu achas que mudou?

³⁴ Página 67.

C: Mudou. O lugar mudou, porque hoje em dia é muro, né? Muro alto, porque vizinho não vê mais vizinho... A gente passa... Eu passo pra ir ali pra mãe que era tudo aberto... tem muro de dois metros de altura... Não vê mais vizinho... As pessoas hoje elas se preocupam em ver assim ó: “ - Ah, eu não quero que ninguém veja o que eu tenho na minha casa!” Em cuidar disso. Não em questão de cuidar da vida dos outros porque continua a mesma coisa, né. Até porque já é um lugar pequeno. Que já é da comunidade também. Mas assim: “ - Ah, eu não quero que ninguém veja o que tem na minha casa... E ... vou fazer muro alto pra ninguém ver o que eu to fazendo.” Eu acho assim... que talvez não é nem tanto a segurança, porque muro alto não quer dizer que tenha segurança, porque eles pulam mesmo... E até porque aqui não tem muito isso, né? De roubar... de... Acho que foi isso que mudou, assim. A individualidade... Ninguém pensa mais em ninguém. Ninguém faz mais por ninguém... Faz até quando precisa, mas é diferente. As amizades são diferentes. Eu tiro pelas amizades da minha filha, assim, não é mais a mesma coisa...

Dessa maneira, os contos falam sobre os modos de pensar e viver o ambiente, os quais vão se reconstruindo a cada momento. Vou te entregando, assim, retalhos e fios. Alguns singulares, outros com ideias em comum. E detectando a importância do *estar juntos* nestas falas, anuncio mais um momento de emoção em nossas conversas. Com a palavra, o casal Dona Benta e Sr. Vava:

Vava: A gente sempre recorda de alguma coisa. As coisas boas e as coisas ruins... antigamente o povo era muito sofredor... Mas queira ou não queira era feliz também. Tinha a hora de felicidade também. Como eu me lembro muito bem... Uma vez o meu irmão comprou um rádio. Um rádio que era da minha avó, minha avó Chica. Comprou um rádio. Pô, aquilo é que era felicidade a nossa! Nós todos os dias ao entardecer, quando tava o sol quase entrando, nós vinha pra casa escutar a rádio. Aquilo pra nós era uma alegria grande. Na época do terno de reis... Sabe o que é terno de reis?

Eu: Sim. Coisa linda.

Vava: Sabe, né? Terno de reis toda a comunidade ficava esperando isso. Quando chegava era uma alegria para nós, né?

Benta: Hoje em dia ele toca.

Vava: Hoje em dia ainda tem aí...

Eu: Toca? Toca o quê?

Benta: Toca violão aí na estrada.

Vava: Terno de reis também. Eu faço. Terno de reis eu faço. Mas parece que antigamente era mais gostoso ainda... Não tem, porque: o rádio!

Hoje quase ninguém liga pro rádio. Antigamente era... era tão gostoso, aquelas músicas sertanejas...

Eu: Uhum. Daí ficava todo mundo sentado ouvindo o rádio.

Vava: Ouvindo o rádio. Isso nós fazia muito muito... [ele fala com muita emoção]

Eu: Aí ficava só as crianças assim, ou...

Vava: É, geralmente os pais, os pais com as crianças. Porque nós vinha da roça e dali a gente...

Eu: Era a hora de descanso mesmo, né?

Vava: É. E ouvir rádio. Bem pouco a gente andava nas vendas, né. Porque naquele tempo tudo era diferente, né. E essa foi... a passagem da vida da gente... A gente tinha um respeito desgraçado pelos pais. A gente não fumava na frente dos pais, não bebia. Tinha um medo, né? A educação foi essa. Hoje não, hoje as coisas são diferentes. Pelo menos eu acho, né.

[silêncio]

O rádio toca e eles se juntam. A música entra nesse relato como afeto, lugar de saudade... E diferente dela, os muros que se proliferam nas redondezas indicam a criação de celas. Assim como literalmente construímos muros, também inventamos paredes e sacralizamos o arranjo da classificação, da separação, dos múltiplos conceitos sem multiplicidade de respostas...

Mas ainda preciso chegar nas intensas histórias que falam de brincadeiras, mistérios, objetos, lembranças e esquecimentos. Tudo aquilo que de tão surpreendente e inspirador foi colocado em uma seção que chamo de estante (feita para mostrar). No capítulo que segue alguns sujeitos se apresentam colecionadores de lembranças e nos mostram seus afetos através do que guardam.

E para dar início a esta escrita trago também os encontros com produções que me inspiraram a pensar estas questões, aqui elas se misturam: um robô colecionador, cestos que são saias, latas que viram pés, carros sem rodas e lambisomens assombrando crianças. Tudo isso é parte deste mundo que se abre na página seguinte. Ficaste interessado? Então vamos lá...

CAPÍTULO 5 – Nas estantes: objetos, brincadeiras e aquilo que disparam.

Se te dessem a missão de coletar objetos. Ou ainda, se a incumbência fosse para que selecionasses da sua coleção o que descartar, o que jogar fora. Diante de tanta diversidade de materiais, das muitas maneiras de se ter a “mesma coisa”, o que te levaria a separar este ou aquele objeto? Uma possível utilidade que a ele estaria embutida? Guardarias o que tivesse maior valor comercial? Pensarias na raridade do material? Ou optarias por ter uma representação de tudo o que estivesse significativamente presente, por ser justamente o comum? Seriam muitas possíveis escolhas e certamente algumas diferentes verdades entrariam em cena.

Agora imagine que tenhas poucas interferências do mundo dos humanos... Desconheces virtudes e costumes... O que te faria escolher? Este ou aquele objeto?

Um robô recebe esta missão na animação cinematográfica intitulada “Wall-e” (2008), ou simplesmente não a recebe, mas assim o faz: armazena, coleta, separa, escolhe objetos que ele sente como importantes. Sente... essa é uma escolha possível também: ressaltar aquilo que se sente como significativo...

Por muito tempo me interessei por esse filme, o qual mostra a saga de um robô produzido com o objetivo de prensar e amontoar o lixo presente no planeta Terra, a fim de deixá-lo habitável. No entanto, parece que somente ele e o tempo ainda mantêm suas funções. E esta personagem passa os dias em meio a aparente monótona tarefa de empilhar entulho.

O filme abrange a questão do excesso de consumo dos humanos em seus últimos dias na Terra e ressalta as conseqüências geradas por esse comportamento. No entanto, o que me salta aos olhos seria a delicadeza desse robô sobrevivente. O que o mantêm “vivo” diante do caos e o que o move?

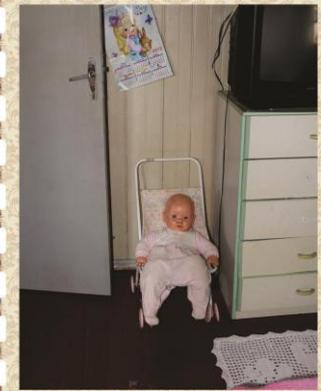
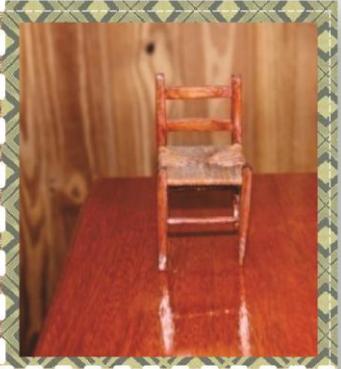
Esta produção cinematográfica traz a ideia de inventário do mundo sob as escolhas de um robô programado, que fugindo às regras vai acumulando objetos em um contêiner, tornando-o seu refúgio. No entanto me impressiona a sutileza das peças que ele armazena, como uma criança curiosa ele guarda utensílios, indiferente a sua utilidade, parecendo amar pequenas coisas: uma barata amiga, algumas músicas que o confortam e um conjunto de objetos por ele selecionados, os quais possibilitaram suas construções e noções de mundo. Algo que os

pesquisadores Ribeiro, Maciel e Costa (2010) - também inspirados pelo filme - afirmam ser uma “dinâmica de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados” (p. 5).

Este personagem se torna muito interessante para esta pesquisa porque além de ser um exemplar colecionador – permitindo-me utilizá-lo como imagem para compreender melhor algumas noções que se dão – “Wall-e” constrói seu próprio mundo e dá significado às coisas que coleciona. Algo que lembra as crianças e, portanto, me permite pensar sobre algumas narrativas de infância que me foram contadas. Isso porque também como “Wall-e”, as crianças possuem uma disposição em construir algo a partir do seu olhar sobre o que tem acesso. E nestes fatos encontro motivos para meu encantamento com esta produção. O olhar do pequeno e sentimental robô sobre as coisas é delicado, como quem se dá àquilo que vê.

Com todo esse contexto, volto a te perguntar: O que escolherias desse mundo se tivesses que guardá-lo em objetos? O que te importa ou representa teu olhar sobre o mundo, sobre um lugar, um ambiente, uma cidade, um *espaçotempo*?

Quando instigados a pensar sobre suas infâncias algumas pessoas logo escancaram lembranças, às vezes secas de objetos, por vezes lotadas deles... Isso as tornaria mais ou menos envolvidas por um lugar? O que os objetos podem dizer sobre nós e nossas relações? Talvez não seja o número de objetos o que importa, mas aquilo que fazemos com eles, o que cabe neles. Algo que Mia Couto (2005) diz “ouvir” das fotografias e que aqui podemos pensar para os objetos: “Nós que escutamos as vozes da foto entramos em contato com os que, mesmo habitando o mundo dos vivos, pertencem ao domínio da ausência” (p. 76). E se transferirmos essa ideia para os objetos, poderíamos seguir até as ausências desses materiais, chegando àquilo que não está fisicamente ali, mas os habitam de outros modos, pois pertencem a outros mundos: invisíveis, particulares, instantâneos ou geracionais, quem sabe. Basta pensar o que faríamos com um antigo caldeirão furado, corroído pelo tempo e pela ferrugem, que esteve esquecido entre o mato em um canto qualquer. Com um recipiente de ferro, que após resgatado, vem adentrando a imaginação de crianças que visitam um sítio e conhecem um pouco de sua história. Por que guardá-lo? A resposta a esta pergunta é um tanto múltipla e percorrer todos os possíveis porquês talvez seja interessante para entendermos as ligações destes sujeitos com o espaço que habitam.



Algumas flores

O quitandeiro Manuel transportava entre seus legumes e verduras um ramo de flores. Escolhia a mais bonita e dizia: “Esta é para a menina.” A menina olhava a flor, tomava-lhe o perfume, não se sentia digna de tanta maravilha e colocava-a num copo, diante do Santo ou levava-a para a professora. (...)

Houve um tempo em que os namorados se comunicavam através de flores: não sei se diriam sempre coisas belas; mas as palavras de que se utilizavam eram rosas, cravos e cravinas, dalias e violetas, um dicionário imenso e colorido, que se dispunha de diferentes modos, como fazem os poetas. Lia-se em flores como, hoje, através do alfabeto. Talvez com essa linguagem poética as pessoas se entendessem melhor. (...)

E em algum lugar do mundo, uma senhora nevoenta, com louros cabelos cor de outono, arma, sobre cetins reluzentes, grandes ramos de folhas secas, flores silvestres, leves e simples, cujas cores antigas apenas se adivinham. Arma esses ramos em grandes quadros; imortaliza essas primaveras em límpidas placas de vidro; e é, na verdade, como se escrevesse com flores, também, não as mensagens diretas e urgentes dos namorados de outros tempos, mas vagos poemas sem data, apenas para alguns leitores, desses poemas que falam de beleza, saudade, alegria, morte, que cada um traz consigo, leva consigo, e pode mesmo ir-se embora do mundo sem recitar nem escrever...

Cecília Meireles (2012, p. 30)

Buscar os objetos ao longo das conversas foi uma escolha, que de certo modo, também foi um presente a essa pesquisa. Isto porque a chegada destes materiais e lembranças ao trabalho foi potente para abrir espaços e arejá-lo. Mas também porque, além de tornar-se um ponto de fuga, é algo que vem me interessando a cada dia mais; e sinto suas seqüelas na minha formação como educadora – agora também observadora e atenta aos objetos.

Aqui nas entrevistas estes artefatos foram mais do que falados. Seus narradores deram a eles vida e história: aos materiais aparentemente inanimados ofereceram a existência, são protagonistas de algumas narrativas; aos seres vivos, como as plantas, as transformaram em balões mágicos que poderiam oferecer o voo; em outros casos os objetos eram inventivos, a ponto de serem apresentados por lembranças com riqueza de detalhes; e houve ainda outros que pareciam ser lançados pelas palavras, sem contexto, sem explicação, fazendo apenas reverberar aquilo que encontraram em cada leitor(a) ou ouvinte.

E é nesse sentido que os objetos se aproximam das flores de Cecília Meireles na crônica que te apresentei acima. Nesse seu texto a escritora conta como as flores podem ganhar a função de palavras: usadas por namorados, por senhores que as escolheram com cuidado, ou ainda por senhoras que querem dizer - e dizem - através da escolha de cada flor. Parece fazer sentido, então, pensar que assim como as flores desta escritora os objetos também são poemas: falam de amor, de alegria e de saudade. Mas falam sem palavras. Numa linguagem que alcança os que os sentem e aqueles que os guardam.

Um objeto apresentado pelo professor Anilton passa por esse caminho de falar de sentimentos sem dizer...

*Anilton: Mas lá em casa eu tenho ainda, né Nete, aquele livro da falecida mãe, que ela fazia a oração. Aquele lá tá comigo... E aquilo lá é uma coisa que é possível resgatar, porque o carrinho eu não tenho mais...*³⁵

(...)

Nete: É um livro, onde ela fazia oração por aquele livro.

Eu: Olha só... então ela toda noite abria e fazia uma oração?

Anilton: Fazia uma oração.

Eu: Mas essa relação da tua mãe com o livro, ela sempre rezava?

Anilton: Tinha o hábito de orar...

³⁵ Ele refere-se a um carrinho, outro objeto presente na entrevista completa.

Dispostos em estantes, sobre bancadas, em frente à cama, ou ao lado dos santos, eles estão visíveis aos olhos. E até a disposição que seus donos os dão apresentam o quanto o ato de guardar se relaciona à vontade de os mostrar, de os enxergar diariamente, para que não se esqueça do que eles guardam – lembrando das palavras de Antônio Cícero. Uma intenção que, segundo Ribeiro, Maciel e Costa (2010), remete-se a vontade de “presentificar a memória” numa luta “contra a dispersão das coisas e do esquecimento” (p. 3).

Cabe ainda pensar na atuação do livro de orações na família do Anilton. Fico me indagando sobre as funções que este aparente simples objeto tem e repercute na vida destas pessoas. E isso desencadeia em outra fala, que neste caso parte do filósofo Jean Baudrillard (2009). Em seu livro “O Sistema dos Objetos” este escritor nos provoca a pensar sobre os materiais que perdem suas funções iniciais por se tornarem afetivos. Para ele a posse “é sempre a de um objeto *abstraido de sua função e relacionado ao indivíduo*” (BAUDRILLARD, 2009, p. 94, grifo do autor). E neste sentido, entendendo que somente possuímos aquilo que de alguma forma nos atravessa.

Essas noções ajudam a pensar sobre os valores que este livro de orações, por exemplo, podem evocar por deixar talvez de servir a algo para representar, quem sabe, um amor, uma saudade, lembranças felizes ou sentimentos difíceis. Baudrillard (2009) estende essa ideia afirmando que estes objetos, abstraídos de seu uso inicial, tomam “um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar “objeto” (p. 94).

A partir das palavras deste sociólogo, recorro que as mesas e muretas da varanda do seu Vava e de Dona Benta aconchegam objetos que os fazem recordar das lembranças que ocupam o espaço em que vivem, as histórias que os antecedem. E incentivados a falar sobre os objetos conversamos:

Vava: Tenho caldeirão...

Benta: Tem chaleira de ferro também ali.

Eu: Mas tu visse muito a tua mãe usando?

Vava: Meu Deus do céu! Pois nós comia polenta e... só naquilo ali. E isso pequeno, desde pequenininho. Aquele caldeirão que eu tenho ali, deve ter o quê? Uns cinqüenta anos ou mais.

Benta: Ah, mais.

[...]

Vava: O que nós não temos assim é sobre brinquedo... de infância mesmo.

Eu: Não, mas o objeto que eu digo pode ser qualquer coisa. Uma coisa que tu olhando lembra da tua infância, sabe...

Vava: Ah, sim! Isso aí é o que eu falo, esse caldeirão eu lembro que minha mãe fazia polenta pra nós. A chaleira... Pega lá Benta, pra nós.

[...]

Vava: Aí quando as crianças vem aqui eu falo pra eles. Sobre a mesma coisa: o pilão também, pilão de socar café...

Eu: Ah. Tá ali é. E esse é de quanto tempo?

Vava: Ele é do tempo ainda dos nossos avós...

Eu: É mesmo? Mas vocês usavam também?

Vava: Nós usávamos.

[A Benta vem chegando trazendo uma chaleira super pesada e o caldeirão]

Benta: Isso aqui nós já levamos até na oficina, mas não conseguiram soldar.

Vava: Isso aí a mãe ainda fez muita polenta, mesmo...

[...]

Eu: Meu Deus, que pesado, já pensou cheio d'água?

Vava: Agora tu vê... Faziam polenta.

Benta: Galinha caipira, tudo. Aí quando vem as crianças da escola fazer trabalho, aí a gente mostra.

Eu: Sim, é legal. E quando tu olha, tu lembra muito da tua mãe?

Vava: Ah, sim. Tudo, né? Na verdade hoje eu moro dentro do que era deles, né... A gente a todo momento... lembra. Porque quem morre... diz que esquece, mas a gente não esquece.

Benta: Ah, falo que é coisa de museu. Deixa aí, as crianças da escola querem fazer trabalho...

Vava: Eu tenho ali uma máquina de debulhar milho que... deve ter assim mais de 70 anos, eu acho. Tenho ali também.

Eu: E desses objetos todos tu achas que tem algum que seja mais a tua infância, mesmo?

Vava: Ah, esse aqui. [o caldeirão]

Benta: Os dois, né?

Vava: Parece que eu to vendo a minha mãe. Quando eu era bem pequenininho, ela pegando uma chaleira disso aí. Ela dizia: “— Ó! Cuidado! Cuidado com essa chaleira aí!”

[...]

Benta: Eu ainda tenho a máquina que era dela. Máquina de mão.

Vava: Isso aí é máquina tocada à mão. Máquina de costurar.

Eu: Sim, sim, sei. Que coisa mais linda.

[A máquina fica também na varanda, sobre uma mesinha, ao lado da estante.]

[...]

Vava: É. Tem gente que não gosta de guardar as coisas antigas, né. Dizem que lugar de coisa antiga é museu.

[risos]

Benta: Ah! Eu tenho uns bordados da tua mãe também, tu queres ver? A tua mãe também bordava muito...

Vava: Tem? Tens ali? Traz pra ela ver...

[...]

Benta: Ó! Ela remendava na mão. Coitada. Olha só o que ela fazia. O trabalho dela. Há quantos anos faz isso!

Benta: Esse é o bordado. Botava a fronha e fazia uma tira. E fazia um lacinho.

Eu: Isso era para os filhos? Isso já era depois já? Pra que época?

Vava: Não. Isso aí, na verdade...

Benta: Era travesseiro de Marcela. Eles usavam. Quando eu casei eles usavam isso aqui.

Vava: Nós íamos pro mato pra pegar Marcela pra fazer o... Você sabe o que é Marcela, não?

Eu: Sim. Eu conheço como chá, né?

Benta: Isso. Aí enchiam e botavam num pano pra fazer travesseiro pra dormir. E o bordado é diferente um do outro, tá vendo, ó.

Eu: Que bonitinho...

Vava: E isso aí era tudo feito à mão e ela fazia mais era nas horas vagas.

Benta: Ela fazia à noite no serão, né?

Vava: Porque antigamente a mulherada trabalhava na roça com os homens também, né?

Eu: Não sei como dava conta de fazer tudo isso, né? Cuidava dos filhos...

Vava: E tinha que dá assistência pros velhinhos a noite ainda...

Eu: Meu Deus!

Benta: As crianças de escola faziam muito trabalho, por isso eu guardo as coisas.

Eu: Ah! Muito bonito! Obrigada por ter lembrado. E a Senhora vai ajudando a guardar tudo. Porque também é um trabalho manter tudo, né?

Benta: É!

Vava: Esse também é o nosso passado. Nosso passado foi esse aí.

Este trecho avança para além dos demais por trazer um contexto sobre essa paisagem que nos encharca de sensações. E como lhe falar sobre coleções sem apresentar esta conversa? “É na coleção que triunfa esse empreendimento apaixonado de posse, nela que a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia, discurso inconsciente e triunfal” (BAUDRILLARD, 2009, p. 95).

Neste caso, mesmo sem entenderem-se como colecionadores, este senhor e esta senhora agem exercendo tal função, pois são “representantes e interlocutores a presentificar a memória de um grupo e que lutam contra a dispersão das coisas e do esquecimento” (RIBEIRO; MACIEL; COSTA, 2010, p. 6). Uma tarefa digna de respeito e reconhecimento demonstrado e recompensado pelas visitas frequentes dos estudantes.

Do mesmo modo, posso também ligar essas ideias às bonecas que ocupam as estantes da Cristiana e de sua filha. Não sendo usadas para brincar, elas “vivem” para enfeitar o espaço, dispostas para que todos vejam. Assim percebo que as bonecas contam histórias, pois iluminam e trazem à tona os desejos de sua infância, os quais parecem ancorados em cada vestido, braços e pernas que habitam as prateleiras do quarto.

Já te apresentei o momento que a Cristiana nos conta seu desejo de ter uma boneca na infância³⁶. Mais tarde ela volta a falar destes brinquedos que tanto contam sobre suas importâncias de criança.

Eu: Tá, então, o objeto eu vou deixar pra bater umas fotos depois, dessa tua boneca.

Cristiana: Não é minha. É da Jéssica...

Eu: É, eu sei. Mas tava doida pra comprar uma boneca pra ti...

[risos]

C: É. Ela nasceu em junho, né? Em outubro, no dia das crianças eu falei com o Fábio e pedi pra ele comprar essa boneca. Aí ele comprou um anjinho do Gugu, assim que saiu, que falava. Aí em dezembro, no Natal eu dei.

[risos]

Eu: Não era essa que eu queria, né?

[silêncio]

Eu: Aqui diz: quais as lembranças que dispararam em você quando você lembra do objeto?

C: Não, mas eu tinha um bonecão daquele, que era como se fosse uma boneca dessa...

³⁶ Página 77.

Eu: Era a mesma coisa, né?

C: Era a mesma coisa... Só não tinha o cabelo, né. E a borracha era diferente. Era de plástico, não de borracha. Mas, Meu Deus, pra mim... Não mexia o olho nem nada, porque aquele bonecão era... mas era como se fosse. Custei pra ganhar, já era grandinha quando eu ganhei.

Eu: E brincasse um monte ainda...

C: Brinquei um monte ainda... Eu lembro assim, que na época que eles começaram a ganhar, a mãe tinha uma mesinha pequena, alta e embaixo tinha uma prateleirinha. Aí ela mandava a gente colocar um pratinho, com capim e esperar o Papai Noel. Aí eu coloquei e meu irmão colocou. Meu irmão ganhou um caminhão e eu ganhei um ferrinho de passar roupa de plástico e uma índia. Era uma bonequinha como se fosse uma índia.

Eu: Ah. Que legal...

C: Mas não era o bonecão...

Eu: Não gostasse da índia?

C: Gostei, porque ela tinha cabelo...

[risos]

C: Eu fazia penteado nela. Ela veio com um vestidinho, daí eu comecei a trocar a roupa, né?

As bonecas, no caso desta narradora, são objetos que em determinado momento mostram-se como protagonistas das histórias de vida contadas, e assim como o livro de orações, ou os objetos do casal anterior, também indicam ter recebido outra função atualmente. No entanto me parece interessante pensar sobre esta história contada pela mesma professora de educação infantil, provocando-nos a desconstruir de certa forma uma concepção de objeto...

Eu: Mas brincava mais sozinha, ou brincava com as crianças?

C: Brincava com as crianças. Não até tarde. Porque na minha infância mesmo, quando eu era menor, eu brincava mais no final de semana. Porque durante a semana eu estudava a tarde, chegava em casa cinco horas, cinco e pouco, aí tomava café. No verão brincava até mais tarde. Aí brincava ali no quintal de uma vizinha nossa. Que era tudo aberto... Então a gente se reunia ali e brincava até umas oito horas da noite. Aí depois das oito todo mundo ia pra casa, chegava em casa era pra cama. Aí no inverno não, aí no inverno era pra brincar de escolinha...

Eu: Dentro de casa. Mas tinha mais alguma amiguinha?

C: Tinha, tinha. Em casa não. Em casa era muito sozinha, porque era a noite né. Mas final de semana era cheio de amiga...

Eu: Ah! Imagino.

C: A gente brincava de tudo, né. Final de semana não ficava ninguém em casa. Todo mundo brincava. Era sempre assim... nunca espalhado. Era pega-pega, né. Menino e menina misturado, não era só meninas. Era pega-pega. De super amigos. Daí cada um virava um personagem... E tinha ali, em cima de onde minha amiga mora ainda, tinha um pé de pitanga e embaixo tinha um valo.

Eu: Meu Deus.

C: Mas esse valo assim, não era... ativo. Ficava bem na ponta do barranco virado para baixo. A gente subia ali e ficava brincando como se fosse o balão mágico.

Eu: Ah!

C: Ali era o nosso balão. [risos] Disso eu não esqueço, que engraçado, né?

Eu: E ta lá o pé de pitanga?

C: Não. Não porque eles construíram no terreno de cima então...

Eu: Ah!

C: Mas eu olho assim, pra aquele pé... eu olho pra um pé de pitanga e lembro do que a gente fazia. E a irmã dela mais velha limpava tudo aquilo ali. Aí a gente sacudia, caía folha... Meu Deus, ela xingava tanto, xingava tanto...

Eu: Ah, porque tinha que tirar as folhas?

C: Porque tinha que tirar as folhas que caíam, é. Nós não podíamos nem pisar assim na areia quando ela varria, que era para não marcar o pé.

Eu: Porque era a casa de alguém ali?

C: Era a casa deles. Ela tinha um monte de irmãos. E a mais velha mesmo era fanática por limpeza. Eles pegavam o areão da praia e colocavam no terreiro, né, pra ficar... aí ela varria e ficava bem bonitinho, bem lisinho. Se a gente pisasse ficava a marca dos pés, ficava a vala e ela não gostava.

[risos]

Como já havia afirmado anteriormente, nas invenções das crianças não se diferencia objetos de plantas, a imaginação pode tudo e permite que conceitos fiquem de lado, dando lugar a criação e às afetividades.



As crianças tem uma inclinação particular de criar, elas mesmas, o seu próprio mundo de coisas, “um pequeno mundo num grande mundo”. Isso se dá porque elas não reconstituem simplesmente as obras do adulto, mas estabelecem relações com os dejetos (o lixo da história), diante dos quais criam relações mútuas, renovadas e modificadoras. Mas ainda, a fantasia das crianças anula a diferença entre as coisas inanimadas e o mundo dos seres vivos. (PIACENTINI, 1995, p. 295)

De uma árvore que possibilita voos, pouso agora na entrevista da Santana, no momento que esta fala da cadeirinha que guarda sobre a cômoda³⁷. E por toda carga afetiva e emocional que seu objeto aciona, ela vem sendo cuidada, guardada e contada. Assim lhe é atribuído um valor que através de Baudrillard (2009) compreendo que se justifica por estes objetos fazerem parte de uma categoria marginal, por serem singulares, respondendo a uma ordem que aciona o testemunho, a lembrança e a nostalgia.

Logo em seguida a este trecho já apresentado, esta contadora fala da sua avó e depois vaga por lembranças de outros brinquedos que a materialidade da cadeira parece acionar...

Santana: Nossa! Isso aqui [a cadeirinha] marcou muito, bastante. E outra coisa é que como eu... até comentei contigo: Que tinha uma época que a gente não tinha boneca. Não tinha condições mesmo. Então o meu brinquedo, assim... tinha uma fase que era: enrolava um tapete... não sei se a mãe lembra disso: eu enrolava um tapete de cozinha e fazia uma boneca. [Mostrando a brincadeira com os braços]

Eu: Ah! E ficava brincando... Como a gente tem a necessidade da boneca, né?

S.: Ah, sim.

Depois, claro, comecei a ficar maior e comecei a ganhar e tinha um amigo...

Mãe: A mãe deu uma boneca pra ela.

Eu: E essa época do tapete tinhas quantos anos tu achas?

S.: Ah... Essa época do tapete eu deveria ter uns seis anos, cinco anos.

Aí, depois veio um senhor da Caeira, que até hoje a gente se dá super bem e ele gostava muito de mim. Daí ele deu boneca... Volta e meia ele dava

³⁷ Páginas 58 e 59.

presentes assim, pra mim. Mas até então era mais isso. Isso aqui era o meu xodó [segurando a cadeirinha da bisa].

No entanto outras história me foram contadas tendo como disparo os próprios objetos destas gentes. Portanto te deixo com essas imagens e depois voltamos a conversar...

Eu: Agora vamos ver o Careca... Já pensasse em um objeto nesse tempo?

Anilton: Pela dificuldade, hoje eu não tenho mais. Eu até pouco tempo tinha, até o primeiro, o Guilherme. Um carrinho. O pai me deu esse carrinho em três Natal.

Um carrinho amarelo. É porque dinheiro não tinha pra me dar presente, ele me deu uma caminhonete toda amarelinha. Aquilo ali eu brincava dia e noite, ela era toda de madeira. Até assim... eu não sei onde é que tá ela... sumiu aquela caminhonetezinha...

Eu; Ah, que pena..

A: Mas ela era toda de madeira.

Eu: Mas porque três Natal? Eu não entendi isso.

A: É porque ele deu o mesmo carrinho em três natal.

Eu: Ah, sério. Ele empacotava e dava de novo?

Nete: Ah. E tu achas que eu não fiz isso com o Guilherme?

A: E aconteceu de novo com nós. As dificuldades tu vai...

[...] Então ó, esse carrinho o pai me deu três vezes no natal. E a gente, meu Deus, recebia com alegria. Tudo tava bom.

Eu: Recebia com alegria? Imagina...

C: Hoje eles não recebem, eles pedem o presente.

Eu: Me conta desse brinquedo então... era uma caminhonete...

C: Era uma caminhonetezinha toda de madeira, toda de madeira.

Como se fosse... ah, agora...

N: Um caminhão, Careca

C: Não era um caminhão.

N: Tipo uma caçamba.

Eu: Uma caçamba?

C: Não. Não era uma caçamba também.

N: Tinha cerquinha, né?

C: Tinha cerquinha... era uma caminhonetezinha... Ela era toda amarelinha. Eu lembro bem assim. Aí as vezes quando ficava velhinha nós pintava. Pintava e ficava novinha de novo...

Eu: E onde é que tu brincavas com ela?

C: Ah. Era brincadeira de fazer aquelas estradinhas... Aí fazia certinho... o caminho. Meu Deus. E eu brincava com essa caminhonete... já era

grande, tinha uns dez anos, onze anos, doze anos e brincava com a caminhonete ainda. E a caminhonete ficava ali e nós brincava direto...

Entendo que muitas questões já discutidas nesse texto nos ajudam a pensar sobre essa narrativa e identificar em cada frase contextos para criarmos o mundo dessas crianças. Aqui os costumes parecem ganhar magia e há sofrimento por traz daquilo que chamamos, por vezes, de simplicidade. Há dor na ausência de objetos. Muitos se queixam da falta de tê-los. E as crianças respondem com a invenção de mundos, brinquedos e brincadeiras.

E é o Senhor Vava e Dona Benta que me ajudam agora a te mostrar o modo como os objetos e as brincadeiras contam sobre um lugar...

Benta: E eu lembro também que naquele tempo todo mundo fazia carrinho de calha de bananeira.

Vava: É o que eu já falei, já falei isso pra ela...

Benta: Fazia o carrinho de calha, depois cortava, fazia mais fininho. Da folha de bananeira fazia dois boizinho, botava um galhinho de...

Vava: ...pau

Benta: De pau, e da mesma bananeira botava um pedacinho e dizia que era a cangazinha.

Vava: Cachorro! Nós cangava junta de cachorro também. Eu lembro, fazia isso quando era criança. Fazia com dois cachorros, cangava também.

Eu: Cangava?

Vava: É cangava. Colocava na canga! A canga é aquilo lá, ó. Tá vendo do carro de boi ali, tá ne?

Benta: Lá que é a canga.

Eu: Sim, sim.

Benta: Tem gente aí que não sabe o quê que é...

Vava: Eu tenho um carro de boi ainda, eu.

[...]

Eu: Mas a canga que tu diz é a parte onde prende o boi mesmo.

Benta: É! É! É o franzino ali, é.

Eu: Então vocês faziam o carro de boi de bananeira...

Vava: porque os nossos pais não tinham dinheiro pra comprar brinquedo pra nós. Nós não tinha, nós... Era muita pobreza...

Não são somente eles que me contam brinquedos que inventavam. Deves lembrar que em outro momento, durante a apresentação do Senhor Alix, este também nos descreve um barco que



os meninos faziam na beira da praia para brincarem em dia de vento sul. Barcos feitos também da folha da bananeira, chamados por eles de *iola*, e que me parece ser para este senhor o seu objeto afetivo.

Benjamin (2002) fala dessa atração das crianças pelos detritos, o que venho destacando nesta dissertação, chamando-os de rejeitos. Segundo ele as crianças “estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente” (p. 104).

É também o Sr. Vava, mais uma vez, que nos traz narrativas sobre os modos das crianças viviam e sentiam o lugar:

Vava: Chegava no outro dia tava lá, né, aquele pequeno presentinho que meu pai conseguia comprar...

Eu: Lembra de algum presente?

Vava: É. No mais quando nós ganhava era o carrinho, mas muito pequininho. Carrinho que as vezes até roda não tinha. Pegava aquelas rodas... fazia aquele monte de areia, porque aqui era areias³⁸ mesmo, tinha muita areia, né. Nós fazia aquele monte de areia e brincava com aqueles carrinhos. Isso foi a nossa maior juventude que nós passava. Brincava também de cozinhadinho, de cozinhar com as meninas, né. Brincava de esconder, como já falei.. bater lata também...

Eu: O bater lata como é que é?

Vava: O bate lata é o seguinte. Você deixa uma lata no terreiro e alguém fica com uma vara na mão e aí a turma que tá ao redor vão se esconder. Daqui a pouco... de repente você sai correndo de lá e consegue pegar a lata e jogar fora, mas às vezes a pessoa que tá ali ao redor procurando você, procurando onde você tá, chega na lata primeiro que você, aí ele bate: Tum Tum Tum [ele faz as batidas na mesa]Bateu na lata. Você não conseguiu pegar a lata, tá?

Eu: Ah!

Vava: E se ela conseguiu chegar primeiro na lata que você, quem pegava a lata joga ela fora.

Eu: Que legal. É tipo um esconde-esconde, mas com a lata ali que ajuda a...

Vava: Exatamente. O bate-lata.

Eu: Que legal. Todo mundo fala, mas até então eu não tinha me... não tinha perguntado...

³⁸ Aqui o Sr. Vava faz uma relação da quantidade de areia no local com o nome do Bairro: Areias de Baixo.

Essas imagens têm o poder de emocionar aqueles que se entregam a elas... O carro sem rodas, a areia nos rostos, pés e mãos, a lata no meio do terreiro, a lata jogada no mato, a lata amassada... Tudo aquilo que parecia não ter vida, aqui ganha espaço e vira protagonista. A partir dessas paisagens penso nas criações e nas práticas formais e informais que estas brincadeiras parecem ensinar. Também vejo os objetos atuando e mostrando-se um tanto diferentes daqueles que eu imaginava encontrar. Por isso tão importante é o olhar atento... Perceber para além dos pontos já destacados, que os objetos trazem cenas interessantes e potentes por relacionarem estas “ex-crianças” ao ambiente e seus modos intensos de se relacionarem com Governador Celso Ramos. Isso porque através da imaginação e das brincadeiras inventadas eles parecem compreender, sentir e interagir com os seres do lugar.

É Benjamin (2002) quem diz: “ninguém é mais casto em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras” (p. 92).

Benta: Eu só lembro que as nossas bonecas era soca de milho...

Vava: É? Boneca.

Benta: Daí as soca de milho mais clarinha a gente dizia que era cabelo galego.

Eu: Ah, é? E quando tá mais escurinho...

Vava: Sabe o milho quando tá botando a espiga, né? Ele põe junto o cabelo também, da espiga, né? Aí eles apanhavam, as crianças, as meninas, e faziam boneca daquilo dali.

Benta: Fazia de pano também, essas bonequinhas de pano. Também enchia de Marcela dentro, fazia as roupinha, e fazia as bonequinha de pano. Era assim. A gente não tinha brinquedo... A primeira vez quando tive um brinquedinho foi de plástico, quando começou a vim bonequinho de plástico todo peladinho, com mamadeirinha.

Eu: Mas isso já era...

Benta: Aí nós já tava com 10 anos por aí, começou a vim...

Eu: Ah, é?

Benta: Mas assim de primeiro, muito difícil.

Os brinquedos oferecem, durante muitas conversas, matéria rica para pensarmos na profundidade das ligações destes personagens com seus ambientes de infância. Esta é uma questão que aparece em

diferentes momentos. Em um trecho, por exemplo, é a lata e as brincadeiras que dela se soltam que o Sr. Vava conta seu lugar.

Aos possuir os objetos, as crianças dão outros sentidos. O que nos remete, por exemplo, ao uso que a Santana dava aos tapetes, transformando-os em bonecas. Nesse caminho, a professora Cristiana nos oferece mais uma história: ao falar sobre o lixo que as pessoas lançavam no canal que atravessa seu mundo³⁹, ela ressalta...

Cristiana: Aí eles foram construir o canal [...] e alargaram... Porque também enchia muito, né?

Eu: Agora não enche tanto?

C: Não, mas teve uma época que encheu. Lá em cima ainda, quem vai lá pro Poço Frio. Era tudo aberto, né, aquilo ali. Agora que eles tamparam... aumentaram e tamparam. Mas o pessoal colocava muito lixo lá em cima. Eles tamparam a geral do canal, mas quem vai lá pra cima, pro poço frio, e quem morava lá pra cima era tudo aberto. Era como se fosse um rio aberto. Eles não tinham feito o canal de pedra ainda. Aí eles construíam aquelas pontezinhas de madeira, pro pessoal atravessar, né, de um lado pro outro. Então eles colocavam muito lixo. Eu lembro que nós... eu catava lixo assim ó: pra fazer loucinha.

Eu: Encontrava coisas, assim... embalagens, tu diz...

C: Porque eu, graças a Deus, eu ganhava loucinha. Mas tinha criança que não ganhava.

Eu: Sim, ou até porque achava alguma coisa que via...

C: Tinha isso, né? Lavava e brincava...

O lixo lançado no rio é uma questão importante e evidente na sua fala. No entanto me interessa principalmente por aquilo que parece se esconder... São os restos que ganham vida e transformam-se em outras coisas, constituídas de um poder de ser mais, talvez por comumente não ser mais nada: ex-potes que viram brinquedos. E resalto que, em meio a ações desastrosas, somente os rejeitos-brinquedos são identificados pelo olhar dessa criança.

Neste momento relaciono estes objetos-rejeitos aos restos que fala Ana Godoy (2012). A pesquisadora traz noções que me foram muito valiosas durante a escrita desta pesquisa por fazer ressaltar aquilo que poderia ficar como sobra, por fugir do comum. No entanto são esses

³⁹ Um antigo rio, agora canalizado, que atravessa o bairro de Ganchos do Meio e recebe os rejeitos líquidos de boa parte daquela população.

aparentes desvios, que trouxeram algo interessante para se pensar. Para ela “é o resto que excede e sem o resto não se inventa nada” (p.214).

Principalmente numa pesquisa dentro das ciências biológicas, os pontos fora dos gráficos são vistos como anomalias, desvios, erros. E nos dizem: “Deixe as sobras.” No entanto neste trabalho só vejo riquezas nestes restos. Essas sujeiras são aqui potências. Assim como a sujeira que vaga no fundo do mar, que ao penetrar no interior de uma concha ganham um brilho nacarado, transformando-se em preciosas pérolas... Desejo que sejamos conchas amorosas e nacaradas, trazendo as cores do mar e da vida para um grão qualquer. Para tal há esforço, dedicação, somos recompensados pelo transformar...

Cristiana continua a falar do canal e dá diferentes vidas para as também conhecidas latas...

Cristiana: Por muito tempo... Porque o canal não tinha aquela largura ali, era mais estreito. E quando chovia enchia muito, muito... Só que nunca chegou a entrar água na nossa casa, né. Mas o canal transbordava. Aí ele ficava limpinho, entende. Ficava limpinho, dava de ver o fundo de pedra. Aí a gente entrava ali dentro, pegava piavinha. Aí entrava dentro do canal...

Eu: É mesmo?

C: Depois, quando ele começava a ficar sujo a gente brincava de fazer aquele pé de lata.

Para atravessar e andar dentro.

Eu: É mesmo?

C: Aquela lata, né. Pegava e andava com aquilo. Até porque aquilo fazia barulhinho: tok tok tok... [ela imita o som com os pés] Que era pedra, né, no fundo...

[silêncio]

Brincava de circo... parreira de uva era o circo...

Eu: Parreira de uva?

C: Parreira de uva, nós fazia com coisa embaixo e brincava de circo. Coisa boa, Meu Deus. Eu aproveitei muito...

As imagens de pedaços finos de latão ganhando outros sentidos, funções e conotações têm espaço nas narrativas destes sujeitos e salientam ainda mais esse desejo e essa paixão que eles mencionam sobre o seu fazer. Percebo o quanto as relações que estabelecemos com os objetos tem se modificado nas últimas décadas. Estamos diante de uma saturação de artefatos que impede, muitas vezes, a imaginação. E nas palavras de Benjamin (2002), assim como nas falas dos entrevistados vejo que há na lembrança as marcas dos artefatos que, por

terem sido criados e produzidos pelas crianças, parecem receber um lugar especial como memória.

Santana: Eee... E não, a minha infância foi toda aqui, brincando mesmo. Inventando casinha... A gente fazia casinha de... montava com madeira, ou botava plástico. Fazia telhado. Brincava com comidinha mesmo. Pegava comida de casa e levava pra lá e fingia fazer, assim né. Montava lá, parecia... aquelas lonas de índio, sabe?

Eu: Aham. E era sempre aqui na rua, nas casas né?

S.: Nas casas.

Eu: Mais nas casas.

S.: Sim, mas era mais aqui no nosso quintal mesmo. Às vezes na casa de uma ou de outra. Mas na maioria a gente se concentrava e vinha brincar aqui no quintal de casa. né, mãe? Sempre foi assim, né? A Valéria, a Sandra...

Eu: Tem muita gente da tua idade aqui?

S.: Muito, muito, muito.

Mãe: Tem, tem.

S.: Aí também, brincava de bater lata à noite. Daí a noite a gente ficava na estrada, daí era mais na estrada e se escondia nos quintais mais próximos. Ah. Daí era uma turma... assim, meninos e meninas...

Logo ela comenta mais sobre suas brincadeiras e brinquedos...

S.: A gente pegava as caixas de... na época as caixas de cerveja que vinham... meu tio tinha uma venda. Eram de madeira e nós colocávamos uma atrás da outra e fazíamos uma moto. Fazia o guidon e fazíamos uma moto. “Ah, nós vamos em tal lugar” Daí fazíamos duas ou três motos...

[Risos]

É, nós brincávamos de casinha. Era casinha e depois saíamos pra passear de carro. A gente inventava carrinho de... Colocava o fundo de madeira e tentava colocar a rodinha. Sentava e colocava roda. Na época se usava muito a lata de azeite, né? O óleo hoje é em plástico, mas antes era em lata. Aí colocavam, pensando em empurrar com aquela roda. Mas como, né? Não tinha experiência nenhuma, caía a roda e ficava nós em cima da madeira sentada.

[Risos]

Ai meu Deus do Céu!

Eu: Mas é pouco bom, né?

A imaginação presente traz uma alegria para a sua fala. E aqui ressaltou o quanto o inventar está ligado ao prazer. Pensando sobre essas

criações retomo uma noção de brinquedo que Benjamin (2002) já afirmava em 1928:

Hoje talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. (p. 93)

Comumente o que fazemos é interpretar como adultos, ao nosso modo, aquilo que a criança deseja. E me sinto inebriada pelo esforço de encorajar outros para que percebam e promovam um exercício de abstrair-se e deixar que cada criança ou ex-criança possa produzir seus brinquedos, suas brincadeiras, suas histórias, seus contos e fábulas.

Outras histórias compartilhadas pela Cristiana ressaltam brincadeiras daquele tempo...

Cristiana: De tudo a gente brincava. De tudo quanto é tradição a gente fazia as nossas brincadeiras. Festa do espírito santo, a gente brincava...

Eu: É?

C: A gente pegava o balaio e destruía os balaios do vô. O vô tinha plantação de... então a gente tirava o fundo do balaio, que era velho, e eles usavam na plantinha, pra proteger a plantinha pra crescer, né? Eu ia lá, a gente pegava aqueles arquinhos assim, a gente usava de sala. A gente pegava vestido que era mais larguinho pra fazer como se fosse vestido de festa. A gente criava coroa, colocava na cabeça e brincava. Pegava pano velho e fazia é...

Eu: Ahhh... vocês imitavam a festa...

C: Aham. Imitava a festa. Aquela festa, aquela procissão de... que enfeita a rua.... de corpus Christi.

Eu: Ah, sim sim.

C: A gente... a procissão passava e a gente ajudava a enfeitar a rua. Depois que acabava a gente pegava um saquinho, colocava cada coisa num saquinho e ia brincar no meio da rua. Não no meio da rua onde passava o carro, mas no quintal né, que era tudo aberto... Então a gente fazia a nossa brincadeira ali... Tudo, tudo... a gente fazia, né?

Eu: Sim, imitando a festa... De navegantes, imitava...

C: Na páscoa a gente brincava de cozinhadinho. A gente fazia cozinhadinho. Cozinjava mesmo.

Eu: Mas de verdade, ou...

C: De verdade mesmo. Mas aí as mães ajudavam, né. Aí na casa onde fosse a mãe ajudava, assim.

Eu: Ah, legal. Mas aí eram mais as meninas que participavam?

C: Era mais as meninas que participavam...

Eu: Que legal, né? Mas é interessante como a gente vai aprendendo quando criança e replicando...

C: No morro a gente brincava assim ó, de fazer cabana... A gente tinha a nossa casinha lá no morro. A gente levava plástico, papelão e a gente abria aquele valo, né, da chuva, no morro. Eu lembro que lá da casa da mãe dava par ver lá pra cima. Daí a gente levava as loucinhas e brincava. Tampava, fechava com galho de árvore que caía, ou então a gente pegava mesmo e tampava, para gente brincar.

Eu: Lá em cima, no morro mesmo...

C: Lá em cima, no mato. Pegava aquelas calhas e saía correndo lá no morro. Goiaba, a gente comia muito assim, goiaba, pitanga, jabuticaba, jambolão. Na época de jambolão a gente ia pro mato pegar.

Alguns costumes e hábitos do lugar são destacados pela narradora como brincadeiras que o ato de viver o lugar a proporcionava. E Benjamin (2002) em “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação”, além de nos ensinar tratando os brinquedos como um diálogo da criança e a sociedade, também ressalta que estas brincadeiras estão para além da imitação dos modelos vistos em Governador Celso Ramos. Este filósofo já dizia em 1928 que: “a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (p. 102)

Para ele, “o hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira”(p. 102). E pensando dessa forma ele completa que os hábitos “são formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade”(p. 102) Algo que, portanto, traz a noção e nos possibilita entender algumas tentativas e iniciativas cíclicas de se manter, reativar ou reconstruir algumas festas ou eventos tradicionais, como a festa do divino, ou a farra do boi, por exemplo.

Vava: Isso aí foi o nosso passado, né. Era pegar peixe ou camarão lá no rio com a peneira, ou com o anzol também, claro. E... as nossas brincadeiras seriam mais isso aí...

Eu: Mais isso aí...

Vava: Brincar de boi. Laçar boi.

Eu: Laçar o boi?

Vava: É. Nós laçava, nós pegava, fazia um tipo de uma cabeça de boi, que seja, e saía... Um laçava o outro. Cangava um com o outro. Botava uma... uma canga de pau. A gente fazia assim, um puxava de um lado e um de outro. Botava arrasto... essa era as brincadeiras...

Eu: Essa coisa de brincar de boi. Vocês botavam a cabeça do boi em uma criança, isso? Era um amigo?

Vava: É! Às vezes pegavo... Não que botava na criança, mas pegava na mão e ia assim. Ai toreava... [ele faz os movimentos, como se uma criança segurasse com a mão uma cabeça em frente ao corpo e fazia movimentos circulares e movia o corpo também, como numa dança]

Outra coisa que eu me lembro também, parece que to vendo hoje... Uma vez nós fomos colocar uma roça pra nós. Nós era bem, bem pequenininho mesmo, então nós roçava com o próprio pedaço de pau. Nós pegava o pedaço de pau que fazia a foice e ficava roçando a roça. Isso nunca me sai da memória...

De fato há gostos que nos remetem a lembranças, fazendo com que eternamente possamos nos alimentar e receber em troca pitadas de felicidade. Como o próprio filósofo alemão afirma: “toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno.” (BENJAMIN, 2002, p. 101) O que justifica um desejo permanente da criança em repetir incansavelmente aquilo que lhe agrada. Esses sentimentos podem ser uma resposta para a tentativa de manutenção de costumes, mesmo reconhecendo que estes entram em choque e se reconstroem na aproximação com outros valores mais presentes na contemporaneidade.

Dentro deste contexto, reconheço que meus afetos relacionados a esse *espaçotempo* da infância são acionados quando entro descalça em um barco a remo, por exemplo. Esta sensação me provoca, aciona imagens da minha infância para além do contato com peixes, siris, algas ou o mar: há pessoas que habitam estas lembranças e as fazem... São sensações que, de certa forma, revivem nestes momentos.

Em um dia de sol eu estava na praia brincando com minhas primas e meu vô ficou perto de nós arrumando o barquinho para sair em busca de siris. Eu não me lembro de ter saído longe assim num barco antes disso. Fui convidada, e sem perder tempo corri para dentro do barco a remo. Ele nos levou para fora, depois do costão e de frente para a Ilha de Anhatomirim. Ficamos lá algumas horas, sem conversar quase

nada... Ele remava e parava o barco ao lado das cocas e eu puxava a corda e colocava a armadilha para dentro. Meu vô tirava os síris, recolocava as iscas e eu lançava no mar. Vez ou outra ele chitava dizendo que eu precisava puxar mais rápido, e só uma vez vi um síri saindo enquanto eu puxava a linha... O mar estava agitado no costão e em um momento ele perdeu o controle e as ondas nos jogaram para cima de uma pedra. O barco ficou suspenso no ar por alguns segundos e o tempo foi suficiente para que eu escutasse ele pronunciando alguns palavões e visse ele me olhando com seus olhos de espanto. Passado o susto ele me perguntou se eu sabia nadar. E eu, com a coragem dos meus sete ou oito anos, disse confiante: Sim!

Neste sentido, dentre tantas possíveis respostas para a imitação, destaco o desejo eminente de sentir mais uma vez aquela primeira sensação da descoberta, do primeiro gosto, daquela diversão inicial. Por isso mantemos nossas histórias vinculadas àqueles sabores, cheiros e sensações de outrora. Momentos de lazer que querem ser repetidos. Comportamentos que ao serem recriados nos transportam para espaços reconhecidos. Como afetações que a repetição nos suscita, nos reaproxima, nos proporciona...

Caminhando por essas narrativas constatamos que os pequenos fazem parte de um contexto que se redesenha diariamente: nos costumes, ações, informações e conselhos que se dão no cotidiano. E assim eu te apresento uma linda narrativa do Sr. Alix:

Eu: Tem alguma coisa que aconteceu, além da farra que o senhor falou, que marcou bastante? Mais alguma coisa assim? Por que quando eu ouço o senhor falando do cuidado que estava tendo com os peixes lá em Laguna. Do cuidado que teve ... Parece que alguma coisa que aconteceu lá na infância fez marcar, assim: um cuidado com a natureza, ou não? O senhor acha que aconteceu alguma coisa?

A: Não, não tenho essa lembrança.

Eu: Não?

A: Não.

Eu: É porque era a harmonia mesmo que tinha lá, né?

A: Eu lembro que, que me marcou. Acho que...

[Nesse momento ele fez uma expressão como se não fosse necessário...]

Eu: Pode falar, Sr. Alix. Pode falar...

A: Foi uma surra que eu levei do meu pai.

Eu: É mesmo?

[E nesse momento eu ri, mas no mesmo momento percebi que aquela risada não foi muito feliz, pois apesar dele rir junto comigo, senti algo de pesado no ar. Como um sentimento reprimido de dor]

A: É. Nós morávamos numa casa lá, e na frente da casa tinha doze guarapuvu. Aquele da madeira com aquelas flores amarelas... e ali tinha uns bem-te-vis que faziam ninho ali... Eeee... então o bem-te-vi, eu gurizote, o bem-te-vi cantava “Bem-te-vi” e eu também de cá gritava “Bem-te-vi” e nesse instante ia passando um cidadão que tinha o apelido de Tico-tico... Apelido de Tico-tico. Mas eu tava falando com o Bem-te-vi, não era com o Tico-tico. Então, mas ele cantava lá “Bem-te-vi” e tinha uma... umas calçadas assim... “Bem-te-vi”, “Bem-te-vi”, e ele ia passando. E eu vi, escutei ele dizer: “Eu vou falar pro teu pai, seu cachorro”. Mas... Minha mãe tava presente.... “Bem-te-vi” “Bem-te-vi”. Aquele euforia de guri, né. Eu sei que quando eu cheguei em casa... O pai chegou era mais ou menos uma hora da tarde. Minha mãe botou o almoço. Naquele tempo não tinha mesa, não. Era uma esteira assim, cada um botou seu pratinho ali e ele já chegou, tirou a cinta... e me deu uma surra. Me deu uma surra! Minha mãe chorou.... Aí ele, aí o cara que deu a queixa entrou dentro de casa: “Não faça isso com seu filho!” “O, seu cachorro, mas tu fosse dá queixa!” Naquele tempo era a queixa... E isso aí me doeu muitos anos... Então.

Eu: Mas pelo seu pai? Por não ter chego e conversado?

A: Não é que... minha mãe: “Não, ele não mexeu com ele, não fez nada.” Eu tava ali brincando, ele lá e eu aqui. Só isso que aconteceu. Mas ele era nervoso de certo. Queria dar o exemplo... Mas bem-dita a mão que me bateu!

Eu: É?

A: Ele foi rígido, mas amoroso. Só que. Eu nem era de escola. Entrava na escola naquela época, quem ia pra escola com oito anos.

Eu: Olha só, era mais novo ainda. Pequeninho... Imagina!

Mais uma vez são as brincadeiras que trazem tantas boas histórias... Essa conta sobre um ambiente, sobre as relações que se deram entre os animais, as plantas, os hábitos, as pessoas. Disparando a outros espaços, falando sobre dores, lembrando de amores...

Por isso os brinquedos e brincadeiras apresentados podem ser pensados também como pontes que nos mostram as relações que envolvem as crianças na comunidade.

Vava: Uma coisa que eu recordo muito, não sei se tu já ouviu falar também em Lambisomem, né? Lambisomem. Eles metiam medo em nós...

Eu: É mesmo? Metiam medo mesmo?

Vava: É, diziam que tinha Lambisomem, sei lá.

Eu: E como era assim, eles contavam pras crianças? Quem contava?

Vava: Eles contavam, né. Mas outros já diziam que era a própria pessoa, que fazia pra meter medo nos outros, né? O que eu acho que era mesmo...

Eu: Mas chegasse a ver alguma coisa, assim. Alguém brincando com alguém...

Vava: Eu não... Eu nunca vi não. Mas naquela época assim, as pessoas se escondiam debaixo dos lençol branco. Inclusive tinha um homem que morava aqui... O seu Antônio da Merinda. [...]

Vava: E... e eles se metiam embaixo dos lençol pra meter medo nos outro. Então todo mundo dizia que era lambisomem.

Eu: Era ele que fazia?

Vava: A mesma coisa das pessoas que acreditam em feitiço. Era mais ou menos assim, em sortista. Tem gente que acredita em tudo isso. Eu não acredito. Eu particularmente não acredito...

Eu: Mas quando tu era criança tu acreditavas...

Vava: Exatamente. Claro...

[...]

Vava: É. É o que eu falo, né. As pessoas diziam mais a partir do Lambisomem, né? Oh! Não vai lá que tem Lambisomem. Lá naquele lugar aparece assombração. Falavo em assombração muito também. Mas na verdade tudo era o medo do ser humano. Mas eu, particularmente assim, nunca vi nada não.

Eu: Não [risos]

Benta: Tinha a Bruxa também, que diziam que chupava criança... eles diziam.

Vava: Tinha é. Falavam na bruxa, que chupava a criança. A criança ficava embruxada... eles benziam. Tinha o benzimento, né? Hoje... ainda tem ainda.

Benta: Ainda vem gente atrás de remédios ainda: arruda, guiné. Aquilo tudo ali é guiné, ó! De vez em quando vem gente buscar. [ela aponta para um canto do quintal]

Aqui as criações são noções e imagens que os ligam aos seus hábitos e aos diferentes seres que vivem este lugar. Numa ideia de ambiente que extravasa para além de “realidades”, mostrando existir aquilo que se inventa.

Destas falas pontuo uma ideia presente: o medo do ser humano. Algo que o potente e belíssimo trabalho de Gilka Girardello (1998) – desenvolvido através de narrativas de crianças moradoras da Costa da Lagoa – já indicava, ao pensar sobre as possíveis ligações que se dão entre o campo imaginativo e os elementos culturais. Portanto, dando alguns sentidos para a presença dos mitos nas narrativas infantis. A pesquisa desta educadora, além de abraçar tantas construções que se dão no imaginário infantil, identifica algumas explicações possíveis para a presença do então lobisomem nas histórias contadas pelas crianças.

Girardello (1998) nos mostra, através da teoria narrativa, como os mitos se relacionam com a tentativa de resolvermos contradições reais: “Aos medos que sentem diante do mundo, a cultura de seu lugar lhes ensinou a dar certos nomes, como “lobisomem” (p. 155).

A partir destes enredamentos presentes, reconheço ainda outros modos de habitar esses espaços. E as pérolas encontradas estão naquilo que os personagens disparam para além dos moldes conhecidos.

Quando instigados a trazer seus olhos de criança, estes sujeitos adultos se lançam a contações sobre aqueles tempos, e inclusive, se dão ao luxo de também inventar. As palavras, as imagens, os passeios, as coreografias, todas as criações que vieram desses encontros com meus amigos de lá, são aqui como algumas portas, trilhas, caminhos, alguns disparos para promover algo que possa nos despertar, nos provocar um sorriso, um encontro, um encantamento, um olhar indagador, uma lágrima. Melhor ainda se fosse para incomodar, gerar um estranhamento...

No meio do falatório e do amontoado de palavras queria ouvir aquele som de descoberta. Mas mesmo que não o ouvisse, o interesse aqui seria também enriquecer-nos com algo novo que nos tira do campo das certezas e nos leva daqui... Algo como o que sugere Ana Godoy (2012): “o experimentador e o leitor ao serem desprovidos de suas certezas se vêm às voltas com as derivas que atravessam as rotas” (p. 24).

Desse modo, as noções que me parecem importantes nos lançam a questionar as práticas e ações que nos deparam sempre com as mesmas respostas e que pouco apontam caminhos para um encontro de cada um de nós com algo que nos pareça mais próximo. Algo que, portanto, possamos nos sentir mais responsáveis e exija de nós o cuidado que possamos entregar...

“Mantemos os dois pés fincados no que já foi pensado, não nos aventuramos para além do reconhecível e do tranquilizador, na expectativa de que a vida seja isso e nisso se realize” (GODOY, 2012, p.

218). Como perder-se senão pelos restos? Por aquilo que a princípio parece não caber, mas que nos impulsiona para o novo, para outros modos de entender esse ambiente?

Às vezes quando criança, e em tantas outras vezes já adulta, estando na praia, gostava de fincar meus pés na areia, na beira da água. Gosto do jeito que a água vai tirando a areia de baixo dos meus pés e vamos afundando. Penso que sempre gostei dessa sensação, de ver a areia se movendo pelo mar, por isso não conseguia ficar ali por muito tempo. Saía do lugar e mais uma vez deixava a correnteza me agradar com a sensação de ter os dedos abraçados pelos grãos. Esse vai e vem e a comum inquietude de não deixar me fixar no chão me faz lembrar dessa insistência que tenho em me mover. Sentir a sensação de se fixar, o que pode ser bom por um tempo, mas depois de alguns instantes nada mais acontecerá. Só é preciso ter força para sair dali.

Para mim foi a princípio um tanto desconfortável habitar esses lugares das narrativas que me mostram um distinto modo de re(viver) o ambiente. Eu já estava repleta de imagens que marcavam esse lugar. Portanto nesse incômodo algo se promove... E nas falas deste capítulo, talvez ainda mais do que nos demais, há algo sobre pedaços de cada contador. Pedaços que se mostram, outros que se escondem e muitos restos que poderia ter ficado totalmente de fora, num olhar desatento voltado para o previsível.

E aqui me direciono para os restos que nos sufocam, “as roupas de tamanho único que, para servir em todo mundo, exige, na melhor das hipóteses (que nada tem de melhor), que nos espremamos um pouco – ficando aí difícil de respirar e nos movermos” (GODOY, 2012, p. 222). Poderiam ser eles clichês de amor, palavras já tão ditas como: “modos de salvar o planeta”; maneiras de pensar a cultura através de expressões que perderam a força e que parecem ainda mais estabilizadoras, imobilizantes, porque terminam quando o último fonema é dito, a última sílaba é lida, ficam por ali.

E diante de tantas barbáries e matanças do pensar e do criar, iludidas por algo que parece já pronto e “só” pedindo para que seja feito, realizado, relembro das palavras de Ana Godoy (2012) “ainda que o

corpo viva biologicamente, a destruição afetiva o impede de inventar mundos, condenando-o a uma repetição esvaziada de um mundo que ele já não pode habitar” (p. 223)

Talvez neste caso a imaginação seja uma abertura, uma possível trilha para a construção daquilo que desejamos entender como *espaçotempo*, espaço-sonho, espaço-desejo... Kieran Egan (2007) nos traz a noção de que ao imaginarmos estamos promovendo e criando possibilidades de nos relacionarmos com o mundo, com as pessoas, com os valores que nos são impostos. E talvez aqui esteja uma alternativa de produzirmos algo, no campo da criação, para que depois, ou até simultaneamente, essas noções possam entrar mais profundamente no poroso e permeável campo do cotidiano. Como separar modos de sentir e de produzir um espaço dos modos de vivê-lo? Produzimos na imaginação aquilo que desejamos viver.

Segundo Egan, “a imaginação se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de idéias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem” (2007, p. 13). E, portanto, me deparo com a importância de oferecermos a nós e àqueles que por vezes passam momentaneamente em nossas vidas, a liberdade mental para que criem, produzam suas invenções, sejam elas quais forem, para que então possamos nos deparar com o que há de intenso em suas vidas.

É claro que todo o aparato para a criação pode e deve ser oferecido por nós, o tempo todo por meio inclusive das duras informações. Mas o que insisto é que se faz necessário também estimular esses meios de criação. Um modo de se agir de tal forma pode ser através da própria promoção da narrativa, a qual estimula e ressignifica aquele que a promove, além daqueles que a presenciam. Como afirma Egan (2007): “a habilidade de acompanhar histórias estimula e desenvolve o modo narrativo da mente, e sua capacidade de criar sentido e significando” (p. 22), portanto, alimentando a imaginação.

A criação, que por muitos poderia ser entendida como diversão e não uma proposta de educação ambiental, pode ser entendida, portanto, como um modo de se promover potenciais trocas entre os indivíduos e suas relações. Podemos, através do que contamos, repensar nossas vidas para além daquilo que nos é dado pronto. E porque não promover mudanças? Por que não pensar um mundo outro? Como afirma Egan (2007): “uma imaginação bem desenvolvida ajuda-nos a sentirmo-nos indomáveis pelo hábito, inabaláveis pelos costumes” (p. 28).

E para fechar este capítulo que já povoou o mundo dos objetos e brincadeiras e agora perambula pelas provocantes questões da imaginação, faço uso de algumas palavras da personagem Estamira no filme que leva seu nome (ESTAMIRA, 2005). Trata-se de uma expressão que sempre ressoa por aqui quando abraço a importância da criação. Algo que a princípio não pude entender, mas agora ganhou sentido a ponto de me parecer mesmo genial. Estamira diz com toda a sua descrença nesse mundo da realidade e de verdades: “Tudo o que é imaginário existe, é e tem.”

CAPÍTULO 6 – Últimas linhas

Ao observar o percurso que trilhei para chegar até estas últimas linhas me reconheço como mais uma personagem que vem das margens⁴⁰, senta-se em uma carteira de prestigiosa instituição de pós-graduação e ali se reconstrói pesquisadora, educadora, escritora...

Foram inúmeras passadas, alguns tantos tropeços, tombos e reerguidas que antecederam esse ponto de parada. Para chegar aqui, relembro das tantas passagens em instituições escolares, públicas e particulares. Recordo da descrença que vi em estudantes ao falarem sobre um futuro ligado à educação e também das palavras de incentivo que recebi de meus amigos e familiares. Retribuições ao meu esforço...

Sou neta de pescadores. Dentro de meu contexto familiar a finalização de um curso superior já é um grande passo. Um mestrado em educação, então, um privilégio.

Por vir desse lugar sei o quanto minha formação tem questões políticas, e algumas escolhas que encarei ao longo desta pesquisa são enredamentos a intenções anteriores. Eu me interesso em deixar espaço para os meus conterrâneos, portanto, desejo trazer suas vozes, seus modos de falar, seus tempos, não só por questões metodológicas, mas devido a forças que salientam: de onde venho. Por isso não há mais rejeição das falas, dos regionalismos, dos erros gramaticais que estão presentes aqui e por todo lugar. Trazer nossas histórias é uma escolha pedagógica. E parece-me edificante pensar, através dessa ideia presente em Reigota (2010), o que podemos produzir com toda informação e sabedoria que vem das margens.

Se em algum momento havia dúvidas quanto a correção das palavras e expressões presentes nas entrevistas, quanto a presença ou ausência das trajetórias de todos que estão por aqui... Se havia algum receio por abrir tantos espaços para estas falas, reconheço agora que o desejo de ouvir precede, como uma intenção de vida. É desse lugar que vem a força para seguir.

Como venho construindo essa fala através de Reigota (2010), nada mais justo do que trazer uma fala potente de sua escrita, a qual exalta a importância de se “abrir ao pensamento e contribuições dos que vêm das margens e ouvir delas e deles o que trazem como experiência,

⁴⁰ Uma noção presente no artigo de Marcos Reigota “A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens” (2010), o qual inspira este texto final.

reflexão original e contribuição teórica em sintonia com o tempo histórico e com a sociedade em que vivemos” (p. 5).

Fica notório agora que é dessa escuta franca dos sujeitos que surgiram as maiores aprendizagens, as quais por vezes se afastam dos livros e literaturas ditos acadêmicos, mas também tem o poder de promover questionamentos e mover. Foi ao reconhecer as falas, minhas (através dos diários) e dos personagens que presenciei as cenas mais intensas, desestruturantes e edificantes.

Nesse caminho encontro a necessidade de exaltar o quanto as pesquisas acadêmicas se intensificam quando envolvidas com/no/através do cotidiano. “Não estava estudando os habitantes da região (nem lhes fazendo sermões), mas “aprendendo” algo ao seu respeito”, diz Portelli (1997, p. 25). E eis aqui a importante diferença que carreguei comigo para as entrevistas e depois para todo o longo processo de criação a partir delas. Queria aprender com eles, com suas histórias de vida e, é claro, isso não foi só um discurso, era algo que eu acreditei a todo instante, por isso a espontaneidade...

Durante a construção desta dissertação pude assistir a dezenas de cenas, desenhadas pelo poder das palavras. Criei, ao ler esses retalhos, imagens disformes, sem contornos... E talvez, por remeteram a tantas outras noções presentes em mim, pude as costurar de modo que circulassem entre aquilo que elas tocam: filmes, lembranças, músicas, poemas, repertórios...

Nessa produção, agora entregue, há também um enredo, um passeio, num entrelaçamento de imagens, histórias, noções, que fui unindo a partir das sensibilidades que estas me provocavam. Foram tantas outras as possibilidades que eu tive em alinhar as histórias... Compartilho contigo, amigo(a) leitor(a), que foram muitos os esboços, os rascunhos, os caminhos e setas que desenhei e redesenhei para te entregar essa colcha. Não foi nada fácil, nem tranquilo construir esta escrita diante das tantas possibilidades que as narrativas me abriram. Encontrei alinhamentos antigos, outros desconhecidos, retalhos de modismos e restos que se costuraram formando algo que é meu, mas também é deles, é (de) um lugar e (por que não?) teu.

Portanto, essa colcha traz a riqueza daquilo *que me encontrei*, o que se diferencia do *que encontrei*. Muitas ainda são as histórias que ficaram na margem, permanecendo ausentes aqui. Há um tanto de fora não só por não estar no papel, mas também por não caber nele. Papéis não aceitam sons, nem cores, nem olhares, tremores ou texturas... Aquelas sensações ninguém mais terá, nem eu...

Por esse motivo essa colcha não ficou pronta, pois cada retalho a ela costurado a fará crescer, a ponto de também estender-se e cobrir tuas lembranças, aquecer tuas memórias, enxugar tuas lágrimas, encontrar-se com teus sorrisos. Porque o que ela traz são retalhos e linhas de um ambiente, portanto elas contam sobre gentes, seres (e aqui estão os objetos) que extravasam barreiras, linhas, muros, canais... os obstáculos também o constituem. E não há regras sobre aquilo que nela devemos adicionar.

E dizer que o que me moveu era pensar: o que pode tocar uma pessoa? O que pode fazer nos envolver a um ambiente, ser ambiente, viver ambiente? Uma pergunta tão subjetiva e complexa que se torna insano fazê-la. E me comovo com minha própria ingenuidade de ter, em algum momento, me lançado a esse mar revolto, achando que poderia compreender seus mistérios.

Por isso fomos encontrando diferentes e singulares mapas para navegá-lo. Mas somente fomos entendendo alguns mistérios que os regem (correntes, ventos, as influências da lua e das estações). Porque navegar é uma experiência única. Não pode se restringir a algumas regras... E como fazer isso com a educação?

Ao final entendo que fomos felizes com o que produzimos. Sim, no plural, por, enfim, não conseguir mais entender esta como uma produção minha. E por reconhecer e agradecer tamanha participação daqueles sujeitos e do meu orientador, presentes nesta empreitada. Entendo agora que o que conseguimos foi humildemente encontrar nestas tramas sutis fios intensivos, que contavam sobre mundos que os habitam, sobre ambientes que estes sentem-aprendem-ensinam-inventam-vivem.

E como despedida, diante de tantos fins possíveis, deixo um que representa a gratidão que tenho por todos os meus amigos narradores. A vocês, um eterno obrigada!

“Após a gravação fiquei mais um bom tempo no aconchego daquela casa, com a companhia do casal. Conheci um pouco mais suas plantações e bati fotos das suas plantas. Fui surpreendida com as riquezas que a Dona Benta faz na cozinha: os potes de colorau produzidos por ela, os queijos, as natas, os bolos, os pães e até o café, torrado no fogão a lenha (que por sinal era lindo, branco, mostrando todo o seu cuidado com a

casa). Bati foto também dos objetos que fizeram parte da nossa conversa, alguns lembrados como utilizados pela família há anos. O caldeirão da mãe, a chaleira, o pilão - um da família do Sr. Vava e outro da Dona Benta. Ambos crescidos na mesma comunidade, sob os mesmos olhos, com diferença de seis anos de idade... Ele com 22 e ela com 16 fugiram após duas semanas de namoro... Histórias que insistem em ser lembradas, recordações que parecem vir o tempo todo, além de outras que parecem forçadamente serem esquecidas... Quantas histórias esquecidas... "Não gosto de me lembrar" dizia ele... E quanto me ensinou com aquilo que não quis lembrar... quanto pode ensinar...

Com o gosto do café gostoso e farto daquela casa humilde, com a sacola cheia de bananas e queijo, saí daquela casa tão acolhedora pela sua simplicidade, que chorei no carro. Emocionada, mas sem poder entender esse sentimento. Porque temos tanto e não temos o muito? Talvez isso se dirija pra mim, em especial. Algo me dizia - e fica aqui martelando ainda - "Veja! Tu realmente gostas e valorizas tudo isso... Esse é o seu muito!"

Sei que saí de lá dizendo a eles: "Eu nem sei como agradecer esse carinho de vocês..."⁴¹

⁴¹ Trecho do diário dia 13 de abril de 2013

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Espaço e tempo de ensinar e aprender. In: CANDAU, Vera (Org.) *Linguagens, espaços, tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 21-33.

ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARCELOS, Valdo. *Octávio Paz – Da ecologia global à Educação ambiental na Escola*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007a.

_____. Navegando e traçando mapas: uma contribuição à pesquisa em educação ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicenti de (Orgs.) *Metodologias emergentes de pesquisas em Educação ambiental*. 2ª ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2007b.

_____. *Ponte pênsil*. Porto Alegre: AGE, 2007c.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas - as infâncias de Manoel de Barros*. Editora: Planeta do Brasil, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5ª ed. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. – São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald [et al.] 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação*. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória/ Sertão*. São Paulo: Editorial Conesul/ Editora UNIUBE, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. [entrevista]. Estudos sobre cultura: uma alternativa latino-americana aos *cultural studies*. Porto Alegre, *Revista FAMECOS*, nº 30. Agosto, 2006.

CÍCERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

COLUCCI, Vera. A impulsão para a escrita: o que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Orgs.) *A bússola do escrever*. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3 ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 383-408.

COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. 2ªed. Lisboa: Editorial Caminho Nosso Mundo, 2005.

EDIFÍCIO MASTER. [Documentário – vídeo] Direção: Eduardo Coutinho. Sonoro, colorido. Rio de Janeiro: 2002. Duração 110min.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, G. S. (Org.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas: Papyrus, 2007.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ENTRE MARES E MONTANHAS. [Documentário – vídeo]. Direção: Tatiana Kviatkoski. Sonoro, colorido. Governador Celso Ramos: 2009.

ESTAMIRA. [Documentário – vídeo]. Direção: Marcos Prado. Elenco: Estamira. Sonoro, colorido. Rio de Janeiro: 2005. Duração: 121min

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Pesquisa com o cotidiano. In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu/MG. Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED. v. 1. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 1-20.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 27 ed. São Paulo: FGV Editora, 2010.

GIRARDELLO, Gilka. *Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa*. 1998. 223p. Tese [Doutorado] – Curso Ciências da Comunicação/Jornalismo, Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 1998.

GODOY, Ana. Um modo de habitar [sobre restos]. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Júlia Schadeck (orgs.). *Ecologias inventivas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Construindo um tema de pesquisa sobre educação e meio ambiente. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BRUEGER, Paula; SOUZA, Suzani Cassiani; ARRUDA, Vera Lícia. *Tecendo Subjetividades em educação e meio ambiente*. Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC, 2003.

_____. O que eu poderia ser se fosse para outro lugar? In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. (Orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Porto Alegre: Educação & Realidade. Vol. 22. N. 2, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, 2002, p. 20-29.

LE GOFF, Jacques. *Memória – História*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LOPES, Denilson. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Notas para hacer memória de La investigación cultural em Latinoamérica. In: RICHART, Nelly. *En torno a los estudios culturales: localidades, trayectorias y disputas*. Santiago del Chile: CLACSO y Editorial ARCIS, 2010.

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meirelles: crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2012.

NEVES, Margarida de Souza Neves. A educação pela memória. *Revista Teias*. v.1, n.1. Rio de Janeiro: UERJ, jun. 2000.

O CARTEIRO E O POETA. [Filme] Direção: Michael Radford. Colorido, sonoro. Itália: 1994. Duração: 109min.

OLIVEIRA, Paulo Salles. *Vidas compartilhadas. Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. 2ª. ed. São Paulo, Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. *Memórias e experiências: aspectos culturais Irrenunciáveis de comunidades do entorno da Laguna - 2000 à 2011*. [dissertação de mestrado] PPGE/ UFSC, Florianópolis, SC, 2011.

PIACENTINI, Telma Anita. *Fragmentos de Imagens de Infância*. Tese [Doutorado] Universidade de São Paulo, 1995.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História – Departamento de História da PUC-SP. vol. 15. São Paulo, 1997.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Onde sonham as formigas verdes: sonho, silêncio, vazio. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. (Orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

_____. Perder-se: experiência e aprendizagem In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslau M.. (Orgs.). *Grafiás do Espaço - Imagens da Educação Geográfica Contemporânea*. Campinas: Alinea, 2013.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

REIGOTA, Marcos. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, ano 11, nº 21, jan/abr 2010.

RIBEIRO, Leila Beatriz; MACIEL, Fabio Osmar de Oliveira; COSTA, Silvia Ramos Gomes. Coleção e Memória: A trajetória dos objetos a partir da análise fílmica In: *Anais Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*, 2010.

SAMPAIO, Shaula Maira Vicentini. Rastros e deslocamentos nos territórios da Educação Ambiental: tópicos sobre a fabricação de narrativas de identidades. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. (Orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

SANTO FORTE. [Documentário – vídeo] Direção: Eduardo Coutinho. Sonoro, colorido. Rio de Janeiro: Distribuição RioFilme e Funarte, 1998. Duração: 80min.

SCARELI, Giovana; ANDRADE, Jéssica Gonçalves de. A entrevista nos filmes Santo Forte e Boca de Lixo, de Eduardo Coutinho. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana. (Org.). *Cinema, Educação e Ambiente*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p. 53-71.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SOARES, Alix Pedro. *Uma luz no meu caminho*. Governador Celso Ramos: Edição do autor, 2010.

WALL-E. [Animação]. Direção: Andrew Stanton. Pixar Animation Studios. Sonoro, colorido. EUA: 2008. Duração: 98 min.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura & Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

ZANCO, Janice. *Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri*. Dissertação [mestrado] Programa de Pós-graduação em Educação – UFSC, Florianópolis, SC, 2010.

Agradeço a todos os demais materiais e artefatos: conversas, livros, filmes, propagandas, aulas e escritos perdidos, que de alguma forma propiciaram e inspiraram esta escrita, mas que por diferentes motivos ausentaram-se desta lista. Fica aqui a minha lembrança e o meu obrigada.

ANEXO 1 - Roteiro

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

Data:

Localidade:

Nome:

Idade:

Onde nasceu:

Profissão:

1 – Sempre morou no local? Quais lugares de Governador Celso Ramos fizeram parte de tua infância? Como?

2 – Sobre tua infância. Algum objeto em especial marcou esse período de tua vida? Qual? Como posso registrá-lo?

3 – Quais lembranças disparam quando tu pensas na sua infância e nesse objeto? Quais as ligações com esse objeto?

4 – Tu te lembras de alguma experiência que te tocou em relação a esse lugar? Por que isso aconteceu, acontece? Quais histórias poderias me contar que mostram um pouco da tua relação com o lugar onde passaste tua infância?

Registros:

- Fotos do material

- Fotos com a pessoa

ANEXO 2 – Termos de Autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, ANILTON CESAR GARCIA
_____, inscrito no CPF número 457.444.089-91
residente e domiciliado em CALHEIROS - GOVERNADOR CELSO
RAMOS _____, neste ato denominado AUTORIZANTE,
outorga o seguinte trecho de autorização:

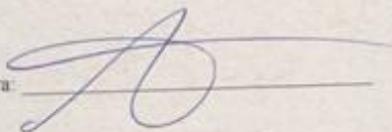
1 – O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e de todos os elementos que a compõe para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 – O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 – A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 10 de ABRIL _____ de 2013

Assinatura: _____



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, ARIETE ALVES GARCIA
_____, inscrito no CPF número 846.021.809-06
residente e domiciliado em CALHEIROS - GOVERNADOR CELSO
RAMOS _____, neste ato denominado AUTORIZANTE,
outorga o seguinte trecho de autorização:

1 – O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e de todos os elementos que a compõe para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 – O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 – A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 10 de ABRIL _____ de 2013

Assinatura: _____



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

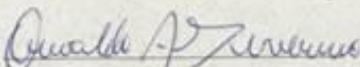
Pelo presente instrumento, ORIVALDO ALEXANDRE SEVERINO, inscrito no CPF número 860.250.319-91 residente e domiciliado em AREIAS DE BAIXO - GOVERNADOR CELSO RAMOS, neste ato denominado AUTORIZANTE, outorga o seguinte termo de autorização:

1 - O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e voz, e de todos os elementos que as compõem, para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 - O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 - A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 23 de ABRIL de 2013.

Assinatura: 

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, Christiana M. B. Martins
inscrito no CPF número 927.933.209
residente e domiciliado em Balheiras, Governador Celso
Ramos, neste ato denominado AUTORIZANTE,
outorga o seguinte termo de autorização:

1 – O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e voz, e de todos os elementos que as compõem, para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 – O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 – A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 05 de abril de 2012.

Assinatura: _____

Christiana M. B. Martins

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, BENTA JOAQUINA SEVERINO, inscrito no CPF número 027.487.259-56, residente e domiciliado em AREIAS DE BAIXO - GOVERNADOR CELSO RAMOS, neste ato denominado AUTORIZANTE, outorga o seguinte trecho de autorização:

1 - O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e voz, e de todos os elementos que as compõem, para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 - O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 - A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 23 de ABRIL de 2013.

Assinatura: Benta Joaquina Severino

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, Maria Santina Boello
_____, inscrito no CPF número 868.239.739-00
residente e domiciliado em Ancias de Baixo
Governador Celso Ramos, neste ato denominado AUTORIZANTE,
outorga o seguinte trecho de autorização:

1 - O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e de todos os elementos que a compõe para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 - O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloísa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 - A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Governador Celso Ramos, 16 de maio de 2012.

Assinatura: _____

msboello

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, ALIX PEDRO SOARES
inscrito no CPF número 103549639/49
residente e domiciliado em RUA JOÃO BITENCOURT, N.º 386
AP 603, neste ato denominado AUTORIZANTE,
outorga o seguinte trecho de autorização:

1 - O autorizante autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e voz, e de todos os elementos que as compõem, para fins de pesquisa e divulgação de seu trabalho.

2 - O foco do atual registro é a pesquisa de Mestrado de Heloisa da Silva Karam, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3 - A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por livre e espontânea vontade do autorizante, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido ao autorizante, a qualquer tempo ou título.

Florianópolis, 10 de JANEIRO de 2013.

Assinatura: _____

